

Autores espirituais diversos

# Âncoras de Luz



Psicografia de **Eurípedes Kühl**

Autores espirituais diversos

# Âncoras de Luz

Psicografia de Eurípedes Kühl

Âncoras de Luz  
Autores espirituais diversos  
Psicografia de Eurípedes Kühl

Data da publicação: 20/10/2022

REVISÃO: Cínthia Cortegoso  
CAPA: Maria Líria de Souza Cortegoso  
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador  
Rua Senador Souza Naves, 2245  
CEP 86015-430  
Fone: (43) 3343-2000  
[www.oconsolador.com](http://www.oconsolador.com)  
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

A555	Âncoras de luz / psicografia de Eurípedes Kühl, autores espirituais diversos; revisão de Cínthia Cortegoso; capa de Maria Líria de Souza Cortegoso. - Londrina, PR : EVOC, 2022. 128 p.
	1. Literatura espírita. 2. Obras psicografadas. I. Cortegoso, Cínthia. II. Cortegoso, Maria Líria de Souza. III. Título.
	CDD 133.93 19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luíza Perez CRB9/703

À Lucy, mulher amada.

*Vinha navegando e a Vida deu-me  
um farol de presente: você.*

NOTA: Lucy Câmara Kühl, casada com o médium em 1961, com ele vem colaborando em todas as reuniões mediúnicas, nos Centros Espíritas, onde foram psicografadas as páginas deste livro, além de 10 (dez) romances mediúnicos.

## GRATIDÃO

A Deus, pela Vida.

A Jesus, pelo Evangelho.

Aos Espíritos-autores, pelas mensagens fraternas.

Aos Grupos Espíritas nos quais estas mensagens  
foram recebidas, pela colaboração.

O Médiun

## SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	7
INTRODUÇÃO .....	8
ÂNCORA A BOMBORDO.....	10
A ROSA E O ICEBERG.....	13
O NATAL E A SAUDADE.....	16
DESCENDENTES DE CAIM.....	19
A LINHA DE CHEGADA .....	22
O PELOURINHO E O MAR.....	25
A FORÇA .....	28
O CRIME E O PERDÃO.....	31
ESCRAVOS, AINDA.....	34
O BEM INTEGRAL.....	37
A TERCEIRA FACE .....	39
A DERRADEIRA MORADA .....	41
PIRÂMIDES .....	44
TAREFAS MULTIPLICADAS .....	47
SÍNDROMES E DOENÇAS .....	50
ALDEBARÃ E JESUS.....	54
FALSO ESPLENDOR.....	58
ARQUIVOS DA NATUREZA.....	61
DEVOÇÃO .....	64
FLORES E MÉDIUNS.....	67
A MANGUEIRA.....	69
O COLIBRI E A FLOR.....	72
HERANÇAS.....	74
FAVORES DIFÍCEIS .....	77
CRISES.....	80
A HISTÓRIA DE UM SINO.....	83

CHUVAS NO MAR .....	85
ÁRVORES E DISPENSÁRIOS .....	88
ESSÊNCIAS .....	90
VULCÕES ADORMECIDOS .....	92
REFORMA NA AUTORREFORMA.....	94
ESCRAVOS E TURISTAS .....	97
O CORPO E A CASA.....	100
O MUNDO É UMA FORJA.....	102
AMPARO.....	104
O FATOR OCULTO.....	106
A INVEJA.....	109
GENEROSIDADE.....	113
O DESERTO E A METRÓPOLE.....	115
ALINHAMENTOS.....	117
A PAZ DO EVANGELHO.....	120
ÓRBITAS.....	122
A PAZ DOS CEMITÉRIOS.....	124
O MAR E VOCÊ.....	127
COMEDIMENTOS.....	129
ARRIBAÇÃO .....	132
COLOMBO E KARDEC .....	135
BAGAGENS.....	138
O LÍRIO E A CEGONHA.....	140
CONTRASTES.....	142
AINDA ACONTECE.....	144
NINHOS .....	146
O EFEITO DOMINÓ .....	148
O GETSÊMANI DE CADA UM.....	151
SUSPEITAS.....	153
HORA DE PLANTAR... HORA DE COLHER.....	155
O RELÂMPAGO E O "RAIO LASER".....	157

## PREFÁCIO

Neste livro, cada item, cada mensagem dos irmãos que já partiram é como pérola sublime de incentivo, vinda de Espíritos Maiores, trazendo experiências para os que estão no cipoal da Terra.

**Âncoras de Luz**, mais uma obra da pena (mediúnica) segura de Eurípedes Kühl, torna obrigatória a leitura diária dos ensinamentos contidos em suas páginas de autoajuda. No mundo consumista de nossos dias, essa leitura é um refrigerio às nossas almas doridas, pelos confrontos do cotidiano.

O homem hodierno é tão indiferente às pessoas que o cercam que até mesmo, em uma longa viagem de avião ou ônibus, não se apercebe das criaturas que o cercam, como tão bem está registrado no capítulo "Crises", desta obra.

Estamos tão mergulhados em nossos problemas materiais que não lembramos das coisas do Espírito. Somente quando a senilidade se aproxima fazemos um retrospecto de nossas existências, num alerta para a grande mudança — a chamada morte do corpo.

Como diz o Espírito Dulce, é hora de mudar de escada. Poucos estão preparados para saber esta hora, uns menos, outros mais, mas todos temerosos na grande dúvida do desconhecido.

Lendo esta obra, o leitor interessado irá perscrutar no seu íntimo as verdades divinas, preparando-se cada vez mais no aperfeiçoamento do Espírito.

Ainda na Terra, somos como andarilhos solitários à procura do Evangelho redentor, que distribui os bons frutos vindos da árvore benfazeja da palavra do Semeador Divino, aquele que semeia por onde for, migalhas do carinho nas luzes do Amor.

Bauru/SP - Em 20.Janeiro.1997  
Prof. Vicente de Paulo Ayello

## INTRODUÇÃO

**A**lguns contos, alguns versos, boa prosa — tudo pela via mediúnica — , eis o que você encontrará nesta obra, toda ela elaborada de forma a ofertar pontos de reflexão para todos os que, de uma forma ou de outra, buscam explicar o hoje, achando a origem no ontem, com isso preparando-se para o amanhã.

Aqui são descritas situações de vida de todos nós, observadas do plano espiritual. Por isso mesmo, constituem poderoso estímulo evangélico para lidar com problemas...

— Problemas: quem não os têm?

Espíritos amigos, em linguagem simples e fraterna, comentam as dificuldades que se apresentam à criatura humana, sugerindo como solução a busca racional da origem delas: no passado. Com isso, induzem-nos à renovação de forças, acompanhando nossos passos na estrada da paz: o Evangelho de Jesus.

Os temas abordados formam painel do dia a dia de todos nós, em momentos alegres ou tristes, muitos deles já vividos por nossas almas, na forma de sentimentos que visitam a razão. Desse encontro — coração e cérebro (alma e razão) —, o Espírito se agita, se desdobra, vai ao passado, entende o presente e vislumbra o futuro.

A autoajuda é a constante desta humilde obra, cujos autores nem queriam que seus desconhecidos nomes fossem registrados, mas tão somente sua intenção.

Médiuns e não-médiuns (existem?), a todos são dirigidas palavras diretas de quem já vivenciou e ainda vivencia as mesmas dificuldades que nos contemplam, na paisagem do nosso roteiro evolutivo, ora encarnados, ora desencarnados.

A singeleza dos textos decifra, do voo de um colibri beijando uma rosa, à quietude milenar da “mulher-leão”, sentinela permanente das pirâmides egípcias, não o enigma da Esfinge de Gizé, mas o do homem: nossa consciência é a sentinela perpétua dos nossos atos.

Por isso, prudente é meditar no que ela nos diz, sendo que este livrinho, talvez, nos ajude a ouvi-la.

O Editor

## ÂNCORA A BOMBORDO

Navegadores da Vida: JESUS timoneiro

**M**ar sereno, enfeitado de luar. Águas ligeiramente onduladas, plácidas, calmas, infinitas.

Terra longe.

As estrelas, pontuais, enviavam seu boa-noite a um rústico e pesado navio cargueiro que, em rota definida, tracejava um sulco onde a luz lunar como que abria uma estrada no mar, com espumas brilhantes constituindo invulgar cenário de beleza e imensidão.

Estrelas, todas, vigilantes e orientadoras.

O navio, há muito flutuando em águas de alto mar, mantinha-se em equilíbrio e em bom nível de flutuação.

Ninguém sabia, a bordo, qual a profundidade que se ocultava após a imensa lâmina de água.

Seguia o navio.

Dormia a maior parte da tripulação.

Eis que, quase imperceptivelmente, o cenário foi se mudando. Pequenas nuvens começaram por encobrir as estrelas, que deixaram de ser vistas. A brisa das altas horas acentuou seu influxo e com o acréscimo de inesperada energia, as águas iniciaram movimentos mais rápidos, desencontrados. Da placidez, passou-se à turbulência.

Foi nesse tempo que a tripulação, alertada pelos plantonistas, acordou sobressaltada e veio para o convés.

O navio, de boa e reforçada construção, suportou estoicamente os embates violentíssimos das ondas, já agora transformadas em vagalhões indomáveis.

O que ficou prejudicado e em iminente perigo foi o equilíbrio do barco, demonstrando, sem dúvida, que logo emborcaria ou soçobraria.

Então, um humilde marujo procurou o capitão comandante e sugeriu, entre tímido e convicto, que a solução para o reequilíbrio da nau talvez fosse lançar âncoras, não só na proa, como na popa, a estibordo e a bombordo.

Sim. Aquele navio era um barco que visitava países do mundo todo oferecendo âncoras, comerciando-as para uma indústria estaleira de grande porte. E o navio, para as demonstrações que realizava em vários ancoradouros, às vezes lançava âncoras, nele previamente instaladas, nos seus quatro pontos cardeais.

O comandante, homem experiente e prudente, viu na ideia a solução. Pelo menos, a única possível naquele momento. E ordenou: "âncoras a bombordo, a estibordo, popa e proa!"

Âncoras lançadas o grande navio com isso equilibrou-se, passando a sentir alívio das formidáveis pressões da massa d'água se deslocando e abalroando-o e manteve-se à tona, até de manhã, hora em que o tempo amainou.

Como veio, a tormenta foi.

E o grande barco continuou sua viagem.

Navegadores da Vida: quando o mar das inclemências individuais nos ameaçar, na nossa grande viagem que é a existência, tenhamos âncoras para lançar.

Tanto quanto nosso Norte é sempre espiritualmente magnetizado pela vinda do Grande Timoneiro, há quase dois mil anos, também temos o timão da alma, que pode e deve ser manobrado pelo comandante que temos alojado na consciência.

As âncoras, no mínimo quatro, podem ser comparadas a um procedimento moral, necessariamente evangélico, para poderem produzir segurança.

São elas, as quatro âncoras: Amor, Humildade, Tolerância, Trabalho.

São âncoras de luz.

Da mesma forma como nas noites, o mar encapelado crisa ondas em volta dos barcos, na viagem da nossa existência pelo mar da vida, por vezes também somos envolvidos por embates a nos ameaçar a paz, podendo desordenar nosso viver.

É na hora dessas tempestades na escuridão que aquelas quatro âncoras podem nos salvar, além de iluminar a vida. É só serem lançadas.

Ventos e ondas são nossas dívidas que comparecem reclamando reequilíbrio da balança cármica.

Estrelas são os Mensageiros Celestiais que sempre nos orientam mas que nem sempre nossos defeitos, quais nuvens cinzentas, nos permitem vislumbrá-los.

Somos navios bem feitos, porque feitos no Estaleiro Universal. Divino.

Os marujos plantonistas são nossos aprendizados cristãos.

*Se navegar é preciso* sigamos para o porto onde nos aguardam bons negócios, isto é, vamos aonde possamos exercitar o dom sublime do intercâmbio com outros povos e outras gentes. Com certeza, lá nos esperam almas sequiosas por algo que tenhamos a lhes oferecer e almas outras que estão com muitas saudades da nossa presença, para eles, incomparável.

JESUS é um dos que nos aguardam lá e desde já podemos reconhecê-Lo, mesmo ainda distante, pois Ele é o farol do mundo.

Van der Goehen

## A ROSA E O ICEBERG

Toda vez que algumas pessoas vibram sintonizadas em torno do mesmo ideal, durante um certo tempo, um grupo permanente pode ser formado.

Um grupo pressupõe e mesmo exige objetivos fundamentais. Os propósitos hão que estar bem definidos.

Qualquer grupo, bom ou mau, não prescinde dessas condições. Exemplos:

- se vários malfeitores intentam uma causa comum, um grupo negativo poderoso é formado;
- se as famílias de um bairro se preocupam pela escola dos seus filhos, ela logo será erguida e as crianças agrupar-se-ão;
- se vários profissionais de uma mesma categoria encontram barreiras comuns, unem-se e o sindicato surge;
- um rio que impeça a comunicação física de uma cidade com outra, ou mesmo de aldeia a aldeia, com brevidade será contemplado com uma ponte, construída e instalada por um grupo que assim tenha agido impulsionado pela mesma necessidade;
- consórcios, todos, são expressão eloquente de pessoas afins, agrupadas nos seus ideais de consecução de algo ou de formação de patrimônios similares;
- idealistas do Bem, olhos voltados para o próximo, instintivamente se encontrarão no mundo, quase que automaticamente e juntos formarão equipes de socorro, material e/ou espiritual.

A lei universal de ação e reação, conquanto aviltada e incompreendida pela maioria dos homens, nem por isso deixa de

agir, em todos os casos, atos e fatos, unindo presente, passado e futuro. Exemplos:

- se bandidos se agrupam, delegacias policiais são criadas ou ampliadas;
- novos alunos, novas classes, novas escolas;
- sindicatos, consórcios e tantos outros agrupamentos, embora cumprindo seu papel, nem por isso se eximem de formidáveis obstáculos, que lhe são incessantemente antepostos.

E aqui chegamos ao ponto de enfoque destas pequenas crônicas: toda vez que um grupo mediúnico se inaugura, encontra a contrapartida no mundo espiritual inferior, que com ele se debate e com ele, sem tréguas, inaugura combate cerrado, de longa duração e onde só no amor estará a vitória final.

As forças superiores do Bem, ajudando incessantemente a todos, mas respeitando o livre-arbítrio, grupal e individual, formam a bênção-suporte de continuidade e perpetuidade da equipe que bases sinceras tenha e que de amor puro se arrime, já que os semelhantes se atraem.

Todo aquele que não permanece num grupo, seja seu fundador ou trabalhador extemporâneo e tardio que não mais volta, comprova, de modo singular, sua desarmonia vibratória com ele.

Um grupo sólido é assim como uma rígida construção que desconhece a inclemência dos temporais.

Não há necessidade de que todos de um grupo sejam brilhantes, intelectuais, abastados. Mas, inevitáveis, há aqueles colaboradores que estabelecem contendas, silenciosas ou espalhafatosas, do "muito que fazem", segundo julgam e alardeiam.

Ninguém trabalha mais do que ninguém.

Ninguém é superior a ninguém.

Bom, em termos de grupo, é aquele no qual todos os membros, todos, sem exceção, doam amor: isso os nivela e equaliza, perante os olhos do Alto.

Não encontraríamos rosas nos icebergs assim como os pinguins não seriam moradores felizes dos trópicos; o que pereniza e

garante a sobrevivência do grupo mediúnico, indiscutivelmente, é o amor de cada um, cuja soma, aproxima-o de Jesus, O que mais amou. Porque amou a todos e amou sempre.

As rosas agrupadas emanam a singela fragrância de agradáveis aromas.

Os icebergs, juntos, ajudam a equilibrar o clima terrestre, proporcionando as calotas glaciais.

E os Aprendizes do Bem, unidos no ideal mediúnico do Amor, são mais uma obra do Senhor.

Van der Goehen

## O NATAL E A SAUDADE

**E**u me lembro: era ainda muito criança. Buscando nos arquivos da memória, não encontrei sensação de maior felicidade.

Em casa, papai, mamãe, meus irmãos, meus avós, todos empolgados de uma desconhecida pressa, aguardávamos a chegada do Natal.

— Natal: o que quer dizer o Natal, para uma criança que o vive pela primeira vez?

Hoje, dezenas e dezenas de dezembros são passados e só então compreendo o que quer dizer o Natal. Naquela época, a festa era mais por conta das nozes, das roscas e das tâmaras que através dos mares tinham chegado até nossa mesa. A neve, presente lá fora, mas dando notícias no interior do lar, dizia-nos que o recolhimento doméstico, além de ser imperativo, era sobremaneira agregador. E então, às horas tantas, chegava um bom visitante, todo de vermelho, mensageiro dos sonhos, carregado de presentes. Presentes para todos.

Lembro-me bem: a primeira vez que vi Papai Noel fiquei emocionadíssimo e apiedado do frio que ele devia estar sentindo, com tanta neve embaixo do nariz e em volta de todo o rosto.

Papai, dando as boas-vindas àquele mensageiro sublime, convidava todos à oração. Na primeira vez, só eu fiquei de olhos abertos, pensando:

— Coitado daquele velhinho: tanto peso, tanta neve no rosto...

Não podia mesmo desviar meus olhos dele.

Papai, sem alongar explicações, falava de um Homem Bom, que incompreendido à sua época, séculos atrás, tinha sido martirizado.

Mas, tal martírio, resgatara a Verdade, pois que o Mártir, mais vivo do que nunca, jamais se afastara dos homens: pela Ressurreição, avocou a missão de orientar e salvar a Humanidade.

Papai dizia também que Jesus — o bom Homem — nunca se separara dos homens: sem ninguém saber, às vezes se apresentava como aquele velhinho.

Hoje, que também aquela neve está no meu rosto, compreendo que o Natal não é um dia: o Natal é sempre. Nós é que elegemos um dia, que o calendário consagrou universalmente, para cultuarmos a vinda do Mestre até nós, como homem.

Compreendo também porque tantas e tantas pessoas, assim como eu, por muito tempo não gostavam do Natal: pesa-nos o remorso do que fizemos com Jesus. E esse é um remorso milenar, do qual alguns vestígios rondam os dezembros e que muitos de nós ainda sentimos.

Por outro lado, lembranças de parentes amados que justamente no Natal, ou perto dele, partiram para a casa de Papai Noel.

Compreendo e da minha parte penitencio-me do erro no *Gólgota*, pois quem volta para as planícies espirituais na época do Natal encontra no caminho anjos e mais anjos que se perfilam de ambos os lados, quais escolares postados num desfile cívico. É que esses anjos, mãos unidas, são os condutores das preces que da Terra vão aos milhões para o Céu, quais estafetas de um gigantesco telegrama que dissesse a Jesus: parabéns!

E, quando tempos depois do Natal as cascas das nozes deslizam nas águas derretidas das neves, levando nossas saudades da Noite Feliz, não posso deixar de pensar que essas saudades, que as neves guardam por algum tempo, são parecidas com as saudades guardadas pelos séculos, de quando estávamos frente a frente a Jesus e não soubemos aquilatar a magnitude do presente, mal aproveitado, que Deus — o Grande Papai Noel —, então nos dera.

Eis porque, agora, já com a infância tão feliz arremessada distante no passado, pelos anos que passaram, sonho com cada Natal, pois naquele dia os homens se fazem meninos.

Pena que seja só uma vez por ano.

Van der Goehen

## DESCENDENTES DE CAIM

A humanidade se defronta, milênios e milênios superpostos, com a permanente perspectiva de guerras.

A morte de Abel, que nos noticia o Antigo Testamento, não é a morte de uma criatura, senão sim, o nascimento de um estilo de vida social.

Não contente com o que já tem, o homem sempre procura alhures bens que não merece, porque não conquistados dignamente. Tal ânsia pelo que não tem é uma constante no planeta Terra, desde que as primeiras pegadas (humanas) foram impressas no seu chão.

Olhando o mais forte sobreviver, graças à morte do mais fraco, o homem primitivo julgou que tal procedimento era o ideal. Pior que isso: acreditou ser a maneira ideal de vida. Assim, não distante do instinto animal, aliou a inteligência e malícia ao seu “modus vivendi”, de forma a dominar tudo.

De homem para homem, de família para família, de tribo para tribo, e finalmente, de povo para povo, vem o animal inteligente impondo-se ao mais fraco.

A extinção do dinossauro não lecionou à criatura humana que a força não é a última e mais poderosa razão na face da Terra.

Os canhões, se decidem guerras, nunca superaram ou superarão a pena que subscreve um tratado de paz.

Caim agiu com crueldade e até hoje seus descendentes — que somos nós —, pagamos por isso.

Atravessando as barreiras incomensuráveis das noites dos tempos, aquele alegórico assassinato ainda não foi devidamente equacionado, para que dele se extraíssem lições morais eternas.

Quem viver pequeno período nas lides humildes do ruralismo, desde logo perceberá que ali não há espaço para grandes tramas.

O homem do campo que, há pouco menos de oito milênios, se transferiu para a organização artificial da civilização não teria, na anterioridade, muitas conquistas a empolgá-lo, de molde a projetá-lo no abismo ignóbil da traição dos seus irmãos.

Tudo sobre a Terra sempre esteve sob as vistas de Entidades Siderais que, além da visão prospectiva, possuem naturalmente também, a visão perspectiva, referentes aos fatos marcantes da evolução humana.

Na região da Luz, o tempo não é medido como um suceder de fatos ou repetição de fenômenos, isto é, glória e decadência de impérios, noites e dias, invernos e verões, cíclicos, solstícios ou equinócios. Não. Lá, o tempo é medido pela evolução de cada um e pela somatória da evolução do planeta, que afinal, acompanha a humana.

Este planeta, a despeito de todo o desrespeito dos seus hóspedes racionais, será ainda por muito tempo seu endereço forçado.

Caim está vivo: o egoísmo dos povos desenvolvidos.

Abel está morrendo todos os dias: desencarnação de milhares de crianças dos países subdesenvolvidos, por doenças e inanição.

Na luta entre a razão e a força, sobressai a segunda, por enquanto. Mas, ao aproximar-se a primeira manhã de um novo milênio, alguma coisa já mudou — e continua mudando — na repercussão espiritual do ser humano: metade quer a guerra, metade quer a paz.

Da região espiritual sem a luz do Evangelho e com pouca solar, poderosíssima arma invisível vem, desde sempre, sendo ardilosamente instalada na mente dos Espíritos encarnados ensandecidos: a ânsia de conquistas. Tal arma, em funesta simbiose, participa assim dos morticínios terrestres. Lúgubre conluio bélico.

O Bem, contudo, agindo incansavelmente segundo sua própria essência, de respeito ao livre-arbítrio, nem por isso se queda

estático e indiferente às consequências dos conflitos mundiais bélicos.

Com tantas guerras deflagradas, nuances de abandono celestial poderão visitar corações toldados ou esquecidos de Jesus.

Nessa quadra, indispensável a Fé! Irremovível a Esperança!

Deus, o Criador, não terá criado os bilhões de nossos irmãos, dos quais milhares retornam abruptamente ao plano espiritual, por consequência das hostilidades das guerras, sem que isso se constituísse no melhor de suas escaladas de aprendizado, mais ainda, de resgate.

Tais vítimas, muitas delas, malgrado a tristeza do seu destino, são os ganhadores sobreviventes de combates passados, alguns perdidos no tempo, nos quais foram responsáveis diretos pelas mortes dos perdedores de então.

Para todas elas — as vítimas de hoje, ontem e de sempre —, preces de apoio devem ser proferidas, pelos homens de boa vontade.

Após a tormenta devastadora, não importa se de um minuto de tufão, ou de todos os séculos até aqui, como vem acontecendo pelas guerras, a calma retornará. Isso porque o mundo, também, não se calará sempre e nem permitirá que atrocidades se eternizem: a alvorada luminosa da Era da Razão, conducente à Era do Amor ao Próximo, já se aproxima.

Esse, o glorioso despertar da humanidade que sobre-existirá para todos os séculos e séculos do porvir.

Jesus está no comando geral do mundo como, aliás, sempre esteve e por isso, acontecimentos tais representam rescaldo do fogo depurador do coração humano, queimando suas maldades, para a reconstrução eterna do Amor.

Sendo Ele o Bom Pastor, de há muito arrebatou corações, resgatando pecadores e preparando novos tempos, para novos ideais, na plenitude da Fraternidade.

Van der Goehen

## A LINHA DE CHEGADA

**A** vinda de Jesus representou a chegada do Sol no dia que nunca mais teve noite.

Antes da chegada do Mestre, a história do mundo sempre se representou por uma grande noite, a cujas origens estão aquém da imaginação humana.

Criaturas em evolução, buscávamos a sobrevivência usando a força bruta, até que a razão nos equipou melhor.

Se os primitivos, copiando o exemplo dos animais, digladiavam-se e entredevoravam-se, sempre usando a lei do mais forte, com o passar dos milênios, a criatura humana compreendeu que a convivência e a união eram melhores conselheiras para sua sobrevivência.

O tempo passou.

O homem evoluiu.

Jesus veio.

Espíritos iluminaram-se.

O exemplo foi deixado.

Em todos os quadrantes da Terra, homens se perguntam quando adquirirão o sonhado passaporte para mundos felizes.

Agora, nos tempos de hoje, chegam aos céus, milhões de vezes ao dia, essa mesma dúvida: Quando deixarei esse vale de lágrimas?

É relativamente simples encontrar a possível resposta correta para tão transcendental questão.

Somos corpo e alma.

Para o corpo, existem competições mundiais que demonstram como conseguir recordes olímpicos, mediante treinamento científico e continuado, propiciando músculos aprimorados para que, a cada competição, a marca anterior seja ultrapassada.

A linha de chegada do campeão representa o triunfo dos assistentes que, no íntimo, se transferem para o rompimento peitoral da fita. Seus subconscientes fazem-lhes ver, na vitória do campeão, sua própria vitória.

Os aplausos, beirando às vezes à histeria, nada mais são do que aplausos externos, dirigidos, na verdade, para o interior de quem assim se manifesta.

Cada modalidade esportiva exige um programa particular de treinamento.

Essa, a tônica do triunfo físico, corporal.

Mas, paralelamente ao desenvolvimento e aperfeiçoamento do organismo, há também que se cuidar do aprimoramento espiritual. Como?

Essa, a pergunta que Jesus respondeu.

A aquisição de virtudes, uma a uma, é tarefa que exige consciência universal da lei do Amor. Não é possível a evolução total do Espírito, considerando-se que em termos de total só em Deus será sim possível encontrarmos o infinito do Bem, a Grandeza incomensurável da Perfeição e a Causa Primeira de todo o Universo.

Mas também não é impossível ao homem evoluir e evoluir muito. A evolução é meta de todas as criaturas, em todos os tempos, em todos os mundos: é meta universal, por ser decisão divina.

Assim, é relativamente plausível considerar que a criatura humana que possuir algumas virtudes, possa ser contemplada com a transferência deste planeta para um melhor.

É preciso considerar, no entretanto, que dentre essas virtudes, algumas condições espirituais são imprescindíveis. Citamos três dessas condições:

1ª - Quando a dor física não impregnar o Espírito com revolta ou desequilíbrio, uma condição básica terá sido alcançada;

2ª - Quando nenhuma palavra, nenhum ato, conseguir ofender, outra condição importante terá também sido conquistada;

3ª - Mas — como terceira indispensável condição —, situa-se a capacidade de amar. Amar, com instantânea espontaneidade, tudo o que os olhos vejam: minerais, vegetais, animais, semelhantes. Amar até mesmo as influências sutis, vindas do plano imaterial, sejam de que origem sejam, boas ou, principalmente, más. Aliando-se às primeiras e abençoando as segundas, transformando-as, pois, em mais amor.

Essas três condições, juntas, fazem com que o Espírito se purifique e com que o perispírito se torne menos denso, de forma a não mais necessitar do envoltório carnal que, embora seja sublime presente, não deixa de ser inferior, na escala de pureza corporal.

Então, esse Espírito será qual atleta que vence não uma, mas todas as competições esportivas terrenas.

Essa grande linha de chegada torna-se, dessa forma, na sonhada linha de partida para planos celestiais, onde habitam os anjos que um dia passaram também por tudo isso que hoje estamos passando.

— Braços ao alto!

Ao invés de segurarmos troféus de vitórias, peçamos a Deus mais oportunidades purificantes das imperfeições que trazemos na alma.

Por meio de competições de apenas um participante: nós mesmos.

Claudinei

## O PELOURINHO E O MAR

Sempre foi um sonho humano irrealizado, a noção do passado — individual e coletivo —, tanto que as pesquisas no campo do subjetivo, do imaterial, ligadas às sondagens dos retrospectos fotográficos da mente, são tão antigas quanto as atividades no campo da Arqueologia.

O homem buscou, desde sempre, mergulhar na História, e seu melhor esforço contemplou-o com notícias de outros povos, outras culturas.

Percebeu o pesquisador que a sabedoria é um caminho que pode ser percorrido por quem quer que seja: caminho esse que não tem começo definido, bem como seu final está no infinito.

Nesse caminho podem caminhar, lado a lado, semelhantes e dissemelhantes, pois que o progresso não tem preconceito. Nenhum preconceito.

O progresso é ação e ação contínua, incoercível.

Nada e ninguém conseguirá jamais detê-lo.

É lei de Deus!

Mas os procedimentos humanos, agindo com insensatez e com desamor, desviaram dessa rota os próprios Espíritos e, na ânsia incontrolável de poder, buscando atalhos impossíveis e inexistentes no caminho reto do saber, flagelam os mais fracos, justamente os mais necessitados de apoio. Plantação de problemas para o futuro.

Brada-nos a consciência: insensatos! Mudem seu proceder no mal e quais pequenos anjos encontrarão outro segmento do caminho, o maravilhoso e pacífico percorrer do porvir.

Buscando o passado, o homem perde tempo e não se alinha com o futuro. A magnânima bênção do Espiritismo veio selar, de vez, a ignorância sobre a lei de ação e reação, demonstrando, com sobriedade e de modo indiscutível, a lei dos resultados.

E hoje, olhando para trás, mas traçando um roteiro para frente em nossos destinos, percebemos quase que tardiamente, desastrosas e doloridas consequências:

- nas arenas as feras trucidavam cristãos e hoje o trânsito traz de volta cenas não muito diferentes;

- milhares de pessoas desencarnaram atiradas de grandes precipícios e comumente aeronaves que caem reequilibram os fatos, conduzindo na queda aqueles "justiceiros" inconsequentes de então;

- os navios negreiros, horror dos horrores, muitos dos quais afundaram com centenas ou milhares de escravos, têm a sua recíproca nos diversos naufrágios de navios piratas e até mesmo de transatlânticos de luxo, além de centenas de outras embarcações fluviais;

- a mágoa e a solidão das senzalas encontram ecos altissonantes nas penitenciárias de hoje;

- todos os torturadores dos tempos idos nos inquietam a mente quanto ao sem-número de doloridas cirurgias que ocorrem diariamente nos hospitais;

- todos os atos de sadismo, levando vítimas ao rompimento da razão, refletem-se no grande espelho dos sanatórios, onde os internos retificam seu rumo. Tristemente, é verdade.

Muito mais há para pensar.

Em tudo há uma condicionante invariável: a Justiça Divina, sempre repondo as coisas no lugar certo, sempre nos amparando, através das chances infindas para recomeço.

Por isso, não nos entreguemos aos cismares do passado nem recriminemos nossas atuais dificuldades.

Vamos, isso sim, olhar para o futuro.

Ele está nos esperando, iluminadíssimo pelo princípio da reencarnação.

Se o pelourinho marcou indelevelmente os castigos infringidos a milhares de criminosos, de escravos, e mesmo a uma infinidade de outros tantos, dentre os quais, injustiçados (missionariamente voluntários a tais suplícios), o mar também guarda, nas suas profundezas abismais, o orgulho e os pecados de insensatos viajores do tempo, que afinal, somos todos nós.

Claudinei

## A FORÇA

O mais veloz dos atletas, nos albores da sua infância, mal podia trocar passos, tímidos e trôpegos passos, isso mesmo, após ter se livrado do difícil movimento do engatinhar.

Desde criança, o ser humano, copiando os adultos, a quem inconscientemente elege por líderes, imita-os, produzindo ingênuos brinquedos, com denominação de veículos, e nos quintais ou espaços de suas casas, constrói estradas e com tais veículos desloca seus pensamentos, em ritmo cada vez mais veloz.

Ao crescer, a criatura humana tem sofreguidão pela velocidade. Seja o aluno que deseja logo o término do ano, seja o operário que almeja pelo fim diário da jornada, seja o doente que desesperadamente busca sua cura, seja o industrial que com ansiedade quer a produção de um mês feita em uma semana e se possível vendida em um dia.

O homem, primitivamente usando sua força muscular, vencia obstáculos e distâncias. Com a evolução, o objetivo passou a ser outro, tendo por fator preponderante o caráter de aventura que emoldura o Espírito humano.

Assim, novas regiões foram conquistadas.

A seguir, o homem sonhou em entrar no mar e conhecer o fundo da massa oceânica: os veículos e sondas submarinas já criados satisfizeram-lhe essa quimera.

Terra e mar conquistados, o desafio que se apresentou passou a ser o ar, o céu, o infinito...

Nessa etapa foi que o homem iniciou o verdadeiro conhecimento da grandeza universal, pois já não há a menor dúvida que, conquanto até possamos visitar, ainda que com aparelhos, a

imensidão do sistema solar, sabido é, dúvidas não pairam, que nem mesmo a próxima galáxia poderá ser alcançada, utilizando o homem o que o planeta Terra tem para lhe oferecer.

Assim, a pouco tempo está a consciência humana de voltar-se para o seu interior e conseguir, com velocidade cristã, pesquisar as regiões tão próximas quanto desconhecidas do seu Espírito.

Quando o entendimento banhar a mente e o Amor se fixar no coração, o homem verá nos seus semelhantes almas irmãs, inferindo então:

- naquelas que demonstram o desvairo do despotismo, perceberá andarilhos que se atrasaram na estrada da humildade;
- no presunçoso, identificará um assinante de muitas promissórias a serem resgatadas, no futuro, perante a simpatia da simplicidade;
- no descabido incrédulo, perceberá o aluno em dificuldades do aprendizado evangélico;
- no insolente e debochador, identificará uma alma atrasando o caminhar rumo à porta de entrada para as coisas da caridade;
- no crítico ferino, inteligente e soberbo, autoritário e poderoso, intransigente e frio, terá a maior oportunidade de, frente a frente, Espírito a Espírito, utilizar toda a sua força, dirigindo-lhe auxílio e sincero voto de encontro com a mansidão de Jesus, com os exemplos de Jesus, com o Amor de Jesus.

Deduzirá que todas essas criaturas estão necessariamente envolvidas em angustiosos sofrimentos íntimos, múltiplos, constantes e desconhecidos da multidão.

Ajudá-los-á dando-lhes mão evangélica, para que possam o mais breve possível iniciar a desaceleração de erros em que se encontram, e serem outros seareiros nas vinhas do Senhor.

Enfim, compreendamos que todas as manifestações de desajuste espiritual impõem a contrapartida do perdão, sendo essa iniciativa do mais evoluído, do mais forte, cuja força advém de um reto proceder.

Jesus, nos tempos terrenos, outra coisa não fez!

Aliás, iniciando sugestão de adiantamento espiritual, o venerando mestre chinês Confúcio, antes do Cristo, já consignava que "a maior demonstração de força é não a demonstrar".

Claudinei

## O CRIME E O PERDÃO

Meus Amigos: Jesus conosco.

Sob descontrolada emoção, o homem age inconscientemente. Em trinta segundos comete um crime.

Enlaçado pela lei, poderá ser subtraído à liberdade social por até trinta anos.

Recolhido à cadeia, logo se assemelhará à fera enjaulada, com a diferença de que esta não delinuiu, pois, se delinquência há, essa é a própria jaula — a selvageria humana suplantando o animal.

O Espírito despreparado não reúne condições para a prisão do corpo e o Espírito preparado não comete crimes.

Assim, a violência gera necessariamente violência.

Por todo o tempo em que houver o desrespeito com os animais, particularmente quando crianças o praticarem sob complacente ou omissa concordância paterna, nesse mundo em que isso acontece, existirão jaulas, mas também celas.

Uma e outra são iguais.

Equivocadas ambas:

- injustas as jaulas, para com os animais, pois não foram criados para exibicionismo;
- punitivas as celas, enquanto prisões, para com os criminosos, pois o que precisam é de remédio para a alma, a traduzir-se por laborterapia e aprendizado evangélico.

Liberdade, liberdade!

Presente sublime que a todos os seres vivos Deus concede e cujas regras são muito simples: só exigem respeito. E todo aquele que desrespeitar, muito ou pouco, sempre ou de vez em quando, com mais ou menos intenção, consciente ou inconscientemente, à

planta ou ao animal, ao adulto ou à criança, a si mesmo ou a Deus, aí teremos um criminoso, de menor ou maior periculosidade atentatória ao equilíbrio, à paz.

E criminosos, segundo leis humanas, devem ir para a cadeia.

Porém toda vez que:

- elevamos a voz;
- nutrimos um mau pensamento;
- dermos as costas a um pedinte;
- só orarmos por nós mesmos;
- podendo usar, não usarmos a boa palavra;
- exagerarmos em qualquer coisa, material ou moral...

Enfim, toda vez que a temperança se afastar um centímetro do nosso ato, palavra ou pensamento, estaremos infringindo a Lei Maior: o Amor.

E isso não é bom.

Considerando, sinceramente, que todos nós, sem exceção, cometemos tais delitos perante o Evangelho do Mestre, forçoso é admitir que somos transgressores em débito.

Qualquer devedor, em qualquer parte do Universo, redime-se pela prática oposta da má ação.

Invariavelmente, seremos alertados, pelo tribunal íntimo, dos nossos descaminhos.

Crime e cadeia, segundo os homens.

Erro e perdão, segundo Jesus.

Tanto quanto o brilhante um dia sobressai do rochedo que o manteve longamente cativo, aperfeiçoando-o, o homem também será virtuoso.

Tanto quanto a semente sofre o peso esmagador do solo e um dia vence-o, transformando-se na árvore frondosa e frutífera, assim também, com denodo e merecimento, tempo virá em que nós não mais seremos réprobos do mundo, mas verdadeiros apóstolos do Bem.

Nesse porvir, nem crimes, nem cadeias.

Só respeito.

Só fraternidade.  
Só Amor.

Claudinei

## ESCRAVOS, AINDA

Irmãos de todas as cores: hosanas a Jesus!

O tempo é o grande repórter da vida. Fato a fato, passagem a passagem, registra minuciosamente tudo e arquiva na mente dos protagonistas, com riqueza de detalhes e fidelidade narrativa, todos os eventos. Todos.

Tudo de bom que a criatura realiza transforma-se em gota de luz inapagável e de posse e efeitos eternos. É bênção permanente.

No entretanto e, em contrapartida, todos os atos infelizes também se transformam em gotas sombrias e densas, que são anexadas à silhueta dos seus autores.

A diferença entre uma e outra consequência, entre a prática do Bem e o trilhar no Mal, é que se a luz é perpétua, a sombra é episódica e só existirá enquanto o agente não se redimir, pela ação no gesto oposto, isto é, de correção.

Às vezes, por sábias leis, essa correção não é voluntária e sim compulsória, pela reincidência na sua esfera mental, degradante.

A escravidão, que desorganizou planos espirituais superiores, atrasou o progresso mundial, desde muitos milênios atrás.

Desde a criação dos seres vivos, Deus age sabiamente proporcionando-lhes experiências diversificadas, em terras as mais diversas, com nascimento e renascimento. Dos reinos inferiores da natureza ao hominal.

De acordo com o continente, a criatura traz aspectos genéticos próprios ao meio ambiente em que habitará.

É assim que quando o exercício da humildade é imposto, e isso para o bem do orgulhoso, seu torrão natal, normalmente, situar-se-á em terras africanas e a sua cor será a cor negra.

A cor negra não representa nenhum desdouro. Antes, estágio.

Os brancos, que tão orgulhosamente se julgam superiores aos negros, muitas das vezes têm seus cabelos ou sua íris dessa cor.

Frutas, muitas delas, têm suas cascas e sementes da cor negra e ninguém as desdenha por isso.

Aves no céu, voando serenamente, muitas têm a cor negra, total ou parcial. Não são discriminadas pelos pares, às vezes, sim, apenas por detratores, ociosos e ignorantes por opção.

Peixes, animais, insetos, existem centenas com cores negras, no todo ou em parte, sem que isso represente insuficiência evolutiva.

O tirar o ser da sua família, compungindo-o a torturas e a trabalhos forçados, a milhares de quilômetros do seu lar, nada mais representou do que semeadura maldosa, de cupidez e irresponsabilidade. Desrespeito esse, um dos maiores às leis da natureza, que prevê liberdade para todos, conquanto vida familiar para resgate grupal.

Não foi sem razão que navios, lotados de escravos desesperados e revoltados, soçobraram em alto mar, causando desencarnações coletivas dolorosas.

O tempo, o grande fotógrafo do destino, não permite que tais acontecimentos se percam em brumas seculares e os mantêm tão ativos quando da sua ocorrência.

A natureza, atualizando remorsos, recompondo fatos gravosos, coloca numa mesma aeronave, ou num ônibus, ou num veículo coletivo que vai para o trabalho ou para passeio, as mesmas tripulações dos navios negreiros e os mesmos clientes que os esperavam em terra firme. E, após estar a grandes distâncias de suas casas, promove o seu retorno à área espiritual, onde esses Espíritos desencarnantes despertam atordoados e com saudades dolorosas dos familiares que ficaram atrás.

Por isso também, em reflexos de ontem, no mundo de hoje milhares e milhares de criaturas vão daqui para ali, mudando de cidade, de país, de pátria, ficando irremediavelmente separadas das suas famílias.

Tudo se recompõe no plano da vida e é assim que nenhum de nós pode albergar no íntimo qualquer sentimento que torne inferior nossos irmãos negros.

Fomos negros muitas vezes e sê-lo-emos quantas mais necessárias forem.

Essa e as demais reportagens do tempo são impressas no jornal universal chamado Evolução. Podem ser lidas por todos aqueles que têm olhos para ver e já aprenderam a ler na cartilha da vida, o Evangelho de Jesus.

Claudinei

## O BEM INTEGRAL

Amigos de sempre,

**A** temporalidade das coisas é a mais permanente das constantes deste planeta. Com efeito, observando-se todos os aspectos que rodeiam a criatura humana, verifica-se que nenhum deles é imutável.

Nenhum pecador o será para sempre.

Nenhum doente, um dia, não se curará.

Não se construiu ainda a aeronave que jamais necessitasse aterrissar.

Ninguém foi feliz o tempo todo e nem também só foi infeliz.

Paz e guerra são fronteiras estreitas e próximas da história mundial.

Mas, se olharmos a Vida com a ótica da Gratidão, encontraremos as coisas integrais, tão sonhadas, tão generosas e, por certo, tão atingíveis, evidenciando-se a Bondade suprema do Pai:

- as benesses da Vida, como o ar, a água, a terra, são demonstrações inequívocas de que Deus tudo previu e a todos os seres vivos deu provimento permanente, para todo o tempo de vida física no planeta;

- órbita planetária expressamente correta e absolutamente bem programada proporciona estabilidade do globo e adequada recepção do sublime calor solar, mantendo a Vida;

- não se teve notícia e certamente nunca se terá de que houve um dia sem noite, ou noite sem dia.

O homem físico, a partir do primeiro habitante do mundo, sempre esteve sujeito ao berço e ao túmulo, sublimes estágios para aprendizado conducente à Evolução e à felicidade.

Mas, no aspecto espiritual, na verdade o mais importante, tivemos a presença humana de Jesus, maior exemplo de homem integral, virtuoso atento e vigilante, modelo total, a serviço do Bem.

Jesus, respeitosamente, poderá também ser lembrado como o Protetor caridoso que agiu e age de domingo a domingo, sem cessar (nos dizeres do Mestre, talvez fosse melhor dizermos “de sábado a sábado...”).

Nós, Seus imperfeitos discípulos, devemos aspirar a essa mesma condição, na qual as virtudes são praticadas sempre, sem interrupção.

— Como?

Iniciando, desde já, a praticar pelo menos um ato diário de humildade e mais um outro de caridade; uma vez por semana, para ficarmos no mínimo, ler uma página doutrinária instrutiva (evangélica); uma vez, pelo menos uma vez, por mês, socorrer um doente do corpo ou do Espírito, visitando-o no local da provação; uma vez por ano, estabelecer autoprograma de ações que visem corrigir atitudes.

Um dia, apenas um dia, em toda a vida, procurar agir tão proficuamente integrado no Amor de Deus, que até pudéssemos, inda que palidamente, aproximarmo-nos do exemplar Jesus, o Sempre Bom.

Nenhum pecador o será para sempre!

Esse, o Bem integral.

Claudinei

## A TERCEIRA FACE

Estudantes cristãos,

*Quando alguém lhe bater na face esquerda, ofereça-lhe a direita.* Tão poucas vezes este conselho crístico foi seguido que a estatística a respeito nem existe.

Dizem, poeticamente, conselheiros do perdão, que a roseira perfuma a ferramenta que lhe poda.

Conquanto se pretenda com esse simbolismo demonstrar virtude no vegetal, que concede algo de bom a quem supostamente lhe fira, não menos verdade é o fato de que aço não se feriria, nem espinhos se vingam, mas, isto, sim, as mãos que portam o instrumento é que são suscetíveis de se machucarem. Sobra, do exemplo, em análise horizontal, que agente e paciente (a flor e o instrumento) não participam de processos agressivos, senão, sim, os autores intelectuais da agressão (ferimento na planta) — inicial, ou de revide.

O galho da roseira mantém espinhos após ser cortado tanto quanto o que restar plantado no jardim também manterá outros espinhos. E a tesoura utilizada continuará cortante.

Aproximar-se de uma roseira sempre colocará o homem diante da possibilidade de haurir perfume, contemplar belezas cromadas. Mas, também, de ferir-se. Será opcional, o que suceda.

Grandes árvores, vigorosas, majestosas, de alto porte, dobram-se diante da tempestade (agressão simbólica, no caso), mas retornam à verticalidade na contra envergadura, com força duplicada, retribuindo força com força. Se os ventos a dobrarem além do sustentável, elas se quedarão, sempre causando estragos à sua volta e se alguém houvera se postado em sua trajetória de

queda, ou próximo à base, correria o risco de ser esmagado. Ou de ser atingido por formidável golpe das raízes, brutalmente extraídas da sua função: raízes para fixação se transformarão em objeto de perigosíssimo golpe.

Contudo, e agora em análise vertical, outros ângulos podem ser observados e enfocados, a partir desses dois exemplos. Ei-los:

1) a roseira, e seus espinhos, e suas rosas representam o Espírito encarnado, trazendo defesas expostas e premeditadas, pelos escaninhos do amor-próprio, da sensibilidade exagerada, do egoísmo, embora disponha de boas qualidades (o perfume) e realize boas ações (as rosas);

2) a árvore veneranda representa toda a existência desse mesmo ser, que sobrevive gerações após gerações, mas vez por outra permite a queda, seja pelo crime, pelo suicídio ou pelo afastamento contínuo do Bem.

Por tudo isso, exercitando a visão na intimidade do conselho de Jesus, talvez nos seja permitido pensar que a face a ser oferecida para um segundo golpe é a que poderemos chamar de terceira face. Terceira, posto que oculta, simbólica. No caso, representando nossa disposição sincera em perdoar a primeira agressão, e não nossa predisposição em ser agredido pela segunda vez.

Jesus nos reforce o entendimento.

Claudinei

## A DERRADEIRA MORADA

Muitas pessoas preocupam-se com o destino de seus corpos após a morte. Buscam, sofregamente, sem medir gastos, proporcionar morada digna, derradeira, aos corpos que tenham lhes servido durante a vida, quando esta expirar.

Interessante notar que alguns há que até mesmo direcionam esforços para que os seus restos mortais tenham conforto.

É aí que os paradoxos se sucedem:

- nas longínquas noites do tempo, os poderosos passavam dois terços do seu poderio ativo ou do seu reinado, cuidando de construir magníficas acolhidas materiais para seus corpos, ao empós da morte; edificações milenares e majestosas, que até hoje deslumbram os olhos e engrandecem arquitetura, são, primeiramente, testemunhas loquazes de que ali estão encerrados, para sempre, aflitos pensamentos do destino que seria dado aos despojos humanos, de alguém que muito poder detinha; paradoxal que mentes tão adiantadas, erigissem monumentos para proporcionar conforto a cadáveres;

- especialistas, de profunda inteligência, foram acionados para estudo da Química, naquilo que ela pudesse ofertar de garantia para impedir a degradação da carne, no transe derradeiro; esqueceram-se, todos, que a Magna Sabedoria implantou a sábia lei da decomposição, pois do contrário, nesses casos, em nossos lares teríamos guardados os corpos de nossos entes queridos desencarnados; não ocorresse a decomposição, seríamos quais guardadores de embalagens usadas e imprestáveis, paradoxalmente consideradas relíquias da saudade (é assim que as múmias, na verdade, são um grande elogio vazio ao nada );

- mais recentemente, tem-se até notícias de congelamentos programados (por criogenização), no aguardo de que o futuro traga, não se sabe quando, onde, nem como, algum milagre parecido com a ressurreição; apostam no que não existe.

Não param aí as preocupações dos vivos com o seu *post mortem*:

- gente há que, tentando bem proceder, acelera o processo da decomposição, providenciando, com antecipação, ordens para a queima rápida do corpo; preconizam que seu corpo seja reduzido a cinzas, pelos meios de combustão em temperaturas elevadíssimas (cremação); nem sequer preocupam-se em saber quais os mecanismos da desencarnação, que o Espiritismo tão bem tipifica, quando alerta que os laços que desunem o Espírito do corpo, nem sempre se desatam a breve tempo.

Sem condenar nenhuma das atitudes enumeradas, não se pode deixar de lamentar o potencial nelas gastos, que muito melhor seria aproveitado se, em vida, tais criaturas se dedicassem ao Bem, ao amor ao próximo.

Já no caso dos transplantes, meritórios quanto à intenção caridosa daqueles que, em vida, doam seus corpos, para eventual aproveitamento de órgãos quando desencarnarem, há a considerar que a Medicina ainda não pode realizá-los a menos que os órgãos sejam retirados na morte encefálica.

A nós, espíritas, sobra certeza meridiana que antes da morte clínica, organicamente integral, o Espírito ainda mantém laços perispirituais ligados ao organismo; assim, podemos até imaginar que no caso da retirada do órgão, antes da morte clínica, isso poderá repercutir no perispírito, mesmo que em mínima reverberação.

Porém, da mesma forma como sob os efeitos da anestesia, a morte encefálica impede a dor de qualquer ocorrência física no corpo. Doação de órgãos: teu nome é Caridade.

Por isso, tal fato, que abrevia o desate perispiritual, que em outras circunstâncias poderia ser danoso ou mesmo se constituir

em perda de instantes de transcendental importância para o desencarnante, nesse caso conta com o aval da caridade.

E a Caridade, é certo, é administrada pelo Plano Maior.

A não doação de órgãos não deve ser vista como falta de virtude, mas, sim, como decisão individual consentânea com o livre-arbítrio que a cada um Deus contemplou.

Quanto aos doadores de órgãos *post mortem*, que tal, enquanto encarnados, ajudarem ao cego, ao paraplégico, ou ao portador de órgão danificado ou em fase precária de duração e funcionamento?

Aqueles que se preocupam com a última morada desconhecem que ela não existe, já que nascer e morrer são atos da Eternidade com que Deus nos contemplou ao nos criar.

Tanto quanto os pais, avós e amigos e parentes preparam num enxoval para um próximo recém-nascido, assim, também, Amigos do Invisível, bem antes do desenlace físico, preparam a nossa chegada no plano dos Espíritos.

Nunca será demais recordar que berço e túmulo são experiências, inúmeras vezes, repetidas na nossa trajetória rumo à Evolução.

Assim, para onde iremos quando passarmos para o imaterial deve ter resposta na Fé. Como ficará o respeitável equipamento orgânico após a jornada terrena se findar, é igualmente questão que ao Espírito não deve constituir preocupação. Apenas discretas providências feitas em nome do respeito ao mundo e aos Céus. Agindo conforme as leis do primeiro sem, contudo, ferir as do segundo.

Enxovais, pois, usamos quando começamos a viver e igualmente quando a vida, sabiamente, nos coloca de volta no plano do éter.

Claudinei

## PIRÂMIDES

Somos pirâmides.

**A** humanidade se pergunta, século após século:

— Por que as pirâmides egípcias foram edificadas?

O generoso Rio Nilo, cuja foz no Mediterrâneo situa-se logo após o Cairo, talvez mantenha parte da resposta.

Não é explicável que a imensidão de areia que rodeia as três pirâmides mais famosas se constitua no melhor cenário para obra de tal magnitude.

Mil teorias terrestres foram formuladas para explicar como as pirâmides foram construídas. Sua destinação é definitivamente justificada como túmulos de faraós. E, guardando mortos famosos, guardariam também seus tesouros... para uso quando da "ressurreição".

Permanece insondável entender como mentes tão desenvolvidas — uma geração episódica e não mais existente —, teriam se empenhado tanto em tão equivocado objetivo.

— Será crível que o conceito de ressurreição, de então, de que o processo de mumificação faz suspeitar, teria levado os egípcios a tão absurda expectativa?

Ao lado, a Esfinge do Gizé: quanta simbologia!

— Erigida propositadamente junto às pirâmides do Cairo, qual gênio tutelar dos sepulcros faraônicos, monumental e sempre desperto, mantendo permanente vigilância e guarda sobre elas, que mistérios encerra? Sua própria figura, corpo de leão, cabeça de mulher, já é um enigma.

Não será agressão ao bom senso considerarmos que a maior das lições que as pirâmides contêm é de ordem pessoal. Cada ser humano pode analisar o esplendor delas e auto-comparar-se a elas.

As pirâmides, decisivamente, foram construídas para durar.

Blocos gigantescos de granito, milimetricamente superpostos, sem argamassa de agregação, formam a maravilha que tanto admiramos.

Acontece que cada um de nós também é uma obra-prima sobre a Terra. A engenharia orgânica, por Divina, é incomparável.

Importante será extrair a mensagem espiritual das pirâmides e nós, interpolando uma figuração: também construímos, pedra a pedra, nossa personalidade, nosso caráter e a nossa individualidade.

Existência após existência, rumo ao infinito... os blocos são tão pesados, difíceis de remoção, que nosso tesouro interior fica resguardado: só nós mesmos conhecemos os meandros secretos que levam ao compartimento mais íntimo: nosso Espírito. Por enquanto, vez por outra, nossos defeitos despencam do contexto granítico da nossa orgulhosa pirâmide moral, exterior: são defeitos que conseguimos alijar do nosso comportamento, nos embates de pouca reforma íntima.

Cada brecha surgida, pela retirada de um defeito superado ou de uma expiação/provação resignadamente expirada, é de pronto suprida por um elemento de igual dimensões, porém leve, transparente, iluminado.

Assim, razoável será pesquisarmos na igualmente milenar edificação do Espírito quais as pedras que ali estão há mais tempo; identificadas essas pedras — aqui consideradas elementos prejudiciais à nossa evolução —, benéfico será requerer ao Arquiteto Maior, via ações de amor ao próximo, a concessão de elementos com a rubrica do Bem, para serem aplicados no lugar delas.

O mundo é um grande e escaldante deserto, enigmático cenário para as pirâmides humanas que estejam de costas para a sua

Esfinge individual: a voz da consciência, que assiste a tudo que fazemos, dando alertas.

As provas da vida se contam como os grãos de areia, qual fundo de um mar de vicissitudes ou o piso do deserto. Não nascemos para viver ali.

Mas existem mais átomos de ar do que grãos de areia, nos mares e nos desertos, somados.

Vivamos retamente, com a face voltada para Deus.

Respiremos o ar do Amor.

No contexto da eternidade, seremos pirâmides inteiramente iluminadas quando soubermos distribuir para nosso próximo, o tesouro das ações fraternais, formado pelas joias do Evangelho, rubricadas por Jesus, sob a chancela do Bem.

Claudinei

## TAREFAS MULTIPLICADAS

Toda vez que tarefas surgem há um consenso de pessoas interligadas por personalidade, ideais e propósitos semelhantes, para cumpri-las. Instala-se a equipe e dentre os componentes, espontaneamente, surgem líderes.

Tais líderes, desde logo despontados, sabendo o começo, mas desconhecendo o fim, dedicam-se ao desiderato, de corpo e alma. Essa fase ocorre em todos os empreendimentos humanos — morais, sociais, políticos, ou simplesmente materiais.

Instalada a decisão iniciam-se providências para materializar o sonho. É já nessa fase, quase embrionária, de todo e qualquer projeto, que os primeiros afastamentos se sucedem. Chamamos de “afastamentos” o que os intolerantes denominam deserção.

Ninguém permanecerá adstrito a um ideal se esse ideal não lhe correr nas veias, paralelo ao sangue que a tudo vitaliza.

Interessante de registro é o fato de as tarefas inicialmente projetadas sobreacumularem-se, para logo, com outras tantas, não previstas.

Esse quadro é típico das Casas Assistenciais, de qualquer credo, mormente das Entidades Espíritas.

Se aos demais filantropos da Humanidade releva-se o desconhecimento do porquê dos afastamentos dos companheiros que tão empolgadamente ajudam a fundar o ideal, dele fugindo logo após lançada a pedra fundamental, aos que dispõem das luzes kardequianas tal não se permite. Eis que nós outros, premiados pela Providência Divina com os recursos explicativos da Terceira Revelação, no qual tudo é cristalino, estamos convictos que nossa parte é a menor, na obra da Caridade.

Sim, o Plano Invisível opera em muito mais alta frequência de responsabilidade em todo e qualquer empreendimento benemérito.

Não nos será possível inocentar a razão pela não aceitação de auxiliares, ajudantes ou mesmo responsáveis que se afastem de compromissos solenemente assumidos na área da ação pessoal gratuita pelo próximo.

Jesus, ponte sublime que liga o tarefeiro desinteressado ao Criador, permanece, pelos registros humanos, há dois milênios contratando quem tiver boa vontade.

Na obra do Bem, de infinitas possibilidades, só há voluntários. Jamais cobradores ou fiscais. Cada um responderá, a si mesmo e à consciência, pelo que fizer e pelo que deixar de fazer — quanto, onde, como e com quem.

Ora, se assim é, não nos será lícito nem permitido uma gota de repreensão àquele que começa junto e depois elege outros caminhos.

— Onde nossa fé?

Temos mais é que agradecer tarefas que se nos apresentem, sem nos preocuparmos com quem vai nos ajudar.

Cada um e todos temos a medida exata das nossas possibilidades, em tudo que se refere à nossa vida: problemas, responsabilidades, dores, obrigações, quotas de resgate...

A dose de sofrimento, em cada vida, é predeterminada, face à capacidade em suportá-lo. Porém a alegria pela prática do Bem não tem limites.

As alegrias da alma, que o amor ao próximo nos proporciona, são e estão à nossa disposição, na razão direta do nosso merecimento, pelo quanto soubermos amar.

Assim, com o infinito e a eternidade à nossa frente, estando na retaguarda todo um passado (que por ora, felizmente desconhecemos), razões afloram para que tarefas e mais tarefas sejam abençoadas.

Muitos são os depositários de imensas fortunas, cuja manutenção causou-lhes angústias, aflições e até mesmo doenças.

— Quantos gostariam de trocar suas fortunas pela riqueza da saúde e da paz, ou pela oportunidade do desempenho de qualquer ação fraterna?

Os ricos precisam de alegrias e amor tanto quanto para quem tem sede o maior deserto vale menos que um copo d'água.

E, considerando os diversos exemplos que a natureza nos oferece, não nos esqueçamos de que neste nosso mundo, até mesmo os pirilampos, enfrentando a vastidão das noites escuras, são incomparável lição de como os menores podem ser iguais aos maiores, pois, vistos a pouca altura, brilham, numa fração minúscula de tempo, quais estrelas até de primeira grandeza.

Roboels

## SÍNDROMES E DOENÇAS

Deus é o Criador.  
De tudo.  
Único.

**A**té onde o homem, em sua limitada capacidade de concepção alcançou chegar, imaginamos que o Ato da Criação de cada ser humano processa-se com o minúsculo desprendimento de uma porção divina, que logra identidade individual.

Sugestões milenares de profetas, de homens bons e inspirados, dos chamados santos, indicam que essa concepção não é de todo descabida.

Imaginamos também (e aquelas ideias desde a antiguidade não o desmentem) que no momento da gênese o homem é puro, integralmente puro.

Inocente.

Imaculado.

“Simples e ignorante”.

Dispõe ele, como presente divino, de três condições eternas:

- o direito de viver e ser feliz;
- inteligência, consciência e livre-arbítrio;
- a busca da Evolução.

No decorrer do tempo e dessas conseqüências, pelos atos praticados, vão se acumulando condições positivas e negativas. A bússola indica o norte, isto é, a consciência de que o Bem é bom. Não falha e não interrompe jamais sua indicação.

Mas o homem, tentado pela porta larga, de facilidades e prazeres imediatos, qual mau investidor, desvia sua rota e sai da linha do proceder correto, contraindo dívidas de penoso pagamento

futuro. Então surgem — etapa a etapa, vida a vida, reencarnação a reencarnação — as doenças. Não surgem do nada: são sempre a somatória de vários deslizes.

Quando muitos atos infelizes se acumulam, eclode a síndrome. A síndrome, como a imaginamos, é sempre precedida de sinais de alerta, que podem ser facilmente detectados.

Várias são as síndromes. Podem ser físicas ou morais. Nas físicas, temos como exemplo, as mais conhecidas:

- a de *Cushing*, versando sobre o excesso de cortisona, deflagrando processos de obesidade e alterações de pressão arterial;

- a de *Down*, descrevendo os dolorosos processos de mongolismo.

Doenças há que, renunciando instalação de síndromes (como a *Doença de Parkinson* e a *Doença de Hansen*), definem também situações claras de efeitos secundários, porém de causas primárias, quanto desconhecidas.

É dessa forma que algumas doenças infantis representam estágios bondosos da Providência, fazendo com que Espíritos iniciando nova etapa terrena sejam protegidos, quando vivenciando um momento adverso, reflexo de causas pretéritas, geratrizes da atual desordem espiritual. Impedindo dano maior, que poderia até comprometer a vida física, tais patologias harmonizam a existência, saldando parte dos débitos.

Como se vê, é um bem extraído de um aparente mal.

O sarampo, a coqueluche, a cachumba, a catapora e outras tantas manifestações de febre e infecção glandular, com atendimento em determinados fatores espirituais em desequilíbrio, são benignos reparos ao Espírito.

Reorganizam a composição sanguínea.

Removem desequilíbrio.

Assemelham-se a um mecânico que, para realizar a manutenção de um veículo, às vezes, desmonta-lhe determinadas partes, recompondo-as logo a seguir, com aditivos no combustível

e troca dos lubrificantes (anticorpos no sangue e melhoria química dos hormônios).

Mas, ao lado das síndromes físicas na infância, que a Medicina bem já tem cadastrado e diagnosticado, curando a maioria, surgem, na fase adulta, as síndromes morais. Estas, de prescrição difícil.

Ao desvirtuar o sexo, força imanente desde o seu nascimento e que prossegue mesmo quando desequipado da carne, o indivíduo não se apercebe que ao errar no objetivo maior sexual, que é o de manter o elo de união de amor, de duas almas, movimenta ele, assim mal procedendo, forças mentais altamente energizadas na brutalidade das sensações grosseiras, as quais se unem, disso resultando consequências só reparáveis a longo prazo.

A chamada *Síndrome da Imunodeficiência Adquirida* — AIDS — é resultante puramente espiritual. Daí que sua cura terá que ser também, necessariamente, espiritual. Como toda anormalidade física grave, seriada, ocorrerão eventuais casos de cura. Na maioria, contudo, a letalidade dará o tom. A gravidade de cada caso evidenciará quanto de culpa ou de invigilância.

A *síndrome do poder* alimenta-se do orgulho, da vaidade, do egoísmo e da prepotência. Como situação posterior tem a humanidade agasalhado mais criaturas em crises, em revolta e em dor, face situações indefensáveis quanto à realidade do seu dia a dia, no qual os ideais mais caros esboroam na dureza da irrealização.

A *síndrome do álcool*, flagelo um dos maiores, só superado pelo dos tóxicos, demonstra que a ação se processa na mente, na sua grande equação e que os resultados físicos são diminuta consequência desse desatino mundial, sustentado até mais pelo plano espiritual do que pelo material.

Depois, vamos encontrar pessoas que nascem com patologias mórbidas congênitas: são resgates que tiveram causa anterior e que, em muitos casos, vão continuar após essa vida. Evitemos a

generalização, eis que missionários podem assim se apresentar, em tarefa caridosa.

Outros seres adoecem numa certa fase, curam-se, por cirurgias ou por métodos outros, concluindo-se que tais eventos são resgates finais de dívidas maiores, já agora totalmente quitadas.

As obsessões, a loucura, os distúrbios mentais são sintomas que poderiam chamar-se de "síndrome mediúnica" porque provado foi pelo humilde cearense (mais tarde respeitável cidadão carioca), Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti<sup>1</sup>, que só um procedimento virtuoso pode ser indicado como terapia a tais manifestações.

"Médico que queira curar uma dessas doenças" dizia Bezerra, "terá que doar amor"; ao paciente, prescrevia a melhora pela reforma íntima, pela renovação moral, pela "Evangelhoterapia". O "Médico dos pobres", como foi cognominado, estava, acertadamente, reiterando a receita de Jesus, quando no seu Evangelho redentor, preconizou que as bem-aventuranças todas estão contidas no Amor.

Alerta aos sinais!

Ao seu empós, inevitáveis, sobrevêm as síndromes.

Paz.

Saúde.

Amor.

Roboels

---

<sup>1</sup> Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti nasceu aos 28/08/1831, no Riacho do Sangue/Ceará, formou-se médico, foi presidente da Federação Espírita Brasileira e desencarnou no Rio de Janeiro, em 11/04/1900; cognominado "médico dos pobres".

## ALDEBARÃ E JESUS

**D**eus não criou nem incentiva campeonatos. Deus criou a Perfeição e com perfeição criou tudo.

Não há uma única obra divina possível de reparos:

- do infinitamente pequeno ao incomensuravelmente grande;
- simples insetos, perturbadores para a Humanidade, são, em essência, obras-primas de engenhosidade e sistema organizacional;
- criaturas humanas, nenhuma completamente igual à outra, bilhões sobre bilhões, demonstram claramente que a individualidade é também obra de Deus, que cumpre compreender e sobretudo respeitar;

- quando um cirurgião facilita um trabalho de parto não está corrigindo a Natureza, como muitos pensam, e sim, está no exercício pleno da fraternidade, no campo digno da Medicina, o passado, ali, presente para os três: médico, mãe e filho;

- se uma fruta apresenta defeitos (diferença de formato ou de sabor), não se pode a isso atribuir aberração e sim entendê-lo como leis naturais em curso; talvez, nesse caso, a lei da depuração (evolução da espécie);

- as grandes convulsões sobre a face da Terra e decorrentes transtornos, destruição e mortes, não são nem se trata de castigo em marcha, mas sim outra lei natural: a da evolução de massa, de elementos, carreando em seu bojo, almas compromissadas de há muito com a poluição sempre inadequada e maldosa, flagrante desrespeito com o solo, água e ar; somos hóspedes de um lar de "provas e expiações" e por isso talvez possamos conjeturar que em outros lares, mais adiantados, inexistam tais fenômenos;

- se, por outro lado, verificam-se, nas longínquas paragens estelares, as chamadas "pulsações do universo", nas quais as estrelas "novas" se expandem exagerada e rapidamente, vindo a explodir de maneira fantástica, também estaremos aí, diante de fenômenos previstos na cosmogonia que, em sua latitude maior, se expande para os lados, já que em sua longitude, igualmente as expansões são infindas.

O homem, desde seu início, apropriou nome a tudo: estrelas, planetas, plantas, mares, montanhas, florestas, animais, homens. A uma estrela de primeira grandeza, cujo tamanho e luminosidade, bem como distância de nós não é nem será tão cedo possível à mente assimilar, chamou-a de ALDEBARÃ.

Reunindo um grupo de estrelas menores à volta daquela, imaginou o que seria o contorno de um touro; ao grupo de estrelas comandadas por ALDEBARÃ denominou "Constelação de Touro". Antares e a Constelação de Escorpião seguiram a mesma prática. Próxima Centauro, idem.

E é nesse ponto que Deus mais penetra na inteligência e no Espírito humano: se não há a mínima possibilidade de dimensionar o universo, quantificando-lhe os corpos constituintes, nem por isso o homem desanimou: elegeu os astros que pode ver e batizou-os.

Não se pode negar mérito em sonhar e num sonho de gratidão e aproximação filial a Deus, compararmos ALDEBARÃ, para o nosso universo visível, tal como Jesus para cada um de nós e para toda a humanidade, em todas as eras. Jesus, com efeito, trazendo-nos o Cristianismo, com tudo o que dele se depreende, é assim como a luz de uma estrela de primeira grandeza, que não cessa de brilhar. Não cessa de aquecer. Não cessa de vivificar, com sua pureza, expandindo-se por exercício crescente de excelsas virtudes.

Jesus, nessa expansão, criou um mundo moral dentro do nosso mundo material.

Nesse novo mundo, provavelmente a cidade mais importante, nasceu pela catalogação de seus exemplos, transformados em

código de conduta moral, originalmente formulado pelos Apóstolos, em seus Evangelhos e, posteriormente, sistematizado por Allan Kardec, com humildade, porque com sabedoria.

Essa cidade, o ESPIRITISMO, construída nos séculos e inaugurada em 1857<sup>2</sup>, tem uma praça central, chamada AMOR. Ali todos estão felizes. Para se chegar a essa praça existem tantas e tantas avenidas:

- Avenida da Humildade;
- Avenida da Caridade;
- Avenida da Fé;
- Avenida do Perdão.

Depois, as ruas:

- Rua da Paz;
- Rua da Tolerância;
- Rua da Piedade.

A grande estrada que circunda perimetralmente essa cidade e serve de direção para todos os rumos externos chama-se Evolução.

Compete-nos, se moralmente cidadãos espíritas, optar em que Avenida, Rua ou Praça caminhar e onde edificar nossa moradia espiritual.

Se um dia ALDEBARÃ esteve ou estará mais perto da Terra, esse dia, da proximidade, será igual à presença de Jesus entre nós, já que, no distanciamento, nem por isso sua luz deixa de nos iluminar, nem o seu calor disse adeus.

Somos, todos, tão importantes quanto ALDEBARÃ, pois somos filhos de Deus, que nos fez irmãos — das estrelas, dos homens, das flores, dos humildes pequeninos seres que às vezes desavisadamente até pisamos.

Glória a Deus nas Alturas, irmãos de Jesus!

Olhos ao Céu.

Espíritos na busca de luz.

---

<sup>2</sup> Referência ao livro “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec, 1ª Edição, 18.abril.1857

Corações plenos de Amor — por tudo, por todos.  
Hoje e sempre.

Roboels

## FALSO ESPLENDOR

**M**antém-se a natureza em equilíbrio graças, principalmente, à obediência às leis da criação.

Minerais, vegetais e animais dão exemplos de evolução cadenciada, sem retrocessos, usando o fator tempo como aspecto fundamental do progresso sistematizado.

A figura da maçã, de que nos diz o Velho Testamento é altamente significativa, pois, analisando essa fruta, vamos nos deparar com dificuldades em encontrar, em toda a natureza e seus pomares, algum semelhante da maravilhosa tonalidade do vermelho, capeando alva massa interna de tão agradável sabor, de inspirado perfume, e de ainda desconhecido valor total nutritivo.

A maçã é uma fruta quase espiritual.

Concepção filosófica, mas não formulada por nós, senão sim por sábios de maiores dimensões espirituais.

“Fruto proibido” é outra dentre as concepções que lhe foram dadas.

— Seria lógico evitar tão útil quanto apreciável alimento?

— Claro que não!

O significado da proibição é simbólico, figurativo.

Até nisso a maçã tem sido nobre em prestar-se a tão sábia comparação: “neguem-se as coisas aparentemente atraentes e apetitosas” quis dizer o Profeta e o seu mandamento.

Há contundente similar que acompanha o homem desde sua criação e o que é pior, nunca como agora, esteve a ele tão jungido: é o tóxico. É a desvairada toxicomania que visita o planeta, em todos os seus quadrantes e em todos os pontos habitados.

Legiões de vítimas, encarnadas, misturam-se sofregamente com outras tantas legiões de desencarnados, fortalecendo, dia após dia, aquele que é de todos os vícios, o que mais degrada a criatura e mais perverte o Espírito.

O jovem (principalmente), atraído pelo falso esplendor do tóxico, nele mergulha, assim como um motorista imprevidente que solta os freios do seu veículo num aclive e depois, ambos — motorista e veículo, isto é, Espírito e corpo — não mais controlam as danosas consequências.

Resultantes do tóxico:

- a parede posterior da laringe, onde hospedam-se as membranas que contêm as cordas vocais, são cruelmente atingidas pelo impacto da elevada quão desordenada vibração calórica;

- a medula espinhal, laringe abaixo, vibra em frenesi, conduzindo euforia aos órgãos do tronco, cujos terminais genésicos desarvoram-se irremediavelmente;

- laringe acima, todo o encéfalo se angustia: partindo do bulbo, que une a medula espinhal àquele, essas emoções desencontradas levam estupor ao cerebelo, sustentáculo craniano do cérebro;

- todos se desordenam; o fulgor chega;

- o ápice desse fugidio prazer empolga o corpo todo e este leva essa condição ao Espírito, via perispírito — que é a sede das sensações.

O tônus vibratório é elevadíssimo e superior ao suporte programado.

E o desastre pior advém: o equilíbrio dos planos material e espiritual é rompido, formando perigosíssima brecha por onde adentrarão, por muito tempo, nefastos fluidos que sobrepassaram nas fronteiras das duas dimensões.

Independentemente de desencarnar, ou não, o toxicômano inaugura, para si mesmo, inferno para muito tempo.

Crianças, jovens, adultos: façam de Jesus o seu modelo. Resistam à tentação. Ela é atraente, quanto fugaz.

Traficar tóxicos é vender blasfêmias e podridão.

Pesado ônus recairá sobre todos os envolvidos com esse estigma de uma tão grande deturpação da inteligência, qual seja o transformismo químico do vegetal no tóxico, assim como seria mudar o mel em fel.

As coisas de Deus são todas boas.

O homem é que delas primeiro faz mau uso, até que alguns abnegados redescubram o seu lado favorável.

O haxixe e o ópio são as mais antigas e perenes vítimas desse procedimento. Ainda se reabilitarão.

Criatura no mundo não há que se sentindo amada vá ao tóxico.

É também o Amor o único antídoto possível de recuperar aquele que o tóxico perdeu, pelo despertar da Vontade na reconstrução que nele jaz apenas temporariamente anestesiada.

Roboels

## ARQUIVOS DA NATUREZA

A natureza tem admiráveis métodos de promover a guarda de informações: frequentemente, os arqueólogos se deparam com fósseis de animais pré-históricos (inteiros ou apenas restos), e sem dificuldades determinam sua idade, sexo, costumes. Há casos de fósseis de animais encontrados nos polos (geleiras eternas) que até mesmo possibilitam identificar sua última refeição, acontecida há cerca de milhões e milhões de anos.

As sedimentações geológicas dizem-nos que milhões de séculos atrás ali passou um rio, havia oceanos, foi região arenosa e muitas outras deduções científicas delas se inferem.

Examinando detidamente o local, a forma e o tempo em que determinadas descobertas se enquadram, podem-se avaliar costumes, clima, cultura e condições ambientais de então, via de regra, milênios acumulados de informes, mantidos intactos.

Vasculhando o fundo dos rios e dos mares ficam-se sabendo quais os fenômenos naturais ali indelevelmente impressos, esclarecendo intensidade, periodicidade e repetitividade.

No subsolo estão guardadas preciosidades inumeráveis, tais como:

- nas terras africanas existem verdadeiros imensos guarda-joias, de diamantes e outras pedras preciosas, mas pouca cultura;
- em terras árabes enormes depósitos de petróleo, mas pouca água;
- em terras ao norte do Rio Grande (EUA), poderosos estoques de minerais proporcionam a primazia de riqueza mundial, mas nem por isso, a maior potência financeira atual do mundo é contemplada com o amor ao próximo;

- nas geladas planícies asiáticas também encontramos porções circundantes de terras férteis, mas ali também impera grande distância da apregoada igualdade de todos para com todos;

- aqui, nas terras brasileiras, além da maior floresta do globo, além da maior porção de terra cultivável do planeta, já se sabe que nas camadas geológicas descendentes há imensos lençóis freáticos acumulados, mas as dissensões se repetem, com milhares e milhares de famílias rurais em busca de água e de um pedacinho de terra agricultável, que lhes garanta ao menos a sobrevivência - e nem sempre conseguem.

Terra e água, água e terra: equilibrados tesouros concedidos por Deus aos Seus filhos, localizados em qualquer parte do planeta. Pena que o homem já se conceda título de propriedade exclusiva de um e de outro.

A água, conquanto ocupando três quartas partes do mundo, movimenta-se incessantemente, desautorizando donos exclusivos. E, na verdade, ela vale centenas de vezes mais do que qualquer outro dos cobiçados produtos naturais, tais como ouro, diamantes, esmeraldas, urânio ou petróleo.

Esses, os arquivos naturais da matéria, com seus tesouros, benesses e leis reguladoras.

No campo do Espírito, todavia, é que o prodígio divino se faz presente, já que é também por arquivo que o quase imortal e inseparável perispírito de cada um de nós representa, por si só, o mais admirável cofre natural. Guarda, para sempre, todos os acontecimentos vividos, desde o primeiro segundo de vida, ao empós da nossa criação, sendo por isso mesmo cofre de incalculável valia para o aprendizado incessante. Quanto mais nefastos forem nossos atos, mais e mais ficarão eles providencialmente ocultos na sequência das reencarnações, para que o resgate se faça com equilíbrio, justiça e serenidade.

A cortina que impede a consciência do mal de outrora é bênção ainda não aquilatada pela maioria dos reencarnados, réprobos de

longa data que certamente somos todos. Mas os fatos existem e estão registrados, em nós e por nós.

Ressarcir o mau proceder torna-se indeclinável dever de que nenhum Espírito se exime, ao dele recordar-se, na maioria das vezes quando no Plano Espiritual, contemplando suas matrizes psíquicas.

Tal ressarcimento ocorrerá voluntariamente ou por designação dos Planos Maiores.

Mas trazemos também tesouros ocultos no nosso interior conquanto incipientes. Fazê-los sobreporem-se aos vícios foi tarefa que o melhor de todos os arqueólogos se propôs, o Mestre Jesus, sem ferir, desnudou as falhas do Espírito humano, evangelicamente explicando o passado, exemplificando o presente e iluminando o futuro.

Quando nos encontrarmos com alguém, pela primeira vez, a sensação resultante, que poderá ser de simpatia ou de antipatia, ou de neutralidade, será indicador preciso de fatos arquivados no nosso perispírito. No primeiro caso, sempre, cumpre cultivar a impressão; no segundo, porém, de imediato e de pronto, a prece deverá ser a única conduta possível, a cristã; isso porque compreendemos, inda que vagamente, que nosso arquivo está sendo mostrado, sendo certo que dos dois, um é devedor do outro ou os dois o são, reciprocamente.

Igualmente as provações, particulares ou coletivas, são páginas abertas do livro que registra nosso passado.

Mas, tanto quanto a natureza prima pela placidez e harmonia, nós também estaremos em bom caminho se basearmos nossos atos nos exemplos de Jesus. Ele, o Mestre dos mestres, o meigo nazareno, cujos ensinamentos Seus apóstolos, particularmente os Evangelistas, em boa hora, resolveram registrar e arquivar, condensando-os nas letras e nos séculos, para todos os Espíritos. Para toda a Eternidade.

Roboels

## DEVOÇÃO

Vigorosos bambus, de quase quinze metros de altura, sustentando nas suas pontas as imagens toscas dos Santos ANTÔNIO, JOÃO e PEDRO, são hoje figuras não muito distantes da devoção dos antigos, por deuses dos céus.

As fogueiras, as bebidas fortes e condimentadas, a pipoca, o amendoim, nada mais são do que oferendas que dantes eram para as divindades e hoje o são para os devotos.

Músicas caipiras, simplórias, sinceras, falando coisas dos costumes locais, lembram muito hinos misteriosos, evocações e corais místicos nos rituais dos povos antepassados.

Os foguetes, em rojões ascendentes e multicoloridos, ao passar pelos quadros enchem-lhes de luz e os corações dos que estão olhando para o alto transbordam também de claridade.

No sítio, na fazenda, ou mesmo na casa do vilarejo, em que um desses bambus sustenta o quadro de um santo, espera-se que por um ano não ocorram infelicidades e reine o Bem.

Devoção.

Prece indireta.

Que é piedosamente anotada por benfeitores espirituais, e quando não atendida integralmente, ao menos dá reconfortadora paz.

Mar a dentro, centenas de embarcações engalanadas e algumas até com tripulação excessiva, navegam piamente seguindo imagem santa da protetora dos navegantes. Os enfeites nos barcos, as roupas especiais de cada um, o sentimento de contrição religiosa nos corações, constituem lembranças vagas de cerimônias

semelhantes, acontecidas entre os primitivos, destinadas a aspirar pela abundância da pesca e ao mesmo tempo pela isenção de acontecimentos infelizes ou acidentes fatais, de que a história do mar está cheia.

Devoção.

Prece indireta.

Que como todas as preces, são anotadas e atendidas segundo leis próprias de merecimento, de causa e efeito, de passado e presente. Mas sempre com o dividendo da paz.

A criatura humana sempre pediu algo aos céus.

Os céus, indiscutivelmente, sempre atenderam aos pedidos justos, dando encaminhamento aos pedidos injustos, de forma a torná-los merecedores, em face de novos e retificados comportamentos espirituais.

Por tudo isso não há como justificar queixas de pragas, de calamidades ou mesmo de problemas individuais.

Tudo é uma questão de equacionamento de méritos e deveres. Responsabilidades presentes por atos irresponsáveis passados.

Gafanhotos não destroem todas as colheitas.

Ratos não dizimam todos os silos.

Morcegos não infelicitam todos os rebanhos.

Insetos, repulsivos e destruidores, não infestam todos os ambientes.

Vírus, amebas, larvas e micróbios não proliferam em todos os doentes.

Todas essas espécies, criadas pelas leis sábias da Natureza, têm a sua razão de existir e se nós não sabemos quais são essas razões, nem por isso temos o direito ou autorização de execrá-las.

Até porque é o baixo astral humano que as sustém.

A conduta que se espera de um cristão para com essas pragas é de respeito. Apenas respeito.

Não pode o cristão olvidar que é a soma de esperanças que forma o ideal.

Lavradores e pescadores devotam esperanças e formam o ideal da fartura na colheita e na pesca.

Dois jovens somando esperanças formam o ideal do lar.

Cientistas denodados, somando experiências e esperanças, chegam ao remédio da cura, com emprego mundial.

Médiuns unidos constituem, pela esperança e pelo esforço em auxiliar o ideal cristão, o mais sublime de todos os ideais, que é o dar de si a benefício de outrem.

É o maior ideal porque nós, que temos tão pouco, se tivermos o divino impulso de repartir esse pouco seremos, nesses atos, quais aqueles santos que são festejados.

Só que a glória dessa festa vem de Deus para nós, vem do Céu para a Terra e nossa imagem, inda que por segundos rapidíssimos, talvez paire também iluminada nas alturas, onde, iluminada (quem sabe?), é vista pelo Plano Maior.

Nessa condição, temos que a oferta simples e pequenina que fazemos de coração, recebe a devoção de Jesus.

Sim, pois essa devoção, expressando a essência divina da Lei de Ação e Reação, transforma-se na gratidão celeste, por tudo de bom que nos advém.

Com flores vivi e com flores quero sempre viver.

É a única coisa boa que tenho para lhes dar.

Josué

## FLORES E MÉDIUNS

**A**s flores, na primavera, enfeitam-se o mais que podem, para logo mais, no outono, namorarem as brisas.

As crianças, entre bonecas e carrinhos preparam-se, para logo mais, adultas, assumirem a realidade.

Os estudantes de Medicina, manipulando pequenos animais, adestram-se, para logo mais, já formados, realizarem cirurgias humanas delicadas.

Os rios, oriundos de humildes nascentes, vão rolando pela vida e antes de chegar ao mar são, eles próprios, imensos caudais d'água.

A semente, em luta titânica contra toneladas de terra, cumpre seu destino, emergindo, vitoriosa, numa terra plantinha, que logo mais, será frondosa árvore.

Tal é a vida.

Assim também os aprendizes da moral cristã, tímidos, errantes, sofridos e desinformados, chegam um dia ao Centro Espírita. Ali recebem o mais humilde dos instrumentos do saber: o Evangelho. Sem perceberem, a pouco e pouco começam a desenvolver asas, para voos rumo à Paz, à Evolução. Dessas asas, já se disse que uma é a da Sabedoria e a outra, do Amor. Quando harmoniosamente niveladas, o voo é sereno e sempre para o alto.

O que não pode ser esquecido é que todas as aves, antes do primeiro voo, geralmente de curto espaço, caem um sem número de vezes. Levantam-se sempre. Até que, quase que por milagre, o mais pesado que o ar o vence, num deslizar sereno pelos céus.

Médiuns de sempre, não se deixem abater pela primeira queda da primeira tentativa de voo. É indispensável configurar na alma, a lição dos preparativos:

- o Sol, logo de manhãzinha, não oferece a mesma temperatura do meio dia: é gradativo o aumento da escala térmica solar diária;

- à noite, as estrelas não aparecem todas de uma vez: aos poucos, vão salpicando a tela celestial, e, alta madrugada, mais parecem uma nuvem de luzes que um vento forte dispersou num turbilhão de pingos luminosos;

- nem as árvores produzem frutos maduros de um dia para outro;

- nem as músicas iniciam com eloquência reverberativa;

- nem os romances principiam com imagens acabadas.

O tempo tem tempo.

E Deus, ao abrigar Seus filhos nas várias moradias, dá-lhes todos os meios e todo o tempo que quiserem, ou que precisarem, para a diplomação no Bem.

Por isso, o médium que tem o Evangelho por guia, começa a grande caminhada do progresso (autorreforma), passo a passo. Um passo é muito menos do que uma caminhada, mas é também muito mais que nada. Porque ninguém, mas ninguém mesmo, faz uma viagem só com o primeiro passo.

Há outra lição, dada pela maioria das flores, que não deve jamais ser esquecida: se o Sol aquece a justos e injustos, indistintamente, também elas, sem qualquer preconceito, nunca estão mais altas que os olhos. Humildes, oferecem a todos que queiram contemplá-las, as mesmas cores que existem nos jardins do Céu, não exigindo do observador, de qualquer observador, o esforço de erguer a cabeça. Colocando-se quase sempre abaixo do nível dos olhares, parecem querer dizer que a beleza e a pureza podem estar junto do chão, e não só lá no alto.

Josúe

## A MANGUEIRA

Um solitário andarilho jornadeava pelas estradas do mundo, sem destino almejado: sua sina era apenas a de caminhar. Dificilmente retornava a uma estrada em que já houvesse anteriormente palmilhado: ia sempre para o Sul.

Numa tarde de sol escaldante, como tantas outras, caminhando já com grande cansaço, com fome e sede, passou por ele um caminhão, em alta velocidade e quase o tirou da margem da estrada, pela ação do deslocamento do ar, face a velocidade imprimida ao veículo.

Porém, algo de interessante, conquanto rotineiro, aconteceu; do alto do caminhão uma manga saltou da caixa de embalagem e veio ter aos pés do andarilho.

O caminhão seguiu à frente e logo desapareceu na estrada.

O homem, mal acreditando no feliz acontecimento, apanhou a manga, saudável, madura, de muito apetitoso parecer. Por muito tempo, quase uma hora, embevecido com aquele tesouro em suas mãos, vacilou, mas seu corpo falou mais alto e, não muito decidido, eis que a fruta lhe constituiu alimento.

Guardou o caroço.

Com ele viajou ainda muitos tempos, expondo-o ao Sol.

Num dia, antes que aquela grande semente ressecasse, cuidadosamente plantou-a num sítio retirado da estrada. Com os recursos de que dispunha, tratou daquela joia que a terra abrigara por obra de suas mãos.

Sua gratidão ao destino, qual silenciosa prece, regou o vegetal que desabrochou, tornou-se pequenina plantinha e por algum tempo constituiu a única amizade daquele homem.

Foi embora.

Andou e andou.

Muito tempo depois, não se sabe quanto, por inexplicável ação atrativa invisível, o viajante de muitas viagens retornou àquela região e lembrando-se da plantinha, que agora já devia ser árvore adulta, buscou-a com o olhar, ao longo do horizonte. Entre incrédulo e estupefato, viu que ali estavam dezenas, centenas, talvez milhares de mangueiras, derreadas de frutos, iguais àquele dos tempos idos.

Porém uma árvore se destacava dentre as demais no rumo Norte.

Quase que invadindo a propriedade, correu e abraçou a amiga do passado.

E, nessa atitude, foi surpreendido pelo administrador do pomar, que reconhecendo, após breve diálogo, naquele homem, o início e a causa primeira daquela próspera plantação, comovidamente abraçou-o, por sua vez, hospedando-o até o fim dos seus dias terrenos.

Assim, caro companheiro, toda vez que você passar por uma velha mangueira, lembre-se do testemunho celestial de inúmeras verdades que Jesus nos informou:

- o homem andarilho e só, somos todos nós, quando afastados do Evangelho acolhedor;
- o caminhão, veloz e carregado de bons frutos, é o próprio Evangelho, que vai a todas as partes, distribuindo alimento;
- a manga perdida, nada mais é do que aquele ato de fraternidade, de um bom cristão para um seu irmão desencaminhado;
- a planta que nasce é símbolo de que a boa ação encontrou eco no íntimo da alma de quem a plantou;
- a multiplicidade de outras árvores e de incontáveis frutos, representa o maravilhoso efeito multiplicador da *Parábola do semeador*, que contabiliza retorno de 30, 60 e até 100 por 1;

- o homem voltar à origem é sequência que a reencarnação bem explica e que a lógica não desmente;
- encontrar o senhor do pomar é ficar ao abrigo do Mestre Jesus, que, dúvidas não temos, é o Jardineiro de Deus.

Se você puder, plante, um dia desses, uma mangueira.

Pode acontecer que no futuro ela venha a lhe servir de amiga.

E mesmo que disso você não usufrua, ou nem mesmo fique sabendo se a mangueira cresceu, não se preocupe: toda vez que alguém lança uma boa semente na terra e dela trata com amor, a incumbência da germinação e proliferação passa a ser de Deus... e Deus nunca falha!

Josué

## O COLIBRI E A FLOR

Voadando nas asas azuis da graciosidade.  
Pairando nos jardins e sobre as flores,  
Belo colibri, isento da gravidade,  
A todas falava do amor... e de amores.

À pequenina ave que Deus contemplou  
Com asas invisíveis, muito ligeirinhas,  
Uma rosa bonita de perto olhou  
(Tudo assistido pelas outras florzinhas).

Tamanha amizade entre ambos aflorou  
Que o Sol, mais do alto, os abençoou.  
Dizem que até hoje todos os jardineiros

Ao aproximar-se dos jardins um beija-flor  
Olham para cima e sentem verdadeiros,  
Das rosas, menos o perfume, mais o rubor.

\* \* \*

Jardins e flores.

Mediunidade e médiuns.

É mais fácil encontrar uma planta sem flor do que um ser humano sem mediunidade.

Assim como as flores remontam ao início do mundo, também desde o início da evolução o homem já era médium.

As flores são, segundo a botânica, os continentes dos órgãos reprodutores da planta. Em seu delicado interior está implantado sábio e meigo sistema de continuidade de vida dos vegetais.

Nas flores, suas cores, múltiplas, incontáveis, puras e maravilhosas, refletem o mesmo que as mediunidades exercidas com o Evangelho.

Já os vários perfumes das flores, que a tantos agradam, juntamente com as delicadas aparências, travestidas de matizes que só Deus poderia lhes imprimir, podem, no âmbito do Espiritismo, ser comparáveis às mediunidades bem aplicadas, promovendo o Bem; cada boa ação a benefício do próximo tem cores próprias e exala o inigualável perfume do Amor.

Os botânicos dedicam seus melhores esforços na pesquisa das flores, e isso há já muito tempo. Também a nós outros, contemplados pelo farol kardequiano, prudente será divisar a melhor aplicação das possibilidades que o Grande Jardineiro — Jesus — nos haja confiado. E isso, mediunidade a mediunidade, médium a médium.

Os jardins agrupam flores.

Os Centros Espíritas agrupam médiuns.

Os meigos colibris e beija-flores (que por falta de melhor expressão poética auxiliam-me no simbolismo da poesia que dou como presente a todos os irmãos e irmãs) representam os bons e iluminados Protetores que visitam os grupos mediúnicos. Tais grupos, vistos do Plano Maior, são quais jardins, tendo os médiuns por jardineiros, e as flores por caridade mediúnica, cujo perfume espiritual sensibiliza, com sua meiguice, um irmão na dor.

Um doente, encarnado ou desencarnado, que é atendido em razão da mediunidade, ou das mediunidades, sente a mesma alegria e o mesmo encanto de quem recebe flores como presente.

Josué

## HERANÇAS

O que hoje possuímos corresponde exatamente ao que ontem nós mesmos depositamos em nossa conta perante a Vida.

O Criador dá à criatura, ao criá-la, como Herança Maior, a imortalidade. Essa é, indubitavelmente, a maior de todas as heranças, posto que incomensurável, infindável, muito superior à dimensão do Tempo.

Entretanto outras heranças são distribuídas a todas as criaturas, qual sejam: as oportunidades, repetidas quanto necessário sejam, de renovar experiências, no processo simples da reencarnação.

É dessa forma que todos os homens, ao nascer, recebendo premiado bilhete de vinda, recebem, também, abençoado e irrecusável bilhete de volta, sem data conhecida para utilização, mas seguramente, prêmio da Grande Viagem que contém fronteiras na vida e na morte.

Engana-se aquele que crê indispensável deixar bens terrenos aos descendentes. O amparo terreno é perfeitamente definido no Estatuto Divino lembrado por Jesus quando nos advertiu não nos preocupássemos com o amanhã. Naquela oportunidade, o Mestre situou as avezinhas como amparadas por parágrafos humildes daquele Estatuto e afirmou que nos seus artigos principais, no capítulo da "manutenção", o Legislador Maior contemplou-nos, a nós homens, com proficiência e certeza.

Não será pois de boa competência o preocupar-se com o que repassar a herdeiros. Não obstante, garantir-lhes estabilidade, certamente é ato de responsabilidade a que não se deve negar, aquele que puder.

Provavelmente, como terceira grande herança divina, se considerarmos a criação a primeira, e a imortalidade a segunda, recebemos as fontes do Magistério, constituídas pelo sempre aprender em todos os estágios e fundamento do ato de viver: parentes, amigos, colegas e principalmente inimigos são fontes perenes de ensinamentos dirigidos essencialmente para cada um de nós.

E no âmbito coletivo, incontáveis são os abnegados trabalhadores da Seara Universal que legaram, legam e sempre legarão sublimes dotes, incalculáveis heranças para toda a Humanidade, a serem aplicadas nos campos:

- das artes puras, enaltecendo o Bem e o Belo;
- da fraternidade, na Medicina;
- das colheitas, na bendita multiplicação dos alimentos;
- do Espírito, no qual filosofia não é teorizada, mas, sim, exemplificada no amor ao próximo, constituindo em indeclinável convite ao mesmo reto proceder;
- da matéria, com conquistas científicas para atenuar as agruras terrenas e assim oferecer oportunidade a que os Espíritos ocupem esse espaço nas lides maiores da evolução.

Somos todos herdeiros de muitas heranças.

Se nos cartórios da letra escrita gravam-se documentos de transferências futuras de posses mensuráveis, ao Cristão não será lícito desaperceber que no Tabelionato Espiritual os dotes se destinam ao próprio doador. É-nos permitido ajuizar que embora Jesus, meigo e tolerante, não incentivasse nem condenasse a poupança, para herança, não olvidou, dentre tantos outros eternos ensinamentos um matemático enunciado: referente ao retorno ao plantador dos Grãos da Caridade. Lição essa até hoje não integralmente aquilatada ou absorvida, certamente por ter sido complementada pela recomendação em armazenar tesouros no Céu, só ali indenes a furtos ou acidentes.

O Bem é uma herança dada para nós por nós, representado por veículo que uma vez posto em movimento não mais interromperá a marcha, rumo à luminosa imensidão do Tempo. Aqui também é-nos permitido, em nome do amor aos outros, conduzir a reboque e em ajuda, não só os descendentes do condutor, mas, sim, os estradeiros do caminho, alienígenas, falidos, destrambelhados.

Mas sempre nossos irmãos!

Josué

## FAVORES DIFÍCEIS

O plebeu judeu, assim nascido, tornou-se, em poucas horas, um nobre egípcio, de vida palaciana.

Retornou às origens, missionariamente libertou seus patrícios, legou a bênção do *Decálogo* a toda a posteridade. Então, sofreu e foi submetido a duras provas.

Por Jesus, com Jesus e para Jesus, pessoas humildes e ignorantes dos dotes científicos e literatos morreram, impiedosamente, através de hediondos e dolorosíssimos processos de judiação.

— Quais seriam as dívidas, há cerca de vinte séculos, de tantos e tantos cristãos, vilmente imolados?

— Quanto tempo e em quantos corações perdurou essa dúvida?

Arquimedes doou à humanidade as maravilhas das figuras perfeitas, com as imutáveis equações geométricas dos ângulos, dos círculos, dos triângulos e dos quadrados.

A teoria dos lados não comporta correções.

Mas o que dizer da teoria dos lados, exposta por Jesus, quando se referiu às faces ofendidas?

Beethoven, Chopin, Verdi e tantos outros legaram maravilhas da música. E a música, na espiritualidade, é a genuína expressão de sensibilidade adiantada, é linguagem universal.

▪ O primeiro (incrível!), surdo, deu aos outros o que a si mesmo foi negado. Denodado, não esmoreceu na atividade artística missionária a que certamente se propôs desincumbir, quando ainda na Espiritualidade.

▪ O segundo, romântico e apaixonado, sofreu dissabores terrenos que o levaram à derrocada física, com prematura desencarnação.

▪ O terceiro não se deixou envolver pelas fúteis delícias materiais da glória, da fama, por tantas perseguidas e desejadas: movido por um dinamismo constante, psicólogo, soube compor enaltecendo a ideia da liberdade.

Alberto Santos Dumont, procurando fanaticamente tirar o homem do contato terra-a-terra, conseguiu-o, conquanto ao preço da vida, extinta por moto próprio, ante o dissabor de ver desvirtuada sua brilhante ideia. Mas enquanto aquele eminente pesquisador da dinâmica aérea legava seu invento aos homens, um médico humilde buscava o voo da alma prisioneira pela loucura. Era Bezerra de Menezes que, em transcendental missão, legou a nós todos, os estudos incomparáveis que dimensionam e delimitam a obsessão, os obsessores e os obsidiados.

Denizard Rivail, pacientemente, em meio século, preparou o terreno e alicerçou os meios para a belíssima tarefa da ordenação dos fatos espirituais, sob a batuta literária e intelectual do então transfigurado Kardec.

Bezerra sofreu duros transes em sua trajetória terrena.

Kardec também.

Moisés, não menos.

— E o Cristo? Podemos alcançar a essência do seu presente, deslocando-se do alcândor da espiritualidade para o pantanal das doentias almas do nosso planeta?

— Certamente que não. Só parcialmente.

Assim, sejamos por Jesus.

Estejamos com Jesus.

Dirijamo-nos para Jesus.

O passado, com os missionários que tanto sofreram para nos favorecer, nos ensina que, da maior lição desejada possível, uma é inatingível em superioridade: muitas vezes, para fazermos um favor

a alguém, precisamos, antes, pedir permissão ao favorecido, numa difícil inversão de posições. E depois, talvez, sofrer por isso.

Josué

## CRISES

**E**spanta-se o homem mundano com o sem-número de crises que lhe assolam o cotidiano:

- pairando ameaçadora sobre todas as cabeças, ou melhor, sobre todos os estômagos, a fome assusta povos inteiros, diante da escassez de alimentos;

- todos os que se movimentam — e tudo se baseia no movimento — alertam-se, ao medo, diante da possibilidade de faltar energia locomotora;

- residir sob um teto protetor e familiar é suprema felicidade que só é valorizada diante da análise da crise universal de habitações;

- hospitais superlotados demonstram, com grande impacto, que doenças visitam pobres e ricos e que, se há crise no setor da saúde pública, agravando a infelicidade dos indigentes, os mais abastados nem por isso estão indenes à aflição e à dor;

- milhões e milhões de analfabetos estão a nos mostrar que a Educação está em crise crescente, quanto à sua administração;

- cadeias não desmentem a avalanche com que toda sorte de crimes e de desonestidade se apresentam, configurando grave crise de comportamento e de moral.

Não é pois de se espantar que o crescente volume de suicídios se nos configure como outra grave crise, tanto quanto também o sexo pelo sexo, sem amor, desemboca em abortos — crise de responsabilidade.

Mas, na verdade, a crise maior, causadora da maioria, senão de todas as demais, é a falta de participação. Falta de amor seria a conotação mais adequada. Amor ao próximo.

Pois vejamos:

- o homem atravessa três continentes, voando a bordo de possantes aeronaves, a mais de mil quilômetros por hora, tendo trezentos ou mais companheiros de viagem. Quando chega ao destino, não sabe o nome nem de um vigésimo dos companheiros de voo. Talvez saiba o nome de um centésimo, isto é, de três.

- quando recebe alta hospitalar, o convalescente de doença grave sai com a sensibilidade exacerbada e está imbuído de intenso compartilhamento com os companheiros de enfermaria. Poucos dias depois, nem mais se lembra deles. Nem os visita. Nem ora por eles.

- na ânsia de ser feliz, o homem se agrega em clubes e ali, nos momentos de lazer, tudo tolera, tudo perdoa, sempre generoso ante as despesas a pagar; voltando para casa, nem sempre tem vontade sequer de atender um pobre que lhe peça um simples pedaço de pão.

- os centros religiosos só prosperam se demonstram desobediência às leis naturais. Se há notícias de milagres ou fatos anormais, fenomênicos, ali comparecerá sequiosa quão numerosa plateia.

Vistas do plano espiritual, só lançam luzes as reuniões religiosas, de qualquer crença, enquadradas no amor, cujos participantes são animados pela chama interior da boa vontade e de servir ao próximo.

Quando o ocaso se aproxima, o homem percebe que Deus, na Sua incomensurável Sabedoria, proporcionou-lhe, em todas essas fases e buscas de sua jornada terrena, oportunidades incontáveis de progresso espiritual. Vê que cada tentativa, cada procura, cada mergulho ou cada ascensão, somadas, representaram degraus de uma escada feita por ele mesmo, para sua evolução. Aí, o homem tentará empregar todo o conhecimento adquirido nessas experiências e perceberá, entre aflito e pesaroso, que não há mais tempo.

Essa é a crise do remorso consciencial que erradamente é conhecida como "problemas da velhice". O homem, ali, compreende

que Deus, onipresente, está no primeiro átomo do polo norte e está também no último do polo sul. Perceberá, ainda, entre feliz e infeliz, mas grato, que Deus esteve sempre com ele, mas nem sempre a recíproca terá sido verdadeira.

Essa é a hora que não deve se constituir em mais uma crise.  
É a hora de mudar de escada.

Dulce

## A HISTÓRIA DE UM SINO

Há muito tempo, quando o homem descobriu o fogo, aqueceu o mineral e dele extraiu, dentre outros metais, o bronze. Usou-o para fins os mais diversos, quase sempre ligados a utensílios de defesa ou de ataque.

Muito tempo depois, quando o Espírito já estava bafejado por mais saber, experimentou outras formas. Entre afoito e incansável pesquisador, desde logo percebeu que, em formato côncavo, aquele metal prestava-se a emitir sons, desde que devidamente tocado por objeto de impacto para bater em seu interior.

Foi assim que nasceu o primeiro sino, provavelmente primeiro instrumento de som.

Desenvolvendo técnicas, progredindo em métodos, chegou-se ao sino com badalo (haste metálica terminada em bola), de diferentes tamanhos e espessuras das paredes.

Tamanhos ao infinito.

Sons também ao infinito.

Elegeram-se, como local principal de instalação, a dependência mais alta das construções, nos campos ou nas aldeias, nos castelos ou nas igrejas.

E hoje, pessoa não há que não sinta, no íntimo, a repercussão de um sino que plangentemente anuncie horários, deveres, fatos e avisos.

Essa é a história de um sino.

Igualmente, caros amigos, cada um de nós veio, na origem, de uma incrustação existente no Universo, formando um mundo particular, cujo início perde-se na memória.

Organizou-nos, o Grande Criador, como elemento de infinitas vibrações, repercutindo primeiro no nosso espaço interior e depois para toda a eternidade, em todos os quadrantes do espaço cósmico.

Nosso corpo é um sino que vibra pela ação do Espírito que somos, tal como badalo que ora bate aqui, ora ali, tanto quanto ora somos bons, ora somos maus, ora temos fé, ora somos incrédulos, ora pacientes, ora inflamados, percorrendo as trilhas do Bem e do Mal.

Nossa inferioridade nos torna sinos trincados.

E sino trincado não soa bem.

Há que se refundi-lo e formar um outro, que não apresente os mesmos defeitos; operação essa que deverá repetir-se até que a forma perfeita seja alcançada. A essas constantes refundições, o Espiritismo denomina reencarnações, pois, se somos tal qual sinos do mundo, podemos até nos comparar a eles, pelo nosso processo de reformulação constante.

Tal processo, um dia, distante no futuro mas aproximando-se a cada segundo, nos dará aquela forma que produzirá sons perfeitos. Então entoaremos acordes quais os que já nos foram ensinados por um Sublime Maestro, há dois mil anos. Seguindo-Lhe o exemplo, o de amar ao próximo, conquistaremos a melhor condição para sermos integrantes do Carrilhão da Vida, cujo perpétuo planger repercutirá até aos ouvidos de Deus.

Eis porque afirmamos que um homem de bem é como um sino de bom som.

Dulce

## CHUVAS NO MAR

Nada mais constrangedor ao proprietário do que o impedimento em dispor de suas posses.

O dia a dia registra reações violentas e descabidas, eivadas de desequilíbrio, quando o dono não pode tocar no que lhe pertence.

Saindo do hoje e mergulhando na História, multiplicam-se as exemplificações de como a posse é transitória, em todos os quadrantes terrestres.

De qualquer valor.

De qualquer pessoa.

De qualquer nação.

Há menos noites no calendário deste planeta do que as vezes que valores mudaram de mãos.

Sendo o mundo o abrigo de Espíritos ainda involuídos, a usurpação sempre tem sido companheira assídua dos tesouros.

Não foi sem razão, senão sim com visão de enorme perspectiva, que Jesus, sem condenar os bens terrenos, sugeriu os bens celestiais.

Elevando o cotidiano para o prisma da ação e reação, verifica-se que ninguém perde nada, jamais, pelo simples fato de que tudo pertence a Deus — o Criador.

Nós outros, efêmeros transeuntes da Terra, somos hóspedes que ao aqui chegar encontramos a mesa posta para nossa jornada como encarnados. Não nos é permitido e nem será possível deixar a hospedaria levando-lhe qualquer pertence. Levaremos, no nosso íntimo, tão somente as energias revigoradas pelo banquete das experiências servidas.

Assim, não será lógico amearhar tesouros porque neste mundo, qualquer tesouro não será mais do que barro exposto às chuvas.

O mesmo zelo, prazer e proveito que um caboclo encontra na utilização de um cavalo, um burro, um carro de boi ou de uma canoa rústica, encontra também o jovem rico da cidade com seu avião, automóvel do último tipo, motocicleta ou iate.

A posse, para ambos, durará nada mais, nada menos, do que o necessário para seus programas de vida.

Para aquele, instrumentos de trabalho.

Para este, oportunidades preciosas de repartir, antes do usufruto egoísta do lazer improdutivo.

Considerável que ambos respiram o mesmo ar, têm os mesmos sentimentos, as mesmas dificuldades, na proporção aplicável ao que lhes deu a Vida — frutos, doces ou amargos, do retorno às vidas já vividas.

Se ambos adoecerem um irá ser tratado com poucos recursos enquanto o outro irá internar-se no melhor hospital. A dor, contudo, para eles, será exatamente a mesma.

Também ao se deitarem, nas noites que se seguirem à sua rotina diária — o caboclo em cama tosca e o rico em aposentos luxuosos —, talvez seus Espíritos até se encontrem. Aí, nenhum terá moedas, só o conteúdo moral dos seus procedimentos.

Sim, no plano dos Espíritos, serão absolutamente iguais, com os mesmos direitos, mesmas responsabilidades, mesmas oportunidades.

A figura acima pode perfeitamente ser multiplicada de forma a envolver, no seu fundamento, todas as criaturas humanas encarnadas. Nesse exercício, vislumbraremos melhor o significado dos conselhos de Jesus quanto aos elementos que degradam os valores, enferrujando-os, puindo-os ou expondo-os na vitrine aberta por onde passam os ladrões.

Será também possível considerar, ainda nessa configuração, que se todos os rios, pela lei da gravidade correm para o mar, pela

lei da Evolução, todos os Espíritos, um dia, abdicarão de qualquer posse terrena excedente de suas necessidades materiais.

Se medidas terrenas nivelarem todos os homens quanto às suas disponibilidades financeiras, sem que isso ocorra com violência, será louvável aceitar o fato como um pálido espelho do que acontece com os Espíritos (com ou sem carne), quanto às oportunidades de enriquecimento moral.

A fé em Deus, além de robustecer a razão, facilitará o entendimento de que, melhor será ser pobre num país de pobres, do que ser um dos poucos ricos onde a miséria impere.

Se o Sol aquece justos e pecadores, igualmente a chuva cai na terra e no mar. E sabem os homens do mar que ele devolve à terra todos os corpos estranhos que lhe sejam lançados. A chuva, porém, vinda diretamente do alto, incorpora-se às águas marinhas, delas passando a fazer parte.

Da mesma forma, quando nossos bens nos forem tirados, ou bloqueados, talvez seja porque eram corpos estranhos em nosso oceano particular.

Quanto às bênçãos que Deus nos dá incessantemente, aliadas à felicidade pessoal que nos proporciona o dever cumprido, isso sim, é patrimônio inalienável, vindo para nossa posse, tal qual as chuvas que se somam ao mar.

MARIA, Mãe, que guarda o tesouro da Paz, nos conceda migalhas de amor e luz.

Dulce

## ÁRVORES E DISPENSÁRIOS

Onde houver uma árvore, haverá sombra acolhedora no verão. Árvores são obras-primas da engenharia divina. Quando dão frutos, são eloquente demonstrativo de quanto a natureza é sempre dadivosa. E mesmo as que não frutificam, à sua sombra, peregrinos se refazem, pássaros se aninham, animais dormem.

Há tanta generosidade nas árvores que até quando são abatidas, doam-se integralmente nas construções de casas, pontes, móveis e tantos outros bens domésticos.

Onde houver um grupo de cristãos, haverá igualmente refúgio para os viajores da estrada da infelicidade.

Onde houver socorro para os doentes da alma, aí estarão Obreiros do Bem.

Onde houver o desejo sincero da autorreforma, aí estará o Evangelho.

Em todos esses lugares e em todos os recantos do universo, está Deus.

Deus é o doador de tudo, para o bem e progresso de todos, eternamente.

Assim, quando um dos Seus filhos faz uma doação sincera, estará fazendo, por um momento, o que Deus faz incessantemente.

A caridade não será salvação se não for feita de forma permanente.

Mas um único gesto caridoso tem o poder de perfumar a alma de quem o faz, nem que seja por instantes.

Todas as coisas existentes no mundo pertencem a Deus. Até mesmo o corpo físico é um valioso empréstimo divino. Objetos, vestuário, alimentos, remédios, casas, veículos — tudo, sem

exceção: patrimônio divino, colocado à disposição do homem, sob cautela, para uso na jornada terrena, a benefício próprio e principalmente do próximo.

Quando o detentor eventual generosamente faz doação, com vistas a amparar o próximo, os Anjos do Céu se regozijam.

Uma casa, por exemplo, transformada em dispensário de bênçãos a encarnados e desencarnados tem a propriedade de funcionar dia e noite, noite e dia, qual árvore frutífera, acolhendo: crianças e adultos; jovens e anciãos; ricos e pobres; doentes e saudáveis.

Para todos, há o devido divisor de ação benfazeja: para o que é atendido e principalmente para o que atende.

O doador, seja uma pessoa, seja um casal, seja uma família, seja um grupo, seja uma sociedade, seja enfim quem seja, terá consignadas em seu registro espiritual (individual ou coletivo) as multiplicadas e incessantes benesses resultantes do seu gesto em doar. Não recebe passaporte para a felicidade eterna, mas recebe o meigo olhar de Jesus, que para sempre ficará na sua memória.

Felicidade, na Terra, é receber esse olhar do Mestre, que diz ao coração do doador: DEUS LHE PAGUE!

Dulce

## ESSÊNCIAS

Desde a antiguidade, o homem vence barreiras, todos os dias, visando seu equilíbrio. A busca do equilíbrio é, provavelmente, a maior manifestação da presença de Deus em cada ser vivo.

Para abrigar-se, todos os seres buscam um espaço que lhes dê, sobre segurança, um pouco de privacidade.

O homem, em assim agindo, além da privacidade, tem oportunidade de reencontrar-se com seus familiares e desfrutar-lhes do indispensável aconchego.

Nisso, cavernas e palácios se igualam.

Fazendo frente às diferenças de temperatura, mudanças essas, algumas vezes, tremendamente hostis, o homem civilizado desenvolveu roupas, vestimentas e calçados para suprir-lhe a epiderme de maiores esforços e manutenção do equilíbrio térmico orgânico. Esses apetrechos não diferem muito das folhas e cascas de árvores ou das peles de animais que os primitivos para isso usavam.

Na alimentação, sejam frutos silvestres de espécies há milhares de anos existentes, ou as melhores iguarias de requintado preparo, a finalidade é sempre equilibrar o metabolismo, atendendo exigências fisiológicas.

Antigamente, os humildes emplastos ou mesmo o resultado de ervas maceradas eram utilizados para expulsar a dor. Hoje, a medicina nuclear é aplicada tão somente tendo por escopo maior também a eliminação da dor.

As rudes flautas de bambu e os toscos tambores dos aborígenes tinham por objetivo produzir sons, para benefício geral. Hoje, as harmoniosas orquestras internacionais têm ainda a principal função

do prazer espiritual que os ouvidos materiais transmitem ante a execução dos clássicos ou dos populares. Há que se notar que da flauta primitiva ao oboé moderno, ou ao avançadíssimo equipamento eletrônico polinstrumental, um si bemol era, é e sempre será um si bemol.

Não é difícil perceber que casa, comida, roupa, calçado e remédio e as demais necessidades e atividades humanas não diferem do que eram e do que são (bemóis e sustentidos também).

Buscavam, todas, o equilíbrio humano.

A evolução proporcionou facilidades, mas a base não mudou.

No campo do Espírito é que não há transformações quanto à maneira de proceder, quando considerarmos que o mal é praticado pelos Espíritos afastados do Bem e que o Bem é praticado pelos que se preocupam com o seu próximo, que esteja afastado do equilíbrio.

Defeitos, quando praticados, são sempre imutáveis.

Virtudes também.

Busquem, os idealistas da fraternidade espírita, a companhia de outros que do mesmo ideal estejam imbuídos e juntos formem a caravana que, da Terra, alcança o Céu, atraindo, pela força imantadora do Amor, os Espíritos desequilibrados, encarnados ou desencarnados.

Alguns, com propriedade, denominam essas tarefas como sendo ação diante da obsessão.

Em essência, esse é o ato de amar.

Ah, o Amor! Manifesta-se iluminado nas mãos, abençoado na união de dois seres, espiritualizado nos médiuns, mas sempre puro, na sua essência.

A essência do Amor está em toda parte, em todas as criaturas, sempre esteve e sempre estará.

Praticar o Amor fraternal resultará na evolução.

Será colocar, a descoberto, visível, tangível, a presença universal do Criador, cuja essência, todos possuímos.

Dulce

## VULCÕES ADORMECIDOS

No íntimo, todos temos vulcões adormecidos.

Esses vulcões, cristalizados por eras que se sobrepõem umas às outras, são testemunhas eloquentes do nosso passado, em que as realizações nem sempre poderão ser rotuladas de amáveis.

O Espírito tem um corpo revestindo-o — o perispírito — e este, por sua vez, é revestido do organismo físico. O núcleo fundente deste planeta, interno, também é envolvido pelo corpo do globo terráqueo, já a partir do núcleo externo, até a crosta.

O Espírito, brilhante no seu âmago, altamente energizado, irradiante, multicolorido, vez por outra, libera parte desse potencial que então se expande incoercivelmente a partir da origem, tomando azimute definido. Em sua trajetória de expansão, esse vetor, dinamizado, irá se deparar com barreiras naturais, podendo desviar-se e mesclar-se com outros agentes locais. Assim, o que era para ser ato de luz e calor, de progresso e subida, transforma-se em desperdício, quando não, prejuízo.

Lavas são resultante de tremendas quantidades de calor que se apropriando de gases ambientais erodem a rocha, expulsam massas d'água dos lençóis freáticos, rompem a crosta terrestre e apresentam-se, na superfície, como espetáculo de fúria, sempre com fogo, às vezes com consequências gravosas.

Tanto quanto as camadas geológicas acomodam-se, em movimentos tectônicos, com início sempre no centro do sistema planetário, assim também nosso corpo orgânico apresenta deficiências localizadas em determinadas regiões, órgãos ou sistemas físicos, tudo em decorrência dos vulcões íntimos que

teimamos em despertar, ora pelo egoísmo, ora pelo orgulho, ora pela descrença, ora pela vingança. Sempre, em descaminhos.

Na Terra os vulcões existem, mas já vão se extinguindo. Ao tempo previsto pelas leis naturais, desaparecerão. Então, já acomodado, o planeta representará estágio equilibrado de fenômenos da mãe natureza.

Nós também já tivemos mais vulcões, mantidos ativos pelas nossas imperfeições morais. Mas já evoluímos.

Tendemos ao progresso.

Com ou sem cataclismos nós e a Terra nos dirigimos para tempos de progresso, constância evangélica conosco, harmonia ambiental com ela.

Vejam onde eclodem vulcões terrestres.

Analistem a repetência das erupções.

Vejam em si mesmos também que problemas de saúde os acometem e deduzam pela necessidade em extinguir a vulcanidade espiritual de determinados procedimentos físicos ou mentais.

Na esteira dos vulcões agitados o solo se torna fértil.

No empós do aperfeiçoamento espiritual veremos que ao ardor de antes prevalecerá a amenidade que Jesus exemplificou.

Harpejar violinos é melhor que empunhar seringas.

Dulce

## REFORMA NA AUTORREFORMA

**E**spíritas, na maioria, são contendores natos.

Guardados nas gavetas do Tempo, registros amarelecidos pelos séculos testemunham quanto cada um evoluiu.

No período compreendido entre o primitivismo do troglodita ao desconhecimento das Leis Morais, enquanto selvagem, o ser humano ficou inimputável. Mas, nas dobras do tempo, as vagas cíclicas da Vida trouxeram para a superfície terrestre a era da Razão, e com ela, o raciocínio. Aí, tristemente, o livre-arbítrio, a bordo da inteligência, substituiu a ignorância para a sobrevivência pela crueldade para dominar, vencendo sempre.

Novamente os séculos se sobrepueram, uns aos outros.

Deus, na sua inalcançável e insondável Sabedoria, encaminhou Espíritos diletos para iluminar a mente humana e pacificar seu comportamento. Pontificando em Jesus, o recado do Pai não poderia ser mais claro, pelo que se tornou eterno: "Amai-vos uns aos outros".

A partir de então, a Era Cristã agitou beneficentemente todo o planeta. Muitos ouviram o recado. Sobre assimilação, aduziram exemplificação.

Degrau a degrau, no avançar das reencarnações, vamos encontrar hoje, nos Centros Espíritas, criaturas muito bem intencionadas, frequentando-os e participando de suas atividades materiais e espirituais.

Se o lar e a família são inspirações divinas, em boa hora apropriadas pelos homens, os Centros Espíritas seguramente estão em patamar próximo delas. Ali, médiuns reunidos sob a lâmpada do Evangelho, agrupam-se para a incomparável tarefa caridosa tanto com encarnados quanto com desencarnados.

Pouquíssimos institutos, em todo o universo, podem se comparar ao lar, à família e ao Centro Espírita. Se nos dois primeiros é inescapável a apara de dissensões, arestas e diferenças, reajuste imperando vinte e quatro horas diárias, por longos dias, meses e anos, no Centro Espírita ocorre outro enredo.

Com parentes reajustamos inimizadas e resgatamos passado delituoso. No Centro Espírita não há débito de médium para médium, em escala individual, e, sim, compromisso coletivo de união, para consecução de ideal comum.

Podemos desertar quantas vezes quisermos dos laços consanguíneos. A necessidade do reequilíbrio, cedo ou tarde, nos reconduzirá, ainda pelo parentesco próximo, a reencontros e convivência inevitáveis.

Já no Centro Espírita, quando invigilantes, os médiuns cedem ao império do atavismo, apagam o farol cristão e revivem lampejos da ancestralidade.

Sabemos todos, que no Bem ou no Mal, momentos podem se transformar em séculos. Os momentos do Bem se eternizarão.

Os do Mal, um dia se diluirão.

Assim, prudente será o médium testificar seu aprendizado, praticando aquilo mesmo que, amiúde, sugere aos visitantes invisíveis, nas reuniões mediúnicas.

Se o médium, buscando mais paz, transferir-se de uma para outra organização espírita, não deixará rastros de reajustes. Estará, certamente, apenas mudando o endereço do seu programa reencarnatório. Pois, para onde for, encontrará outros jornadaeiros, que dia menos dia apresentarão o mesmo quadro psíquico que se tentou evitar.

Quando a desunião visitar o Centro Espírita, convidada que tenha sido tão somente pela intolerância de uma ou mais partes, é preciso que os corações assumam o comando: ninguém melhor que o coração ouve o som divino, transformado em palavra por Jesus, cujo eco, permanentemente, reverbera nos tímpanos da alma cristã, a respeito do imortal "setenta vezes sete vezes".

O Espírito mais humilde não precisa perdoar porque jamais se ofende.

Se ao adentrar no Espiritismo o médium empolga-se com as benditas luzes da chamada "Terceira Revelação", impondo a si mesmo radical transformação, sob a meta da autorreforma, imperioso verificar que aqueles primórdios não bastam. Assim, como na natureza, onde tudo se renova para progredir, o espírita de hoje necessita reformar algo do espírita de ontem. Sempre.

Não há programa ou equação definidos para a reforma da autorreforma. Ela é incumbência individual, intransferível, realizável periodicamente, a título de valiosa reavaliação. Para correção de rota.

Crises em Centros Espíritas podem ser comparáveis às manchas solares, que de onze em onze anos liberam fantásticas porções de energia, com repercussão em todo o sistema solar, interferindo em todos os fenômenos naturais.

À tempestade solar segue-se a ionização benéfica da atmosfera.

À tempestade terrena segue-se a bonança e purificação do ar.

À erupção vulcânica segue-se renovação dos compostos nas terras a plantar.

No Centro Espírita — filial do amor universal —, quando sob interferências, de um ou outro plano, unam-se dirigentes, médiuns e frequentadores e chamem Jesus, perdão na mente, Evangelho no coração, suavidade na língua.

Essa a equação da Paz para qualquer Centro Espírita: numerador, a soma das heterogêneas pessoas que os compõem e denominador, comum, o Amor.

Maria é mãe, toda Amor. Que Sua Bênção seja nossa.

Dulce

## ESCRAVOS E TURISTAS

A reencarnação é, de todos os sistemas contínuos, com certeza, um dos mais complexos. Não está ao alcance de nós outros, estudantes imperfeitos das coisas de Deus, que em essência são, na verdade, maravilhas sobrepostas a maravilhas.

Todas as ações de Deus são eternas na perfeição, não sendo admissível, em tempo algum, reparo a nenhuma delas.

Quanto ao processo reencarnatório, no qual a mais prolongada e feliz das análises não descerrará por completo a sua organização, sistemas e métodos, acreditamos existir um capítulo bem interessante e que pouco é compreendido, pelo que também pouco é aceito.

Esse capítulo, hoje particularmente em foco, refere-se à intercalação que ocorre nas voltas à carne, estabelecendo-se desde já que, quando a criatura encarnada pratica grave e má ação, extremamente prejudicial ao seu próximo, ou a vários deles, o devido ressarcimento só se dará muitas e muitas etapas à frente.

No intermeio, são oferecidas as condições necessárias a criar-lhe capacidade suficiente para reajustar o crime, reajustar o passado, com isso reajustando-se no presente, para no futuro reajustar-se com a vítima.

Análise não muito ligeira das atividades profissionais nos traz à tona, sob a mira da reencarnação — o ontem reajustando-se hoje —, sempre pessoas reajustando-se:

- o cirurgião de hoje pode ter sido o torturador violento de ontem;

- o professor talvez esteja recompondo mentes, não necessariamente as que tenha desequilibrado, em alguma eventualidade, por mau uso de seu saber;

- o viajante bem pode ser aquele que se enclausurou, vivendo vida monástica ou de eremita, quiçá improdutivo; agora leva progresso a terras distantes, só alcançáveis mediante grandes jornadas;

- o músico, sensível e sensibilizador, não seria o baderneiro de outras eras, perturbador ferino do silêncio e respeito devido a quem deles precisasse?

- o militar, com grande margem de acerto se poderá inferir, tenha sido o bandido de outras fases, de outras vidas;

- até mesmo os médiuns, dedicados às tarefas doutrinárias ou assistenciais, deles se poderá arrolar:

- médium curador hoje, o causador de doenças ontem;

- médium vidente seria aquele que outrora, tendo boa vista, preocupava-se em olhar defeitos, em tudo e em todos;

- idem, quanto ao médium audiente, que mal empregou sua audição, antanho;

- médium que empresta a voz agora, nem sempre terá deixado ninguém falar antes, quando detinha grande poder.

Muitos outros exemplos poderiam ser alocados.

Mas os já citados, cremos, terão estruturado a linha de raciocínio, segundo a qual ação nem sempre tem reação imediata, e sim, quando por caridade Deus prepara o devedor para a devida quitação.

Dessa forma, um escravo que tenha rudemente sido flagelado na construção de um monumento (as pirâmides egípcias ou incas, por exemplo) poderá ser o turista que hoje, decorridos cinco milênios, volta a tocar a mesma pedra. Uma situação foi de dor — outra, de alegria.

Porém os responsáveis pela escravidão daquele evento e pelas dores causadas nos escravos, não que ser, com muita probabilidade, aqueles nossos companheiros das terras distantes

que vivem sua vida sob a inclemência do deserto. No presente, completam sua etapa de vida beduína sob grandes dificuldades, sem conforto, sem lar, desencarnando, o mais das vezes, em refregas hostis contra assaltantes. Assim, molham com seu sangue, as mesmas areias que muito tempo atrás, por sua culpa, igualmente receberam o sangue generoso e indefeso dos escravos. Naquelas velhas páginas da história, os personagens que as escreveram, sempre estiveram sob o olhar paternal de Deus, tanto quanto o estão hoje. E para sempre.

Nesses parâmetros, pois, enquadramo-nos todos nós, trânsfugas universais da lei do Amor.

Só um sobre-esforço de humildade nos contemplará com a certeza de que, à frente, novos embates nos esperam. Mas Jesus, sobrecelestes, amigo, suave e pacífico, está conosco e conosco palmilhará, passo a passo, a rota de reajuste que o descaminho do nosso passado remoto tracejou para as longas distâncias do nosso futuro que já está chegando.

Abençoe-nos o Puríssimo Espírito MARIA.

Dulce

## O CORPO E A CASA

Companheiros amados: Jesus nos vê. Vejamo-Lo.

**M**editando sobre a identidade existente entre os planos da natureza, com pouco esforço poderemos entender que a Sabedoria Divina opera com leis recíprocas, harmonizando tudo com identidades semelhantes.

Assim, por exemplo, podemos comparar nosso corpo com uma casa. A nossa casa.

Antes de renascermos é feito um contrato com a Vida, que outra não é senão a proprietária do nosso corpo — nossa casa.

Ajusta-se o tempo de moradia.

O inquilino é o Espírito. Inquilino que terá por obrigação bem cuidar da casa e não a deixar antes de findo aquele contrato, sob risco da mais severa de todas as consequências.

Os móveis da nossa casa são os órgãos do nosso corpo. Desde nosso ingresso nessa casa, estão perfeitamente arranjados e não devemos, por descuido, com ou sem propósito, tirar-lhes a funcionalidade. Se isso acontece, a dor comparece com o propósito educativo, regenerador. Assim, quando ela visitar nossa casa, certamente estará como professora indiretamente convidada, jamais como vingadora.

Nossos pensamentos e também nossos atos serão sempre a família do inquilino e chefe da casa: o Espírito. O *dia a dia*, a bordo de preocupações e temores, pergunta:

- 1º) Qual a segurança dessa casa?
- 2º) Seremos vítimas de furtos ou roubos? Nesse caso, quem serão os eventuais ladrões?
- 3º) Como evitar vândalos apedrejadores?

Responde a consciência ao *dia a dia*:

1º) O reto proceder, instalado pela elevada tônica moral, será sempre campo magnético intransponível às intempéries e agressões do mundo.

2º) Ladrões, havendo-os, sorratoiros ou violentos, são representados pelos vícios, álcool e fumo, tóxico e desregramentos, intemperança física ou verbal, promiscuidade e mente insensata. Em outras palavras, entrarão aproveitando-se das descuidadas portas abertas.

3º) O vandalismo contra nossa casa orgânica pode ser representado pelos irmãos infelizes, sejam de que plano sejam (material ou espiritual), os quais, paradoxalmente, são convidados por nós mesmos. Aceitam o convite e vêm causar estragos no refúgio temporário do Espírito que é o nosso corpo, tentando desestruturar o templo do nosso corpo, que é o Espírito.

A intolerância, o arbítrio, o mando, a autopromoção, a mínima crítica, a elevação diante dos humildes, o desrespeito com os animais, plantas, pessoas e contra o Evangelho, representam, na verdade, convites irrecusáveis aos predadores da Paz. Que serão aceitos, rapidamente, apresentando-se na forma de doenças, angústias, desemprego, lágrimas — dores, enfim.

Mas se cultivas apenas um dos mil atos de Jesus, já então tua casa estará iluminada. E o que é mais importante, na rua em que estiveres situado, isto é, no universo dos teus compromissos todos, somados, haverá luz para muitos, fazendo com que das esferas mais altas, Pastores de grandes rebanhos, que estão do lado das estrelas, vejam na Terra também uma estrela: o homem bondoso.

Tremule sempre sobre nossa casa uma bandeira branca, indicativa firme da Paz, iluminada dia e noite pela temperança dos que nela habitam.

E as bênçãos do Altíssimo, convidadas eméritas do chefe da casa e dos seus familiares, ali virão morar com eles.

Dulce

## O MUNDO É UMA FORJA

Irmã e Irmão,

**D**e todas as coisas cristalinas, o progresso é o mais puro expoente da verdade, tão e sempre negada, de que o mundo é bom.

O mundo é uma forja: fogo, fole e bigorna.

O fogo: abrasa, transforma, purifica, modifica, dilui, impera soberano sobre todos os elementos naturais;

O fole: aumenta ou diminui, concentra ou espalha, traz ou leva, abranda ou enrijece. É também elemento de ação nos planos da fundição que, além de indispensável, liga a fase inicial à final.

A bigorna: apara e rebate, entorta ou endireita, torce e retorce, retifica e aplaina, amortece choques ou transmite ondas de força ao elemento mutante.

Pela ação da forja, capitaneada pelo laborioso ferreiro, metais dantes imprestáveis transmudam-se em utilíssimas ferramentas.

Pondera, minha irmã e meu irmão, que as mesmas propriedades da forja te são oferecidas, desde muito tempo: pelo Evangelho, vibrante.

Sim, transformando criaturas para melhor faz renascer um cristão donde antes havia um contumaz pecador.

Refleta, ainda, para onde te diriges: não admitas crer que o mundo não é bom.

Progresso, forja cristalina!

Evangelho, forja da evolução!

Consciência, forja individual!

Jesus amou sua missão e só depois nos apercebemos que Seu amor nos abrasou, dissolveu pecados, iluminou a escuridão, plasmou o progresso, construiu caminhos, perfumou os séculos,

engrandeceu o exemplo como força maior da dinâmica pedagógica, semeou virtudes, quantificou os valores do Bem. Enfim, mostrou e demonstrou que em tudo, o Espírito sobrepõe-se à matéria.

Jesus, como homem, foi humilde carpinteiro, mas como Mestre, foi designado por Deus para ser o Ferreiro Moral do Mundo. Assim, jamais vibrou uma única pancada, tudo construindo por meio do poder que só a Caridade pura confere.

Medita, irmã ou irmão, se não estás correndo para longe da tua forja de tarefas individuais — tua família—, aquelas que te amarfancam a alma, o entendimento e a paz. Usa a oportunidade sagrada que te confere Deus, situando-te no leito dessas águas, quase sempre revoltas.

Considera que o fogo da tua forja foi ateadado por tu mesmo.

Refleta, com humildade, que o fole que varre tua pele, ora aquecendo demais, ora resfriando, tem a dose exata do teu merecimento.

Os fatos do cotidiano, em casa ou na profissão, são abençoada bigorna que te relembram a fragilidade.

Mas, sons do alto, cadenciados e gentis, envolvendo a Terra, iniciam o canto de uma nova alvorada; o mundo, forja sublime, adentra rapidamente na era do Espírito, no qual a máquina orgânica, maravilhosa embora, já vai sendo utilizada como meio e não como fim, em vista das indescritíveis vitórias da mente e do intelecto.

Bendiga, pois, teu sofrer, ele demonstra que já vai adiantada tua capacidade em absorver os choques transformatórios da dor, sofrimento ou aflição, objetivando tão somente tua depuração.

Aliás, outra não foi a intenção do Mestre quando se socorreu dos lírios no campo, para testemunhar que até quando as paisagens são hostis delas emergem elementos purificados.

Dulce

## AMPARO

**D**eus, no ato de criar, que se repete para a eternidade, concede àquilo ou àquele que é criado, amparo necessário para a sua caminhada. Mineral, vegetal, animal e o hominal são produto de leis maiores, regulando a gênese total do Universo.

- Ao mineral, o Senhor concede propriedades de durabilidade, a par de fantástica agregação atômica, que irá se repetir em tudo o mais, material;

- Ao vegetal, se ramos, elasticidade; se árvores, raízes;

- Aos animais, maravilhosos conjuntos orgânicos, desde alguns com sobrevivência em águas profundíssimas a outros de velozes deslocamentos em voos de grande altura;

- Aos homens, condensando todas essas benesses, doou o Criador a inteligência.

E essa é a doação das doações.

Imaginemos alguém que use muletas e se ponha a agredir com elas as pessoas que dele se aproximem. E o que dizer do aluno que rasgasse a cartilha; do lenhador que desprezasse seu machado ou o usasse como arma; do patrão que malbaratasse seu capital; do empregado que abandonasse seu emprego?

É diante desses quadros do cotidiano que encontramos tênues exemplos de como o homem utiliza o donativo da Inteligência.

Mas, mesmo aí, encontraremos também uma das incontáveis outras faces da bondade de Deus: sabendo-nos fracos, quanto ingratos, o Pai concede aos Seus filhos humanos inúmeras outras condições de arrimo, para dirigi-los rumo à evolução espiritual. Que é lei. Lei Divina.

Presente está, sempre, o amparo.

Há palavras, e amparo é uma delas, que ao serem pronunciadas ou nem sequer pensadas, produzem um feixe vibratório que ultrapassando o material, adentram no astral, passam pelo mental, e, em prosseguindo ainda, chegam ao Divino.

Amparo é caridade.

Com suas seis letras, se abstrairmo-nos, criaremos um pomar, criaremos o mar, e o que é mais elevado, o Amor.

Ao pronunciarmos a palavra amparo é sempre bom lembrarmos de Jesus, pois o Maior Amigo viveu amparando, quando se revestiu de carne. E, como Espírito, não cessa de fazê-lo.

Deus, Jesus, Amparo, Amor, Caridade, Paz.

São vocábulos que em nossa língua, sobre soarem bem, têm o dom de positivo magnetismo regenerador, sejam ditas em que ordem for, por quem quer que seja, em boas ou más condições.

Num grupo de médiuns será proveitoso que Kardec seja o amparo.

Maridos e esposas se amparem e juntos, aos filhos.

Aos com sede de saber, livros.

Aos intolerantes, compreensão.

Aos amigos, dedicação.

Aos inimigos, perdão.

Aos cegos, a mão.

Aos famintos, o pão.

A todos, sempre, o Amor.

Deus ampara o Universo, totalmente.

Jesus nos ampara, individual e coletivamente.

E nós, amparemo-nos, uns aos outros, mutuamente.

Dulce

## O FATOR OCULTO

Irmãos em Jesus,

**A**s nuvens não caem aleatoriamente.

Quando formidáveis massas d'água despenham das alturas, provocando dor, muita dor, ceifando posses, ceifando paz, ceifando fortunas, ceifando famílias, ceifando vidas, transferindo do plano material para o plano espiritual centenas de Espíritos atônitos e sofredores, há que se perguntar se Deus não poderia ter evitado tanta desgraça. Mesmo alguém que não diga Deus, nesse caso, mas sim, Seus Siderais Auxiliares, os Espíritos Protetores, não poderiam impedi-lo?

Nesse ponto apelamos para os conceitos de Allan Kardec, codificador eficiente da Doutrina dos Espíritos e primeiro a registrar, no papel, a transcendência da Lei Divina de causa e efeito. Por essa Lei, nossa mente vai buscar no passado as causas do desastre de hoje e nessa reflexão, analiticamente, razão à frente, torna-se possível compulsar hipóteses lógicas para esses holocaustos, aparentemente recheados de injustiças. Reflitamos, de início, como se formam as nuvens:

- o planeta Terra possui em seus dois polos formidáveis porções de gelo, as quais, não alcançadas plenamente pelos raios solares, desprendem baixíssimas temperaturas, para grandes alturas;
- essas grandes quantidades de ar gelado, não encontrando resistência térmica, sobem muito e encontram-se também nas grandes alturas, com ventos fortíssimos que as levam para milhares e milhares de quilômetros de distância;

- nos mares que rodeiam o mundo ocorrem gigantescas subidas de água, na forma de evaporação; essa água, aquecida e ionizada pela ação solar, agrupa-se em cristais minúsculos;

- formando-se então essas nuvens, de diferente temperatura daquelas oriundas das calotas polares, há encontro das mesmas, as quais, possuindo também cargas diferentes de íons, entrechocam-se e fundem-se, transformando-se nas chuvas, as mais das vezes benfazejas.

Não se pode imaginar que tais fenômenos não sejam muito bem programados e regulados por Entidades Espirituais de grande poder e sabedoria, de forma a manter ativos e abastecidos de água todos os seres vivos.

É assim que os rios são formados e, em torno deles, sabemos, maior quantidade de vida humana, animal e vegetal se concentra.

É nesse ponto, porém, que cabe indagar:

— Por que algumas chuvas matam? Tempo virá em que os homens compreenderão, na plenitude, que o pensamento é de todas as forças, a mais forte: é pelo pensamento que o homem mais se aproxima de Deus, quando cria sem usar mãos, ferramentas, matéria-prima qualquer — apenas com vibrações mentais.

Pois bem, quando uma determinada população age desvairadamente, agredindo dezenas de vezes (senão centenas) as Leis Divinas, desequilibra-se a harmonia ambiente de uma grande área, quase sempre densamente habitada. Temos que tais distúrbios infelizes, negativos e recheados de mal, são e constituem com gigantesca força que, não tendo para onde se expandir lateralmente, já que o mar, montanhas, florestas e plantações as repeliriam, dirigem-se para o alto; e, acima, mesmo não havendo tais barreiras, ainda assim não se expandirão horizontalmente, se as áreas fronteiriças não se igualarem em comportamento, formando pois um escudo natural.

Tais forças psíquicas, nas alturas atmosféricas, sobrecarregam as nuvens de miasmas mentais potencialmente destruidores. Nesse entrechoque, as colisões espaciais de três forças distintas (carga

elétrica positiva, carga elétrica negativa e plasma mental obsessivo) têm como resultante o desequilíbrio do ciclo harmônico das águas. Sobrevêm, então, as grandes inundações, como de resto, nessa equação podem se enquadrar muitos flagelos planetários tidos à conta "da natureza".

Em outras circunstâncias, em que os atingidos — geralmente famílias pobres — não tenham aquele comportamento, cabe a suposição de que ali foram agrupadas pelos Espíritos encarregados dos processos reencarnatórios, para juntas resgatarem débitos de vidas passadas, coletivamente e em parceria contraídos.

Esse, o fator oculto das chuvas trágicas.

Na esteira dessas considerações situam-se as consequências secundárias dos desastres nos quais todos os assistentes, hoje aumentados em grande número pelas imagens das televisões, incluem-se. Eles, juntamente com familiares dos sobreviventes, situam-se no rol dos culpados indiretos de tais fenômenos, com menor culpa é verdade, mas nem por isso isentos de por eles serem também atingidos, em seu equilíbrio físico ou psíquico.

Os que perecem, face leis imutáveis e às quais não nos é ainda possível perscrutar, mas que o Espírito sente de absoluta justiça, quitam débitos contraídos talvez há séculos, ou milênios, em vidas passadas. Aqui, emerge a Bondade de Deus, fazendo com que os atingidos, infelizes aos nossos olhos, despertem felizes nas claridades espirituais, gratos ao Pai, pelo pagamento de débitos arquivados nos escaninhos mais íntimos de suas consciências.

Deus é eternamente justo e bom.

Tanto quanto todas as águas da superfície terrena vão para o alto ou para o mar, sejamos aqueles tarefeiros que amam os lagos, os rios, os oceanos e as nuvens. As nuvens, aliás, representam o passeio aéreo que periodicamente realizam as águas, no incessante e incomparável fenômeno da evaporação, seguido das chuvas que abraçam a terra, fazendo-a mãe dadivosa de todas as lavouras.

Dulce

## A INVEJA

A inveja está presente em praticamente todos os cantos e recantos da atmosfera terrestre. É um sentimento que habita quase sempre na parte mais oculta do consciente, fronteira do subconsciente.

Toda vez que se reunirem três ou mais pessoas, desconhecidas e de diferentes origens, se dialogarem entre si, em menos de cinco minutos é provável que alguém já estará com inveja de alguém.

No Velho Testamento há vários registros de inveja e pior de tudo, no lugar em que é menos esperada: no lar, entre irmãos.

Caim e Abel; Jacó e Esaú.

No Novo Testamento, a parábola do Filho Pródigo expõe, igualmente, inveja entre irmãos. Ainda ali, as irmãs de Lázaro, quando na presença de Jesus, em atividades opostas, têm levado muitos a suporem que entre elas pairava inveja.

O instituto da família, tão bem engendrado por Deus, deveria ser, na verdade, onde nenhuma inveja haveria de subsistir, a união conjugal, o amor paterno, o amor materno e o amor filial e fraternal são antídotos firmes contra a inveja.

De forma ampla, a inveja é dirigida ao poder material.

Poder esse, temporal, esgotável, transitório.

Quando alguém adquire uma fabulosa mansão, ou um fantástico veículo, ou uma valiosa joia, quem disso toma conhecimento dificilmente se livra de, intimamente, concatenar a pergunta — por que não eu?

Consenso materialista diz que o dinheiro compra a felicidade.

Vã ideia! Soberbo equívoco! Escuridão na alma!

Uma casa, um carro, uma joia, vultosa conta bancária, ou outro bem terreno qualquer têm encerrados em si mesmos, histórias desconhecidas, boas e más. Já na sua origem (aquisição, construção ou fabrico, ganho próprio ou herança), talvez tenham proporcionado trabalho a mãos necessitadas. Bens móveis e/ou imóveis, quando prontos, agradam ao olhar pelas formas e cores que anunciam mãos de artistas na sua elaboração. Ali, também, estão milhares e milhares de horas de pesquisas e trabalho, acumuladas, nas atividades de vários profissionais (técnicos, especialistas, auxiliares em geral ).

Quanto aos seus proprietários, ah! seus proprietários!

Nada lhes vem gratuitamente às mãos. Muitas são também as histórias das fortunas, nem sempre felizes, inveja sobre inveja, reencarnações sobre reencarnações, passado, presente, futuro.

Cobiça-se o bem mas olvida-se o ônus de manter a posse.

Nada material existe que não sofra ação desgastante do tempo, já que no planeta Terra, o atrito é lei permanente:

- um carro que era último tipo há trinta anos, hoje talvez não tenha pretendente, tirante os ferros-velhos;
- a casa mais luxuosa de todo o mundo, do início do milênio passado, talvez nem exista mais;
- a joia mais rara, mais cara, não serve para nada, a não ser como item de fabulosos inventários e de muita inveja quando enfeitando alguém;
- o exercício do poder, concedido geralmente por títulos de nobreza ou de comando, ou de política (sejam quais forem esses títulos) é ainda mais efêmero do que aqueles bens materiais: quantos anos vive ou permanece na função um imperador, rei, presidente, comandante?

Rei só pode existir um. Presidente e comandante, idem.

Políticos, em geral, pesa-lhes, já no primeiro, o temor do último dia do mandato. Aí, a reeleição, via de regra, usa e abusa do fazer sofrer àqueles que com ela se preocupam. E são quase todos.

Irmãos: inveja é equívoco, é desperdício de preciosa força. Para evitá-la, necessário é acionar alguns dispositivos mentais e emoldurá-los com as premissas do Evangelho de Jesus, para corrigir o rumo dos nossos invejosos pensamentos.

Não estamos à deriva neste mundo. Nunca estivemos. Se naufragamos aqui ou ali, certamente foi o peso da inveja que nos fez soçobrar.

Espíritos evoluídos agem ao contrário do invejoso podendo estar apenas em ambiente fraterno, palmilhando espaços luminosos, em companhia de outros seres angelicais, com paz e harmonia plenas, deixam tudo isso para conviver com a dor, com o atraso, com o orgulho, com o egoísmo — nossa companhia. Amando-nos, incondicionalmente, mergulham da luz nas trevas, trazendo-nos apoio, trazendo-nos esperanças. Caridosos, tolerantes, compreensivos, mansos e pacíficos não se atordoam com perdas, com a ingratidão, nem com as investidas da inveja.

Talvez por isso é que tenha sido criado o hábito salutar, de origem perdida no calendário, de registrar atos e fatos dos homens que com Amor marcaram presença na Humanidade. Mesmo fragmentadas, temos biografias dos Profetas; deles a Jesus; d'Ele a Paulo, deste a Francisco de Assis, além de incontáveis outros abnegados.

Deus, Pai de Bondade, a própria Bondade, concede-nos tais visitas para que os exemplos dos visitantes sejam seguidos.

Almejar estar com eles, ser como eles, ter o que eles têm, procurar fazer o que eles fazem, esta, sim, é a melhor postura para aquele que quiser evoluir, seguir os bons.

Esse ideal, oposto à inveja, quando conquistado, tem a magia de conceder o maior de todos os bens, o mais valioso de todos os tesouros, a luz mais brilhante e a felicidade duradoura: a capacidade de amar.

O Amor, assim, é o impulso que eleva o Espírito de homem para anjo.

E, seguramente, uma vez anjo, para a eternidade. anjos seremos.

Maria, Mãe Celestial de todos nós, conceda-nos abrigo em Seu manto.

Dulce

## GENEROSIDADE

C onheceram-se. Amaram-se. Casaram-se.

Generosamente, Deus povoou-lhes o lar com quatro filhos.

De início, uma filha, inteligente, ativa, saudável. Trouxe alegrias incontáveis à casa.

O segundo filho, ao empós de três anos da primogenitura, chegou trazendo pesadelo, eis que deficiente cerebral, organismo desuniforme, palavra tolhida. Sons inarticulados, presença difícil, perspectivas de vida para curta duração — se tanto, cinco anos.

Identificada a síndrome, instalada a tempestade.

Mágoa, inconformismo, imprecações, desespero.

Um vendaval de reações emocionais desencontradas, duramente fustigadas pela testemunhal presença de algo superior, decidindo por tão incompreendido quanto insuportável teste.

Retraimento social.

Mergulho para o interior de abismos íntimos.

O tempo — supremo dom que só Deus poderia ter criado e distribuído, para tudo e para todos —, com sua placidez de equilíbrio, acomodou aquelas almas em desalinho.

Que o Tempo traz solução para todos os problemas.

Anos depois, dois novos filhos-companheiros chegaram ao lar, gêmeos bonitos de se ver.

Pensou-se que a Natureza, talvez em termos de compensação, estivesse reparando parte do provável equívoco.

Os pais, que inúmeras vezes haviam optado pela internação do segundo filho em uma instituição especializada sem, contudo, encontrar disposição para efetivar tal transferência, amoldaram-se à situação.

Ninguém pensou no sofrimento daquele pequenino ser, continente desajustado para conteúdo missionário, já que por doação, houvera suplicado, quando ainda no Plano Espiritual, tal embate terreno para constituir-se em elo de ligação de cinco companheiros seus, de há muitas épocas, aos quais desunira, por meio que lhes danificara corpo e Espírito.

Seu olhar, meigo, dócil, sereno, luminoso e permanentemente calmo, contrastando com o demais do equipamento orgânico danificado, produziu o milagre de reforçar respeito, tolerância e mais que tudo, amor, de parte a parte, de cônjuge a cônjuge, de pais a filhos e destes àqueles, de irmãos a irmãos.

As crianças, devedoras menores do processo, ao se fazerem adultas, ao embalo da saudade dele, não passavam um único dia sem pronunciar algo sobre o irmãozinho que Deus poupou ao sofrimento, oito anos e meio após o nascimento.

Esse nascimento foi aquilo que se pode chamar de generosidade.

Maria, Puríssimo Espírito, volte para nós e para o mundo, como para aquela família, Seu olhar generoso de Mãe Celestial.

Dulcinéia

## O DESERTO E A METRÓPOLE

Irmãos em Jesus: paz para todos.

**E**m meio à multidão, muitas vezes a criatura está só.

O burburinho da cidade grande, no início ou no fim da jornada diária de trabalho, não preenche os espaços que o coração reclama.

Na multidão é mais fácil sentir solidão.

No ambiente profissional, quanta vez o trabalhador quer gritar bem alto que tem um problema; pelas convenções do mundo isso é proibido e então ele se sente irremediavelmente só.

No lar, ante dificuldades de solução distante no horizonte do equilíbrio da vida, a amargura, só a amargura é companheira fiel da mãe ou do pai que volve seus olhos para o mundo e para o Céu, num inexplicado sofrer ante o inexplicável problema.

Na praça de esportes, sendo visto por milhares de pessoas, o atleta pode trazer no coração a angústia da dúvida, ante dificuldades insuperáveis do seu íntimo, invisível aos torcedores; seus músculos, síncronos, proporcionarão maravilhas esportivas e todos aplaudirão; contudo é quase certo que nem uma ou só uma criatura, em toda a plateia de milhares, capte a dor moral compungindo tão sadio coração.

Entre milhares de alunos, instante há, para todos, de solidão plena, ante uma questão curricular contida em importante exame. Só. O aluno está só. Quer perguntar. Não pode.

O jovem, ante o futuro, com o aproximar-se do verã das responsabilidades, pergunta-se e aflige-se ante que caminho optar; muitos poderão acometer-lhe sugestões, mas certamente haverá momentos de torturante dúvida, irmanada à solidão.

Sendo parte do mundo, de um mundo de milhões de semelhantes, muitos beduínos da Vida, mesmo por vezes residentes na metrópole, ali terão seus instantes de deserto na alma.

Já no próprio deserto, seus poucos transeuntes e ainda menos seus habitantes nunca experimentam solidão, já que esta é originada pela dúvida, que as areias escaldantes, ventos, um sol e mil estrelas dissipam, mostrando-lhes, diariamente, que Deus está presente, em toda parte.

Nem foi por menos que Jesus inaugurou a prática do retiro voluntário, quando por quarenta dias habitou no deserto.

É que Ele sabia que ali, sem interferências mundanas, de Deus, podemos chegar mais perto.

Amigo, quando nos trilhos da solidão, não entregue seu pensamento à ideia do abandono, tudo provém do Alto.

É lei infalível, por divina, que todo aquele que buscar encontrará.

O Espiritismo, qual benfazejo cometa luminoso, veio até à Terra e nela sobrepára dadivosamente, clareando os meandros da Dúvida Humana, coração a coração, não deixando ninguém se sentir só.

Nem no deserto dos objetivos, nem na metrópole dos nossos erros morais.

Protegendo-nos, qual Mãe Celestial, fonte perene de Amor e Proteção, temos a eternamente venerável Maria de Nazaré, que acolheu Jesus na sua chegada ao mundo. Ela, que sentiu a dor maior que se conhece, que é assistir à impiedosa ingratidão humana para com um filho, ante a multidão então mergulhada no mais impiedoso engano que a História já registrou. Mas, mesmo no Calvário, não estava só, física e espiritualmente, a tudo olhava com os olhos da alma, os únicos capazes de ver que Deus não nos abandona jamais.

— Maria, dá-nos agora a mesma bênção que Jesus recebeu.

Dulcinéia

## ALINHAMENTOS

O ambiente era requintado, luzes indiretas, música suave, plantas ornamentais delicadas, carpete aveludado, móveis aristocráticos, perfume no ar de temperatura artificialmente mantida amena.

Sala cheia, metade pacientes; metade acompanhantes.

Um homem de postura irrepreensível, aparência sóbria, gestos estudados, olhar austero e percuciente, contrastava com sua acompanhante, esta, uma jovem de expressão abatida, gestos curtos e nervosos, denunciando aflição intensa.

O homem, herdeiro de grandes posses e de não menos janeiros, idade já no frontal da velhice.

À sua frente, dentre tantas outras pessoas, havia uma senhora, de semblante equilibrado mas tenso, movimentos poucos, programados, muito bem vestida, denotando deter apreciável condição financeira. Beirava já quase os quarenta anos de idade.

Acompanhando essa senhora, uma jovem, assim como a que estava ao lado daquele senhor, semblante tímido, deixando à mostra a carga de problema de difícil solução.

Da mesma forma aparentavam ser os demais componentes daquele grupo, naquela sala de espera, bem postos, mas carregando pesados fardos íntimos, invisíveis pois, mas quase exteriorizados.

Comandava aquele consultório, eminente e famosa médica, que optara pela ginecologia e depois de tropeços iniciais em sua carreira profissional, troçegara também na realidade e na antevisão do futuro desprovido de bens terrenos. Após tais tropeços, por sua vez, atropelou a consciência e transformou-se em terrível veículo do mal,

praticando, ao arrepio da lei, dezenas de abortos ao mês, centenas ao ano. Com isso, resolvia complicados problemas da sociedade, no que ela tem de irresponsável e de dissoluta.

O referido homem trazia moça por ele desencaminhada e a senhora trazia aquela que por antecipar fatos, perdera o direito de ser-lhe nora.

Ao fim do dia, mais dois, dentre tantos Espíritos revoltados, tiveram bruscamente interrompida sua promissora viagem rumo à encarnação. Retornaram amargurados, feridos, revoltados e vingativos a regiões cinzentas da psicosfera da Terra.

O homem, maduro e rico, sem família, atraiu-se pela senhora de aspecto honrado e elegante, a qual, sendo viúva, deixou-se também atrair. Casaram-se. Brindou-lhes o destino com o nascimento de filhos gêmeos. Filhos esses que, embora tratados com o máximo de proteção e afeto, nem por isso se mostravam gratos.

Anos depois, acometidos o casal, simultaneamente, por meningite encefálica, necessitando de medicamento específico a ser-lhes aplicado, no auge da crise, à noite, os filhos, deliberadamente não o ministraram. Cometeram voluntário parricídio, em cumplicidade que a lei terrena não logrou identificar.

Dois Espíritos, amargurados e feridos, foram catapultados para regiões cinzentas da psicosfera terrena.

Muitos anos depois aqueles filhos se casaram. Cada um, a seu tempo, recebeu a dádiva de um filho: num lar, um filho; noutra, uma filha. O destino, alinhando atalhos tortuosos e dispersivos, indutores ao erro, reconduziu, pela terceira vez, aqueles quatro companheiros de tantas e tantas jornadas passadas, conjuntamente delituosas.

Os pais, já idosos, fundaram lar assistencial a órfãos e mães solteiras.

Os filhos, primos entre si, formados em Medicina, conduziram o ambulatório médico da instituição, sempre favorecendo gestantes.

Foi nomeada diretora administrativa da instituição, uma jovem recém-formada em Assistência Social e que por isso, quase sempre, era a primeira pessoa a abrigar nos braços, dezenas de vezes ao mês, centenas de vezes ao ano, as crianças recém-chegadas à luz.

Outro alinhamento ocorrera, eis que com o desencarne prematuro da famosa médica ginecologista, agora ela estava ali, sentinela atenta dos viajores que chegavam ao mundo, já com a paternidade perdida. Mas com a vida garantida.

Maria, Mãe, fortaleça nossa disposição em mantermo-nos alinhados ao Bem.

Dulcinéia

## A PAZ DO EVANGELHO

Onde encontrar a paz?

Onde buscar a paz?

Onde reside a paz?

Todos os homens, em todos os tempos, fizeram essas perguntas. Só um deus as respostas.

Pela paz os homens vivem em guerra.

Em nome da paz a humanidade agita e entrecorta os continentes, tingindo-os com poças de sangue.

Onde há Paz?

A maioria de todos nós acha que a paz será obtida quando a Humanidade:

viver com simplicidade;  
praticar a caridade;  
ofertar amizade;  
demonstrar fraternidade;  
equilibrar-se na sobriedade;  
acalmar-se na tranquilidade;  
exemplificar responsabilidade;  
testemunhar espiritualidade;  
respeitar a pontualidade;  
banir a desonestidade.

Ou então, quando cada homem:

evitar a intolerabilidade;  
abster-se da mediocridade;

condenar a irritabilidade;  
proibir a cumplicidade;  
maldizer a maldade;  
orar pela Humanidade.

Refletamos que tudo isso, em maior ou menor grau, representa, certamente, condições para a Evolução. Sim: esse proceder global representará o palmilhar na estrada evolutiva. Virtudes são aquisições possíveis em toda a eternidade.

Contudo, forçoso será admitir que a Paz não se adquire, não se conquista, não se ganha.

A paz é resultante.

É luz sem sombra.

É tempo sem medição.

É movimento harmônico de corações.

É total.

E isso exclui a Terra, na atualidade.

A paz é o Bem e o Bem é Deus.

Assim, o Homem da Paz nos disse um dia: "A minha paz vos deixo".

E deu-nos Sua paz.

Tal é a paz do Evangelho, a Paz de Jesus.

Aceitá-la será opção nossa e a teremos, desde que copiemos pelo menos alguns passos do Mestre. Então, o merecimento nos visitará trazendo-nos a paz como consequência.

Dulcinéia

## ÓRBITAS

**M**ajestosos e pontuais, os Cometas visitam-nos periódica e regularmente, trazendo um pouco mais de luz nos céus do Planeta.

O próprio planeta Terra, embora sem luz própria, mas sempre com a metade iluminada, percorre também o espaço, em via particular, com velocidade uniforme e constante. Sua rota, invariável, em torno do guia acalentador, descreve, juntamente com outros planetas e seus respectivos satélites, além de milhares de asteroides, rota definida, sabiamente organizada em órbitas ao redor do Sol.

Abençoado planeta Terra, que em seu bojo acolhe e transporta bilhões de Espíritos, verdadeiras pequenas centelhas de Deus: nós.

Somos sim, quando caridosos, luz de Deus, da mesma forma que as estrelas, quanto maior for a escuridão da noite, mais luminosas se tornarão.

O nascer, crescer, produzir e depois morrer, e reviver, sempre a plantar e a colher, são fatos, na verdade, semelhantes a órbitas individuais. Nelas, a bondade de Deus autoriza que, rumo, velocidade e duração sejam programados por nós próprios.

Tanto quanto corpos celestes giram em torno do Sol nós também seremos felizes se orientarmos nossas órbitas comportamentais em torno de Jesus.

A criança que vá diariamente à escola, repetindo gestos, caminhos, lições, atos e atividades curriculares, o ano inteiro, ano após ano, na verdade realiza milhares de pequenas e repetidas órbitas. Quando então, ao diplomar-se, poderá transitar por estradas mais pródigas, posto que irá aplicar o que aprendeu e

distribuir o que disso venha a ganhar. Sua órbita enobrece na mudança.

A professora ao lecionar, o médico ao curar, o pedreiro ao construir, o lavrador ao plantar são exemplos de dignas órbitas que se repetem no dia a dia, desde que o mundo tem memória.

Que a aposentadoria jamais represente o cessar do labor, mas simplesmente a continuidade do trânsito na órbita evolutiva, então modificada, mas agora já mais bem definida.

A semente que germina e reproduz-se, perpetuamente, nada mais faz do que orbitar entre o seio da terra, à qual vence, e, com isso, eleva-se para os galhos, recebendo os benefícios solares, para depois retornar à terra. Se:

- o aluno e a professora voltam diariamente à escola;
- o médico sublima-se todas as incontáveis vezes que alivia uma dor;
- o pedreiro, peça a peça, constrói imensos edifícios;
- o lavrador, estação a estação, planta e colhe o alimento para milhões;
- as sementes estão no mundo desde o seu começo;
- todos os Espíritos, pela reencarnação, vêm e vão;
- os cometas, por mais longínquas e abismais sejam as distâncias de suas órbitas, igualmente voltam à nossa presença, inda que apenas ao nosso olhar.

Muito esperançosamente acreditamos e até mesmo podemos esperar que o Mestre Jesus, como há dois mil anos poderá (Deus o permita) estar novamente conosco, a distância de metro físico, desde que nós, desde já, possamos estar com Ele, vencendo a incomensurável distância evolutiva que nos separa.

Conseqüiremos, se com gratidão estiver nossa alma.

Dulcinéia

## A PAZ DOS CEMITÉRIOS

**E**nganosa paz!

Engana-se aquele que doa a si mesmo o beneplácito da tranquilidade do viver em paz, triunfando emergencialmente de torneios travados no mundo, sem que a própria consciência tenha sido ouvida ou sequer consultada.

Enganam-se:

- o jogador que vence pelo ludíbrio;
- o ladrão que se torna rico;
- o soldado que trai a pátria e obtém por mordomia não comparecer na guerra;
- aquele que rouba a autoria e pelo plágio obtém fama e glória;
- o cônjuge déspota que impõe sua vontade no lar pela violência, ou por chantagem emocional;
- o joalheiro que vende vidro por brilhantes;
- o amante que recorre a sortilégios para prender a quem ama;
- o homem público que usufrui do cargo para locupletar-se;
- o pai e a mãe que educam filhos por pancadas;
- o criminoso insuspeito da justiça terrena;
- o forte pela supremacia incoercível sobre o mais fraco.

Enganos, enganos, enganos.

Não é mais ouvido o que grita mais alto.

Não é mais rico o que tem mais posses.

Não é o mais bonito o que é mais cortejado.

Não é o mais inteligente o que é mais culto.

Não é o melhor aquele que mais divulga a auto filantropia.

Não é cristão ninguém que assim procedeu ou procede na vida e ainda não esteja vivamente empenhado em reformar tal procedimento.

Poderá ser religioso, principalmente espírita (sabedor da Lei de Ação e Reação e das vidas sucessivas...), mas ainda não é cristão.

— Quem de nós pode atirar a primeira pedra?

— Quem não percorreu tais descaminhos, agora ou antes?

Jesus recomendou que é preferível ganhar o Céu, mesmo que para isso o homem venha a perder a Terra.

Pois não se vence o frio pondo fogo na casa nem se torna vencedor trapaceando.

Enganosa a paz dos cemitérios: é aquela paz que os incorretos nela se fixam, desconhecendo que nos próprios cemitérios onde nenhum movimento se nota; onde até o ar parece ficar parado; onde as árvores testemunham mudamente lágrimas fiéis e infiéis; onde até mesmo poucos pássaros se guardam; onde o silêncio reina, dividindo a vida e a morte, como duas metades irreconciliáveis conquanto definitivas — ali não há paz.

Sim, por detrás da languidez espectral desses lugares, sabemos nós, jangadeiros da reencarnação, que pululam movimentos desconexos, num vaivém diáfano e permanente de entidades engalfinhadas no absurdo de ver e não crer, de viver após morrer, diante da realidade da vida espiritual subsequente à vida material. Despreparados que se encontravam para tão bondosa transição, assemelham-se a escafandristas que repentinamente deixassem o equipamento quando estivessem no fundo do mar, sem que sequer houvessem, quando na superfície, treinado tal ação.

A paz é pulsante, aquecedora, vibrante, dinâmica, operosa, acumulada de vitórias do Bem, irradiante, emancipadora, sempre dirigida para o zênite da Caridade.

A paz é a absorção de todas as verdades, em todas as dimensões.

Diante de qualquer ação, possibilita àquele que a possui, num relance, ver, compreender e sentir toda sua extensão (presente,

passado e futuro). Isso, no plano em que ele e o agente estejam (material ou espiritual).

Assim, diante da dor ou da alegria, delas compartilha. Nas dificuldades, tudo tolera, tudo entende, perdoa e perdoa sem cessar.

A paz é comunhão com Deus.

É o ingresso no reino do Amor, que está nos esperando, demoremos quanto demoremos para alcançá-lo.

A falsidade resulta na guerra, a pior guerra — aquela na qual o homem defronta-se com a própria consciência.

A Verdade resulta na paz — Paz de Espírito.

Carter

## O MAR E VOCÊ

**O**lhar o mar é ver a vida. Não a vida no sentido do hoje mas sim a existência inteira do ser.

Aquela película transparente e espumosa que molha nossos pés na praia, pode ter vindo do ponto de maior profundidade das águas oceânicas, de ontem para hoje.

Somos transeuntes do mar.

Partindo de uma praia, se pudéssemos ir andando mar a dentro, ininterruptamente, iríamos alcançar, muito além após vencer incalculável massa d'água, pisando profundezas colossais, uma outra praia, talvez de um outro continente. Nessa fantástica travessia iríamos ver e até tocar milhões de criaturas que vivem no mar.

É nesse sentido que o mar se assemelha à vida, de uma praia a outra, a vastidão.

Somos todos viajantes marinhos, porém de superfície, já que conhecer nossa origem é tão inacessível quanto transitar pelo fundo do mar.

Pequenos mergulhos são alertas dadivosos que nos aconselham reformas e retorno à superfície, onde possamos ver a luz.

Ondas agitadas não amedrontam o velho lobo do mar, cômico de que não há tempestades duráveis.

Nosso corpo é um barco que navega sobre as águas do mar, direcionado pelo Espírito, qual leme que obedece ao timoneiro.

— Para onde vão os barcos? Fazer o quê?

— Para novas terras, levar experiências, colher aprendizados, conhecer povos, ver novos costumes. No fim da viagem, no ocaso

de cada etapa, o timoneiro é convocado a deixar o velho barco, a preparar-se para uma nova missão, em outra nau.

Brisas e marés regulam-se pela Lua, corpo celeste bondosamente vinculado por Deus à Terra, equilibrando sua órbita, disso resultando que nós, indiretamente, tenhamos parte de nossas vidas físicas vinculadas a ele.

O Sol, a Lua, o mar. Deus, o Evangelho, a Vida.

Vagalhões e maremotos são fenômenos de superfície, tanto quanto nossos dramas, dores e problemas, conquanto nos desequilbrem enquanto durem, poderão atenuar-se se alçarmos pouco que seja do seu alcance, elevação essa conseguida pela prece, pela fé.

Jesus é um arco-íris que une praia a praia, de continente a continente, sobrepairando manso e protetor, iluminando os mares e todos que nele e por ele viajam.

O Sol, todos os dias, traz para o alto um pedaço do mar (por evaporação), que ventos transferem de um para outro meridiano, onde essa porção marinha (nuvem) retornará para baixo (chuva), indo, afinal, para os rios.

Já os rios do mundo inteiro, direta ou indiretamente, de forma inexorável vão para o mar, assim como todos os Espíritos encarnam.

Esse é o ciclo das águas: mar/Sol/nuvens/chuvas/rios/mar.

Eis o ciclo da vida: Espíritos encarnam, vivem, movimentam-se, evoluem e depois retomam o estado espiritual, de onde voltam a encarnar, repetindo tal roteiro, qual pêndulo que para cada ser marca suas horas de evolução terrena, rumo à eternidade.

Viajantes do mar; velas ao vento. Latitude norte, rumo para Jesus. Velocidade cristã.

Carter

## COMEDIMENTOS

Amigos médiuns,

**A** mediunidade é universal e o comedimento é individual.

Criatura sobre a Terra não há que não apresente característica mediúnica, sensível ou não, pública ou íntima, atuante ou latente.

A mediunidade pública é aquela cobradora amiga que leva o homem a conceber outra situação, diferente da material, até então e até ali, a única percebida e vivida.

A divulgação social de que alguém é médium é muito mais próspera e branda do que aquelas crises sucessivas e progressivas que começam por desajustar condições distantes. Depois, o desequilíbrio se aproxima e condições circunstantes ligadas ao médium trazem-lhe, de bojo, distúrbios inimaginados.

Nesse preciso ponto, volta-se o Espírito para o Mais Alto, já que a matéria só quer ir para o mais baixo.

Predominando a centelha do Criador, a criatura volta suas vistas para algo que mais recomende-lhe as buscas de verdades outras. Aí, encontrando o Evangelho, encontrará a Paz, porque encontrará o trabalho na Seara do Senhor.

Mediunidade é plantação decorrente de colheita.

Geralmente, se é médium para, com trabalho árduo (colheita), ressarcir danos de que tenha sido causador (má plantação). Auxiliando mediunicamente ao próximo, encarnado ou desencarnado, estará esse médium, sim, plantando o próprio futuro, através da colheita do passado.

Cada médium, se comedido fora, desequilíbrio não o houvera visitado. Comedimento no viver, no pensar, no agir:

Ver Deus naquilo que olhar, sem que se julgue médium vidente;  
Sentir a Bondade do Pai dentro do próximo, considerá-lo irmão,  
sentir-lhe fraternidade pura, sem ser imbuído da chamada  
sensorialidade anormal;

Falar no Bem e senti-lo;

Falar no Perdão, sem dar créditos à vingança;

Falar de uma flor e os Espíritos ouvintes sentirem o perfume  
único da palavra sincera;

Assim falar e não se julgar pregador missionariamente  
equipado com dons mediúnicos da oratória.

Esse será o médium comedido.

Para não retrocedermos aquém, lembremo-nos de que Platão,  
médium da Filosofia, com enlevo e respeito, descobriu, por suas  
comedidas observações que Deus, que criou todas as coisas, criou  
em primeiro lugar a Geometria e com ela banhou todas as demais  
criações.

A engenharia terrena, cada vez mais prodigiosa vai sendo, ao  
aproximar suas formas construtivas da simplicidade que Deus  
exemplifica em tudo, minerais, lagos, rios, mares, montes,  
montanhas, serras, planetas, estrelas e, finalmente, nos vegetais,  
nos animais e nos humanos, tudo maravilhosamente disposto, com  
o único tributo voltado para o equilíbrio universal. Atributos  
materiais, em servidão permanente aos seres vivos e estes, em  
convivência de autoajuda.

Eis o comedimento da Natureza.

Conclamou Jesus, como atributo humano, amar ao próximo.

Eis aí onde se verá a universalidade da intercomunhão, do  
material ao espiritual, do humano ao divino, começando pelo  
comedimento em não se considerar detentor situado nos píncaros  
excelsos do saber, mas sim, no plano linear, vendo no próximo um  
seu irmão, no qual, assim como em você, Deus também habita.

Apenas um exemplo: os felinos, como de resto todos os  
animais, nossos irmãos menores, na densa evolução em que se  
encontram, já demonstram aos seus pares procedimentos de

respeito e proteção, indiscutivelmente sinais primordiais de que neles o amor está nascendo.

Carter

## ARRIBAÇÃO

Amigos na Fé,

**E**m busca da sobrevivência, guiadas por indefinido instinto, aves graciosas, de numerosas espécies, andorinhas, por exemplo, fazem rotineiras viagens intercontinentais, sobrepondo-se a oceanos, em busca de regiões mais quentes, onde o alimento, hospedagem e formação familiar lhes seja garantida.

Saem do frio e vão para o calor — ninguém sabe quem as guia.

Somente a Mão de Deus elucida esse mistério milenar.

Passada a estação fria na origem, a ela retornam aquelas criaturas mimosas, viajantes aladas, que ali permanecerão até que nova estação fria as alcance.

E o ciclo se repetirá.

Não é outra a forma pela qual os Espíritos também se comparam às aves, já que, por essência, as almas são migratórias. Estão sempre arribando.

O Espírito, quase sempre quando na pátria espiritual, em que o frio do remorso pelas más ações alcança sua consciência, sente incoercível necessidade de refazimento, de novas oportunidades. Nunca, como aí, se compreenderá a Bondade do Pai, em permitir a sublime arribação que é a desencarnação, seguida de reencarnação.

Deus é a Infinita Sabedoria, o Amor interminável, a Caridade incomensurável e é Seu o processo de o Espírito encarnar, sendo que, exatamente o mesmo é o que o leva a desencarnar. Espírito e matéria revezam-se alternadamente na jornada da Evolução.

Até mesmo nas crises mais devastadoras, nos acontecimentos mais difíceis, nos trilhos das dores maiores, o Amor de Deus está presente. O migrador é que não O busca, erra na direção que o instinto o aconselha e percorre vias do mal, desprezando o Bem.

Só mesmo a intempérie particular e individual têm força suficiente para convencê-lo ao reconduzimento da boa rota, tais são os capítulos que o arrependimento bem descreve no livro da nossa vida.

Companheiro de viagem:

- não se atormente, não se diminua, não se entregue à sensibilidade exagerada, ao ver partir alguém cuja companhia lhe era grata; carece refletirmos que o ato de partir é rotina da criatura humana;

- o aluno que conclui o curso e transfere-se para outras escolas, em cursos mais adiantados;

- os professores que o destino profissional faz galgarem postos mais elevados, ou os transfere de escola e de cidade;

- o viajante comercial que, por promoção, parte para outras terras, às vezes, só, às vezes, com a família toda;

- os músicos que vão para outras orquestras em estágios de aperfeiçoamento musical;

- os atletas consagrados que se transferem amiúde para outras agremiações esportivas, às vezes, em outros países;

- os médicos que se instalam em vários hospitais, sempre buscando aprimoramento e maiores conhecimentos, volta e meia realizando aperfeiçoamentos no exterior;

- os escritores, poetas e artistas que se põem a percorrer o mundo, em busca da inspiração ou de locais apropriados às suas tarefas;

- e, finalmente — fundamental é dizê-lo —, quantos são os médiuns que se transmudam de casas de oração, em busca de equipes que lhes sejam mais fraternas e onde seu trabalho lhes dê o indispensável aconchego que só a Amizade pode conceder.

Prudente será observarmos essas e inúmeras outras arribações e em todas, sempre encontraremos Deus conosco — no passado, no presente e, certamente, também no futuro.

Se os anjos e os profetas vêm de tempos em tempos, dos planos nos quais brilha o arrebol divino do Amor, para conviver conosco (criaturas falhas e às vezes falidas), não poderíamos de nenhuma forma nos esquecer de que em todas as dimensões, em todos os espaços e em todos os tempos, Deus, na Sua condição piedosa da Onipresença, sempre esteve e estará em nós, aquecendo uma por uma de todas as nossas células.

Carter

É rotina humana construir residências.

É rotina também, às vezes, residências serem alugadas.

E não menos comum é encontrar-se inquilinos dos chamados lares itinerantes, boêmios, indigentes, ciganos, andarilhos, artistas, viajantes profissionais — formando todos um conglomerado desses aparentemente deserdados de uma casa em endereço fixo.

Os homens constroem casas para moradia, partindo sempre da escolha minuciosa de terreno bem localizado, de planta bem arquitetada, de material bem apropriado e de pedreiros os mais competentes.

Entre ansioso e feliz acompanha, do alicerce ao telhado, da decoração à inauguração, o desenvolvimento de todas as etapas da edificação. Depois, quando a casa é para uso próprio, ali reside com a família, às vezes por longos anos.

Mas também, não raras vezes, muda-se para outras casas. E dessas, para outras. E para outras.

É essa uma dinâmica ocorrente à revelia da família.

Acontece, simplesmente. Inevitável.

Em outros casos, quando a construção é para fins comerciais, quem as realiza, ao seu término, comercializa-a e a ela não retorna jamais. Essa é outra faceta da dinâmica imobiliária terrena.

Tal acontece também com nossa intuição religiosa: frequentamos aquela igreja, aquele templo, aquele centro espírita, ou aquele terreiro, ou aquele outro local religioso, segundo nossa ótica mental.

E segundo fatores espirituais que nos dirigem.

Ali, sem contradita possível, melhor irão residir nosso Espírito e todos os nossos defeitos, e todas as nossas virtudes, toda nossa evolução individual, enfim.

Se, por exemplo, ajudamos a construir nosso recanto de orações e nele nosso Espírito instala-se confortavelmente, entre amigos fraternos, tolerantes e afinados conosco, formando uma verdadeira família, é quase certo que ali permaneceremos por muitos e muitos anos.

Se, ao invés, participamos da edificação do templo, levados por apelos promocionais diversos, certo é que, construção pronta, a ela não volveremos partiremos para outras tantas edificações similares.

Estaremos, com certeza, deserdados espiritualmente do nosso próprio cantinho d'alma, de aconchego com Deus, inda que somente em horas de reuniões programadas, vezes tantas por semana, ou menos ainda.

Fato que é melhor acontecer do que inexistir.

E, se tivermos a graça honrosa de encontrarmos uma boa árvore religiosa acolhedora e para quem quiser, onde outros Espíritos ali já se tenham posicionado, em trânsito pela carne ou dela já libertos, sendo todos inquilinos fiéis do Bem, então, amigos meus, instalem residência ali também.

Comunguem experiências com os demais, dediquem-lhes amizade plena. Mas não se olvidem acolher quem por aquelas bandas transitar, faminto e desesperançado. Muitos adentrarão. Alguns permanecerão. Outros tantos partirão para outras buscas, outros destinos.

O melhor agradecimento que se poderá dirigir a Deus, por tal dádiva, será proceder como Colombo. Que partiu de fatos concretos para destino supostamente abstrato, descobrindo a América. Que hoje é residência de milhões de Espíritos, herdeiros do benefício dessa fantástica descoberta, já que seus corpos aqui veem a luz e aqui se mantêm graças à generosidade fértil da terra.

E imitem Kardec, quando a benefício dos Espíritos, legou para toda a humanidade, em todos os continentes, a morada espiritual e iluminada do Espiritismo, confortador e esclarecedor.

Apenas dois exemplos — Colombo e Kardec —, do que um único homem pode fazer pelo próximo.

O navio e o Evangelho sejam, pois, de alguma forma, veículo e instrumento da nossa caminhada, rumo à Evolução.

Ventorini

## BAGAGENS

Quando os egípcios construíram as pirâmides, lançaram muito longe, no tempo, ensinamentos inéditos.

Tanto quanto não existia ainda a geometria, é certo que não foi em escola terrena que tantos ensinamentos foram ministrados aos construtores daquelas maravilhas.

Cinco mil anos nos separam daquele evento.

Pergunte à Ciência: se tão atrasados eram os povos de então, em que os conhecimentos científicos eram tão singulares, como surge um povo com tal potencialidade?

Forçoso buscar a resposta fora do perímetro terrestre, pois não?

Muito bem.

Quando Kardec, em 1857, iniciava com o "O Livro dos Espíritos" a solidificar as bases do Espiritismo, será que ali estava também aplicando conhecimentos recentes? Nesse caso, de qual escola?

Forçoso também buscar a resposta fora das fronteiras do mundo material.

As pirâmides ainda não ensinaram tudo.

No entretanto a geometria surgiu, muito depois, e vários outros setores da matemática já nos contemplam.

As obras básicas (cinco livros) com as quais Kardec codificou a Doutrina dos Espíritos, também ainda não esgotaram todas as lições. No entanto, aqui mesmo no Brasil, para nos restringirmos nas proximidades, vão surgindo milhares de outras obras literárias adjacentes.

E guardando as fases, de novos aprendizados, há inegável proporção de harmonia.

Vejamos agora nosso caso: vivemos com nossas mazelas, com nossas queixas, esquecendo-nos de que são sintomas do passado que requerem retoque no presente, para extinção no futuro.

Somos viajantes dirigindo veículos com *trailer* (carro-reboque). Se nosso *trailer* está sobrecarregado, dificultando o deslocamento, é quase certo que nele encontram-se pedras que não devem ser jogadas fora. Devidamente empregadas, terão justa destinação, auxiliando quem esteja iniciando construção.

Com efeito, nesse caso, as lições do passado, principalmente as de efeito negativo, podem e devem ser enunciadas no presente, para que outros as evitem.

Se um prego torto nos fere o pé, não nos voltemos contra ele, refletindo quanto daria um naufrago que aportasse em ilha solitária para possuí-lo e transformá-lo num anzol.

Criaturas nervosas e irritadiças muito se beneficiariam se sua magnífica força operasse em prol de crianças sem pai. Junto delas, pela caridade, o nervosismo logo se transformaria em inesgotável energia educadora.

Pessoas quietas e passivas, indo a um hospício ou a um presídio, já a partir de suas auras, em visível contraste com a revolta e agitação reinantes, transmitiriam harmonia e calma aos ali segregados.

Assim, todos nós devemos sempre olhar para trás, identificando a bagagem do nosso *trailer*, para trocar pedras e pregos entortados por água fresca e peixes.

E boa viagem!

Jairo

## O LÍRIO E A CEGONHA

**D**os sofrimentos por que passa a criatura, as dores da alma são superlativas às do corpo.

A perda de seres queridos, por exemplo: em que farmácia haveria um remédio para eliminar a saudade da alma daquele que aqui ficou?

Anos e anos a lembrança não se apaga, eis que tal dor é chama inextinguível.

Há um bálsamo consolador: a compreensão das vidas múltiplas, que já favorece aos espíritas. Exige, apenas, para fazer efeito, sinceridade na sua aceitação, quando então surge anestesia à suprema dor da perda do convívio terrestre com entes amados.

Outra dor da alma: o desterro (outra perda da convivência com seres amados).

Quase todas as criaturas humanas julgam-se desterradas: seja de bens materiais, de melhores condições profissionais, ou mesmo de benesses espirituais.

Ainda uma vez mais o Espiritismo autoriza que parte da cortina seja entreaberta e coisas do outro lado sejam vistas e analisadas. Vê-se então, que se está no lugar certo, isto é, "na rua dos seus pecados e no quarteirão do seu merecimento".

Sim: não há um único exilado, em toda a história terrena, e em todas as áreas da atividade humana, que não tenha sido beneficiado com notícias da sua pátria distante, quanto saudosa.

Até mesmo as cidadezinhas mais longínquas recebem as novas das capitais, ou pelos meios de comunicação, ou por viajantes visitantes.

Há dois mil anos um obscuro e distante núcleo cósmico, habitado, chamado Terra, recebeu a fulgurante visita de um viajante que, vindo por certo de lugar muito mais evoluído, levou-lhes, aos habitantes que ali se julgavam em desterro, notícias de um mundo maior, de um mundo melhor.

Ensinou a todos qual condução tomar para chegar nesse outro lugar.

Antes de voltar deixou todos espantados e surpresos, quando, num exemplo de humildade, único e ainda não superado, lavou os pés daqueles que mais de perto o seguiam.

Sejamos como o lírio: causemos admiração à matreira cegonha que muito alto o sobrevoa. Mas a cujo alvor ainda não atingiu, surpreendentemente advindo dos locais poluídos e venenosos, dos pantanais que alimentam suas pétalas, que se abrem todos os dias para o esplendor do céu, lá nas alturas.

Se somos vítimas de dificuldades a nos rodear, vamos alçar voo, em Espírito e pensamento construtivo, ajudando uns aos outros.

Talvez, daqui a muito tempo, quem sabe, mas não importa, possamos também, com autêntica sinceridade e propósito, lavar os pés daqueles que os tenham na lama. Com isso, ajudando-os a se livrarem das impurezas rasteiras das más tendências, veremos que esses irmãos têm no seu íntimo, algo com maior alvura ainda do que o mais alvo dos lírios: o Espírito imortal — criação divina.

Jairo

## CONTRASTES

**T**em fé quem muito já evoluiu.

Chega-se à fé, depois de passar por provas difíceis.

Para que a fé sobreexista, contudo, mister se faz que seja animada pela razão: nada mais atesta a existência de Deus, em toda a natureza, do que o uso da razão.

Munidos de raciocínio, buscando comparações de coisas conhecidas, para compreendermos as desconhecidas, estaremos seguramente encontrando propostas desafiantes à razão.

Nessa condição, se entrarmos numa casa comum, num lar simples, iremos nos defrontar com contrastes reais:

- na cozinha há uma máquina para aquecimento dos alimentos e da água: o fogão;

- ao seu lado, normalmente, existe outra máquina com objetivos contrários: a geladeira;

- a máquina que corta os tecidos, a tesoura, é inseparável da máquina de costura, que os une novamente;

- o martelo, em geral tem um lado para bater pregos e outro lado para arrancar pregos;

- junto aos locais que têm torneiras, com a finalidade de molhar as coisas, tem sempre um pano ou uma toalha para enxugá-las.

- saindo dos lares e já agora no mundo, encontraremos o planeta fundente no núcleo e altamente congelado nos polos.

- a própria equação da eletricidade só é perfeita e funciona se forem unidas as correntes positiva e negativa.

Assim também somos todos nós: somos e representamos a encarnação dos contrastes. Temos o lado bom e o lado mau.

Ficamos mansos e religiosos, quando comparecemos aos templos, em busca da espiritualidade, mas muitas vezes, fora deles, agimos como pequenos carrascos.

Mas tudo se equilibra com o tempo. Tudo.

A pedra disforme e áspera que rola ribanceira abaixo, e rola, rola, um dia será muito lisa e de formato definido. Digam-no os *seixos rolados*..

E nós, por enquanto, ainda somos quais pedras de contornos irregulares, sendo buriladas pelo atrito das provações.

Unidos e contando com o apoio de Jesus, mesmo demorando, um dia chegaremos ao porvir luminoso para o qual Deus nos criou. Então, atingiremos o plano geométrico da paz integral, sem atritos, parando de rolar, porque também aí será o Plano Celestial. Absolutamente plano.

Eurico

## AINDA ACONTECE

Fraternos companheiros,

**A**ndrolau Tadeu era um homem bom.

Desde criança aprendeu a humilde profissão de apanhar árvores e aparelhar toras, para serem usadas em toscas embarcações de pesca que seu pai fabricava, com ajuda de um seu vizinho, assim como ele, carpinteiro também.

Androlau aprendeu bem essa profissão.

Quando cresceu sucedeu a seu pai e ficou famoso, sendo paciente e bondoso ao ensinar a jovens de sua cidade aquela mesma profissão.

Nunca havia compreendido bem de que maneira aquela família sua vizinha viera ter à cidade. Só sabia que o chefe da família, com vários filhos, era amigo do seu pai.

Assim, os filhos do vizinho eram bem tratados em sua casa, principalmente um jovem que desde muito cedo, conquanto ajudasse o pai na carpintaria, demonstrava nos atos, palavras e exemplos, inigualável superioridade moral.

Androlau, surpreso, viu esse jovem crescer e tornar-se, segundo sua ótica, desagregador dos costumes religiosos. Isso despertava a fúria das autoridades governamentais romanas, que determinaram aos seus militares que castigassem pública e exemplarmente os então considerados arruaceiros, seguidores daquele jovem de olhar incrivelmente brilhante e sereno.

Androlau, que protegera muitos daqueles seguidores, os quais cresceram sob suas vistas, arrumou suas coisas, reuniu a família e mudou-se para outra cidade, não muito distante. Lá, na busca de milagres, procurou desenvolver junto com outros estudiosos,

condições anormais de práticas espirituais, não ligadas a fórmulas, rituais e processos ocultos. Julgava-se a caminho da salvação eterna. Vez por outra ouvia dizer dos antigos concidadãos que, segundo a voz popular, cada vez mais irritavam o governo, já que promoviam curas e milagres.

Para ele, os milagres não chegaram.

Alcançado por inesperada crise, de homem abastado, bem posto profissionalmente, aos poucos, Androlau foi perdendo tudo: dinheiro, clientes, ânimo, família, a própria crença. Só se reanimou quando recebeu encomenda do poder oficial para construir algumas dezenas de cruzes, em madeira forte. Construiu-as. Foram elas levadas para sua cidade natal.

Com as finanças momentaneamente equilibradas, decidiu, mais a título de curiosidade do que na verdade rever parentes, ir até as festividades da Páscoa, em Jerusalém.

Chegou alguns dias antes e, perplexo, viu muitos dos seus conhecidos submetidos a julgamentos severos, sendo que o líder, outro não era senão o jovem de olhar firme e luminoso. Aquele ex-vizinho, após processo público, fora condenado ao suplício da crucificação.

As cruzes que Androlau fabricara serviram ao propósito da justiça romana.

Androlau, atordoado, no passar dos anos, só se acalmou intimamente quando certa noite, na véspera da sua desencarnação, teve um sonho maravilhoso: um anjo do Senhor lhe disse, com efeito, que ele procurara distante a bênção que a Vida pusera ao seu lado — o jovem vizinho —, cuja missão era ofertar exemplos de milagres que só o Amor produz; mas que não desanimasse, já que graças à imortalidade, provavelmente em vinte séculos voltaria a ver, face a face, aquele olhar, que nem todos os milênios do infinito conseguiriam apagar da lembrança de quem os houvesse um dia visto.

Nazaré

## NINHOS

**R**emotas lendas, primeiro, dão conta de que aves há que, a título de proteção, conquistam diamantes e expõem-nos ao sol, para aprisionar calor e, no entardecer, conduzem essas pedras aquecidas a interiores de barrancas, onde filhotes indefesos usufruirão, durante a noite, de tal aquecimento.

Populações ribeirinhas aceitaram essas lendas e passaram-nas adiante, nelas crendo. Naturalistas amadores, ouvindo dizer dessas coisas, tomaram-nas como verdadeiras.

Finalmente, pessoas cidadinas, muitas das quais nunca viram um ninho de rio, comentam, sonhadoramente, na felicidade de quem encontrá-los, constituindo um tal achado verdadeira sorte grande.

Verdade ou não, sobressai um colorido evidente dessas narrações, qual seja a proteção dispensada por superiores a inferiores.

Os ninhos, fazem-nos todas as aves, sendo que o Criador as dotou, todas, de esplêndidas noções de simetria e segurança, aliadas a inigualável senso de aproveitamento de qualquer simples raminho que as árvores já tenham despendido.

Ninhos são construções que, sempre em embates de ventos fortes, em tempestades previamente suspeitadas, não se deixam destruir, e quando isso acontece, logo outro virá substituir aquele que derruiu. Todos os seres vivos buscam um ninho, sejam os leões nos covis, os lobos e chacais nas cavernas, os peixes entre contornos e formações subaquáticas, e os homens, em suas residências.

Todos precisam do seu cantinho.

— E o que dizer dos Espíritos?

— Onde se resguardam os párias do Evangelho?

As respostas respondem, por si só, à grandeza dos recintos de oração, sejam de que crença sejam, conquanto busquem Deus.

Entidades espíritas não se medem pela aparência, mas pelo amor coletivo dos seus responsáveis, que sempre têm de colocar a receptividade fraterna em primeiro lugar.

Nessas condições, arquivos precisos e preciosos da Espiritualidade Amiga vinculam a Igreja, Templo ou Centro Espírita, com os Arquivos do Bem, dispensando-lhes a merecida atenção, que se traduz nos méritos que Deus credita a esses pastores, não de cem ovelhas, mas de qualquer quantidade.

O amor não se mede por números. O amor se mede por si mesmo.

Não se pode afirmar que existam aves tão sábias que consigam extrair diamantes do solo, rochoso ou não. Mas, certamente, podemos pensar que houve um dia um Homem que veio do Alto e trouxe brilhantes de pureza filosófica e espiritual tal que, até hoje, passados já quase dois mil anos, prosseguem aquecendo os corações e iluminando os Espíritos de todas as gentes deste grande ninho que é o mundo.

Nazaré

## O EFEITO DOMINÓ

**D**esde o aparecimento do homem na face da Terra, o absurdo acompanhou seus atos.

O absurdo, absurdamente, tornou-se uma rotina humana.

O homem, valendo-se da inteligência, assim que pode, extraiu do seio da terra os alimentos de que necessitava para sua manutenção. Contudo, em paralelo, extraiu também, de maneira sistemática e bem programada, seivas tóxicas. Com elas, proporcionou ao Espírito deslumbramentos fantasiosos, concedendo-lhe acesso a dimensões desconhecidas, com trânsito livre pelo prazer e pela luxúria.

Alimentos e tóxicos vêm da terra e essa proximidade evidencia o absurdo do segundo aproveitamento.

Utilizando a generosidade geológica, fundiu metais, burilou minerais, aperfeiçoou técnicas de forjaria. Temos maravilhosos utensílios e ferramentas, postos a serviço dos lares e fantásticos veículos. Mas — grande absurdo — temos armas poderosíssimas e requintadas, dizimadoras do próprio homem, fabricadas com idênticas matérias-primas e tecnologia.

O revólver e o alicate, o fuzil e a enxada, a granada e a caneca, o trator e o carro blindado são absurdos convergentes da evolução humana.

No campo do Espírito parece que a complacência obnubilou a consciência, e, absurdo dos absurdos, temos, exposta à luz do dia, a defesa do aborto; pior ainda, o mundo está neste instante sendo invadido por apologistas da pena de morte e do suicídio.

Aborto é hoje indicação de competentes intelectuais e até mesmo de médicos que o sugerem e mesmo o efetivam, posto que

escolhido como a melhor das soluções possíveis às intempestivas antecipações de jovens, ou “descuido” de veteranos.

Já o suicídio, escolha aparentemente pessoal, nunca é decidido sem interferência, ativa ou passiva, de outrem; absurdo: a mídia já proclama a existência de especialistas em orientar pessoas que desejam morrer logo, sem dor.

No aborto, a vida não tem início. No suicídio, a vida tem fim.

Essa a visão terrena, que os dimensiona como solução, aplicada aos respectivos problemas que engendram. Contudo, sob a visão espiritual, vê-se que não emancipam os tormentos, antes, os multiplicam, o que é um imprudente absurdo.

Diz-se, na Ciência, que o moto-perpétuo será alcançado pelas leis da dinâmica quando o trabalho resultante de um movimento for interminável e assim, logicamente, maior do que o impulso inicial.

Tal como se tivéssemos um número sem fim de peças de dominó, equidistantemente postas de pé, de forma que, derrubada a primeira peça, todas as demais iriam caindo, em sequência eterna.

O homem, contudo, não alcançou ainda o moto-perpétuo físico.

Mas quase já o alcançou no Espírito, eis que aborto e suicídio desencadeiam movimentos tais que (graças a Deus!) só dolorosas reconstruções morais e prolongada prática do Bem poderão interrompê-los. São tantas as existências necessárias a uma reparação completa que melhor será não se iniciar tal contagem cronológica que terá moldura na dor.

O “efeito dominó” age no plano, derrubando peças.

Mesmo que os responsáveis não regridam espiritualmente, posto que o Espírito não retrograda, os crimes do aborto e do suicídio derrubam também muitas pessoas, lançando-as para baixo, perante a Evolução. *Derrubado* e *embaixo*, aqui, são apenas simbolismos das expiações decorrentes do desrespeito para com a vida, seja do próximo, ou a própria.

É imprescindível lembrar que a prática do Bem e do Amor, perfumada pelas fímbrias da Humildade e da Fé, é igualmente comparável a peças de um imaginário dominó, este, porém, com o

efeito de elevação das peças. Tal é a escada de subida para Deus. Cada ação, um degrau acima e não será menos plausível de aceitarmos Jesus como o impulso inicial dessa nova fase da Humanidade, cujo efeito, já há dois mil anos, vem elevando Espíritos.

Elias José

## O GETSÊMANI DE CADA UM

Irmãos,

Jesus, sabendo a hora da suprema ingratidão, convocou seus amigos apóstolos para um recolhimento no Jardim Getsêmani, situado no sopé do Monte das Oliveiras, em Jerusalém.

Os discípulos o acompanharam.

A hora era de angústia.

Chegando ao lugar, Jesus afastou-se deles e orou:

*Pai, se queres, afasta de mim este cálice. Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!"*

"A angústia de Jesus foi tão profunda que seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até o chão."

A noite era calma, o ar acolhedor, a relva macia, os seres vivos noctívagos, todos ativos. Só os amigos do Homem dormiam e não partilhavam da Sua dor moral, para poder minimizá-la, fosse pelo menos com um olhar solidário. Momentos de infinita tristeza, quando um amigo busca seus pares e os encontra dormindo.

"A seguir, chegou grande multidão. À frente estava Judas..."<sup>3</sup>

Essa é a narração testamental.

Decorridos tantos séculos, somos convidados a refletir que certamente os fatos podem até terem sido esses. O que precisamos descobrir, bem no nosso íntimo é se verdadeiramente Jesus esteve sujeito a angústias, a tristezas infindas e principalmente se teria pedido a Deus mudança no curso dos fatos. A ser verdade que Jesus teria exsudado sangue, isso confirma que Jesus tinha corpo, humano.

---

<sup>3</sup> Lucas – 22:41-47

Podemos, isso sim, com muito respeito e dedução, considerar que os fatos desenrolados no Getsêmani foram palco excelente de uma plantação feita pelo Mestre, para uma colheita a longo prazo.

Até o fim dos séculos, todo aquele que sentir na pele ou na alma o peso da ingratidão, estigma do egoísmo humano, não a ponto de suar sangue, mas quase a ensandecer-se, terá o nunca desmentido e às vezes deslembado, contudo sempre presente, apoio da mão amiga de Jesus.

São d'Ele as abençoadas promessas de ajuda para todos, por todos os séculos. Vinte já se passaram e os comprovantes têm-nos aqueles que a Ele recorreram, como também, e até mesmo, os que ainda não O conhecem.

Todos temos o nosso Getsêmani.

Jesus, humilde e exemplar, teve o seu, com a diferença que se todos tínhamos, temos e teremos Deus conosco, na hora do sofrimento, passamos a contar, a partir do Monte das Oliveiras, também com o Mestre; e, ademais, após um sofrimento não nos aguarda vil martírio, porém a santa e gloriosa resplandecência da acolhida fraterna e bendita da paz que nos dá o entendimento irrecusável proporcionado pelas luzes do Espiritismo, acerca das colheitas.

Como se vê, Jesus plantou no Getsêmani para nós colhermos para sempre.

Domitila

## SUSPEITAS

Afasta do teu viver a suspeita!

A suspeita não é boa conselheira.

Ela é filha diletta do mal-entendido.

E, em mal-entendidos, proliferam suspeitas, assim como quantitativamente a podridão gera moscas.

A suspeita é de fácil penetração em nossas mentes, desde que invigilantes.

A suspeita age incansavelmente, vinte e quatro horas por dia:

- suspeita o empregado que o patrão o odeia e que logo irá despedi-lo;

- suspeita o patrão que o empregado o rouba;

- suspeita o doente que o médico lhe oculta a verdade ou então está comercializando a consulta, de molde a render-lhe mais;

- suspeita o médico que o paciente não crê em seu diagnóstico e com isso não dinamiza a cura;

- suspeita o namorado da namorada e o marido da esposa: o ciúme rouba-lhes momentos de amor e carinho feliz, substituindo-os por clima de guerra, de separação;

- suspeita o comprador que o produto é falso ou usado;

- suspeita o vendedor que o cliente não é bom pagador;

- suspeitam companheiros da autenticidade do médium e até dos Espíritos que o visitam; com isso, suspeitam Espíritos necessitados que a mediunidade lhes fica a dever nova chance;

- suspeitaram os antigos dos Profetas;

- suspeitaram os fariseus de Jesus;

- suspeitaram gerações e gerações das descobertas científicas, atribuindo malignidade ao progresso.

Suspeitas... suspeitas.

A suspeita suspeita de si mesma.

“— Seja a sua palavra SIM, SIM - NÃO, NÃO”, recomendou o Mestre. Isso porque a sinceridade pura, mesmo ingênua, envolvida nas luzes da paciência, é o único antídoto para tão grave, antiga e pertinaz epidemia da alma, que é a suspicácia.

O homem sincero, identificado com a Verdade do seu interior, mesmo que essa verdade não seja aquela Verdade universal, formará em torno de si poderosa aura que o livrará, qual escudo, das venenosas setas da suspeita adjacente.

Cumpre não nos iludirmos quanto ao fato de que na esmagadora maioria dos ambientes materiais ou materializados impera a suspeita.

Sinceridade, abençoada aquisição daqueles que já incluíram os exemplos de Jesus dentre suas obrigações.

Ser sincero com bondade e mansidão é colocar-se na faixa de alcance à virtude suprema do amor ao próximo, amando primeiramente a Deus, cujas Leis, todas, pela sua cristalinidade, estão a muito alto das baixezas da suspeita.

“— Orai e vigiai”, relembramos novamente Jesus.

Ora a Deus e vigia a ti mesmo.

Domitila

## HORA DE PLANTAR... HORA DE COLHER

Companheiro de sempre,

**B**endiz o teu cérebro perfeito pois nele estão instalados todos os instrumentos que regulam os teus sentidos, os teus nervos, os teus músculos, condicionando, com precisão insondável, tua vida vegetativa, alicerce da saúde.

Desde os tempos mais primitivos, o homem rude da idade da pedra, diante do desequilíbrio cerebral de um companheiro, quedava-se em espanto, repleto de indagações não respondidas.

Os bárbaros, no limiar das civilizações, ainda se mantinham em idêntica atitude diante dos "doentes da cabeça".

Os indígenas, com respeito e quietude, sempre trataram seus desajustados mentais com benevolência e até com compreensão.

Somente a partir da civilização moderna o conhecimento humano conseguiu penetrar pouco além da superfície desses desajustes: classificou a loucura. Pela genética, estabeleceu condicionantes de hereditariedade, especificando circunstâncias somáticas e envolvendo antecedentes químicos, com o que dimensionou a loucura e estabeleceu graus para os loucos.

Poucos, pouquíssimos, como o venerando e manso Dr. Bezerra de Menezes, buscaram outros caminhos, outras explicações, adentrando estudos no campo do Espírito.

Bezerra acoplou a deficiência, necessariamente do Espírito, à reencarnação. Assim, diante da irretorquível lógica reencarnacionista, quantificou o passado, com o que explicou aquele infeliz presente.

Há milênios, os ocultistas compreenderam a sábia lei de ação e reação, mas seus estudos, reflexões e conclusões, permaneceram enclausurados nos livros místicos, acessíveis só aos iniciados. Já o Espiritismo, codificado a partir de 1857 por Allan Kardec, iniciando pelo "O Livro dos Espíritos", trouxe à tona o mesmo entendimento, porém ofertando-o a todos os estudiosos sinceros das coisas espirituais.

Os rudes, primitivos, bárbaros e os indígenas, diante da loucura, inexplicando-a, administravam-na, com (e por) respeito.

Só o homem moderno, já banhado pela luz da ciência, revoltase contra a loucura e os loucos, julgando-os aberração da natureza.

Jesus, contudo, tratou os loucos, todos, com afeição, carinho e amor.

Se conheces um louco, conheces um Espírito de mil vidas.

A atual — a milésima primeira — é certamente a regeneradora.

Ajude-o!

Não tenhas a menor dúvida que estarás conquistando um aliado de insuperáveis experiências, de insuspeitável poder magnético e mental, que amanhã, liberto desse entrave cerebral de hoje, será valente, fiel e valioso amigo. Quando emancipado, talvez com tua ajuda, volverá os olhos do Espírito, já serenamente desembaraçado, para a gratidão que te devotará, por todos os dias da tua vida, rumo ao infinito.

Domitila

## O RELÂMPAGO E O "RAIO LASER"

O relâmpago estava no mundo desde o seu primeiro dia. O "raio laser" chegou ontem.

Desde os primórdios da vida no planeta, os insetos, tais como os animais domésticos e os silvestres, aqui tiveram sua moradia. Tais espécies até hoje vivem da mesma maneira como a natureza (Deus) os criou.

Grandes animais, esses sofreram consecutivas mutações, sendo que muitas das suas espécies foram extintas, sendo plausível supor-se que a maioria delas acabará por ser excluída da vida terrena.

Questiona o homem o "porquê" da existência de seres vivos tão peçonhentos tais como os escorpiões, as cobras, as aranhas, os ratos e tantos outros. Na realidade, tais seres animais constituem seguro filtro às mazelas humanas, absorvendo a maligna fluidificação que evolva das mentes enfermiças, praticantes contumazes de crimes hediondos.

Daí terem essas criaturas venenos poderosos, já que eles são a materialização de miasmas espirituais condensados.

Acabada a maldade humana tais animaizinhos terão também cumprido sua missão no planeta Terra e serão transmigrados para outros mundos, igualmente em princípio de adiantamento moral.

Nossos remotíssimos antepassados valiam-se, para a sobrevivência, de início, apenas da força física. Também os animais agiam assim. O homem, graças à inteligência, logo colocou o vento, a água, o Sol, o fogo — e os animais — para trabalharem por ele e para ele.

E assim, milhares e milhares de anos decorridos, temos hoje o mundo num nível tal de evolução científica que causa espanto o progresso da era moderna, onde o dia de hoje é mais evoluído do que o de ontem e seguramente menos do que o de amanhã.

Computadores, cada vez equipados com "chips" mais poderosos, já ensaiam obediência à voz humana (do dono). Será a máquina quase pensante!

Tudo é progresso! Tudo merece louvor!

A mesma aleta que equipava a flecha primitiva, dando-lhe orientação e rumo precisos, em nada difere dos "flaps" e do leme das modernas aeronaves e dos foguetes de grande empuxo que já levaram o homem à Lua e notícias terrestres além do sistema solar.

A matemática empregada para contar frutos, árvores, pessoas, animais, ferramentas rústicas, porções de alimentos etc. é a mesma matemática que hoje arrima a informática e de resto, toda a cibernética.

Tudo a serviço do homem.

Louvável, é certo.

Eloquente demonstração de evolução científica.

Porém e esse é o ponto crítico pelo qual hoje passa a humanidade, se materialmente houve avanços inimagináveis, no aspecto espiritual o homem é ainda troglodita.

Muitas pessoas melhoraram pelo esforço em moralizar seus atos e pensamentos; tudo lhes é adverso nos tempos modernos, porém.

Deus, na Sua Sabedoria suprema, permitiu avanços tecnológicos admiráveis; graças ao livre-arbítrio, o homem construiu, armazenou e está construindo ainda, milhares de artefatos bélicos nucleares. De tal potência explosiva acumulada que pode acabar com a vida no planeta Terra, dezenas de vezes.

Contudo, fosse plano da natureza a extinção da vida, bastaria, por exemplo, a inclinação de apenas alguns graus no eixo da Terra e em segundos tudo estaria consumado. Ou colisão com cometas...

Se há o progresso cibernético ele deve ser encarado como suporte à vida material, de forma a permitir ao homem mais dedicação à espiritual.

Nunca existirá uma única máquina que poderá auxiliar ao Espírito humano na sua incessante busca das virtudes. Eis que a aquisição de virtudes é atribuição exclusiva e específica da consciência de cada um e tal atribuição não é transferível. É tarefa individual. Passo a passo, eternidade afora.

Por tudo isso é de grande valia para todos nós utilizarmos todos os modernos e eficazes instrumentos que facilitam a vida. Mas é também inadiável que ao aproximarem-se os novos tempos de um mundo melhor, saibamos manejar as indicações que emanam do Céu. E que nossos Espíritos, quais sensíveis barômetros registram, de que é tempo de ação caridosa, principalmente junto aos mais necessitados. E o mais necessitado, com ou sem a roupagem carnal, é aquele que ainda não aprendeu a amar, é aquele que coloca o manual técnico à sua cabeceira e o Evangelho no fundo da estante.

Maria, simbolicamente nossa Mãe Celestial, tem preparada a casa para todos os seus filhos, sendo que os de boa-vontade, lá já se encontram. Nós outros, por enquanto em viagem, ali estamos sendo aguardados. Seremos admitidos desde que nossos corações apresentem o passaporte do amor ao próximo.

Domitila